

VENTURAS MIL:

O RENASCIMENTO DA FERROVIÁRIA



GUILHERME MORO E YAGO PERDIGÃO

P433v

Perdigão, Yago

Venturas Mil: o renascimento da Ferroviária/ Yago Perdigão - Ribeirão Preto, 2025.

205p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro
Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dr. Lucas Arantes Zanetti

1. Futebol 2. Livro-reportagem 3. Ferroviária I. Zanetti, Lucas Arantes II. Título

CDU 070

M867v

Moro, Guilherme Henrique

Venturas Mil: o renascimento da Ferroviária/ Guilherme Henrique Moro -
Ribeirão Preto, 2025.

205p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro
Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dr. Lucas Arantes Zanetti

1. Futebol 2. Livro-reportagem 3. Ferroviária I. Zanetti, Lucas Arantes II. Título

CDU 070

Prefácio

“Bota fogo na fornalha que eu preciso muita força, muita força, muita força...” (BANDEIRA, Manuel).

“Trem de Ferro” é um dos meus poemas favoritos. Escrito em 1936, o texto usa onomatopeias e anáforas para reproduzir os sons que as locomotivas fazem quando estão em viagem. A disposição dos versos dá a velocidade do veículo nos trilhos. Brilhante.

Tal qual esta obra que, a partir de agora, você lerá. Quase 90 anos depois da poesia de Manuel Bandeira, Guilherme Moro e Yago Perdigão descrevem com maestria não a história de várias locomotivas, mas sim da Locomotiva mais querida por todos em Araraquara, cidade paulista com pouco mais de 250 mil habitantes.

Botaram fogo na fornalha e mergulharam com toda intensidade na rica trajetória da Associação Ferroviária de Esportes, que precisou de muita força, muita força, muita força para se reerguer após crises que pareciam não ter fim. E conseguiu.

O clube, que nasceu rico pelo número de sócios ligados à antiga Estrada de Ferro de Araraquara (EFA), quase virou esquecimento por meio daquilo que até então era seu principal sustento. A absorção da empresa para a Fepasa quase faliu a Ferroviária.

Aos poucos, com o perdão do trocadilho, a Locomotiva voltou aos trilhos. Contou com sua gente. Não houve um maquinista principal, mas vários.

De Bazzani em campo ao folclórico Milton Cardoso na presidência, passando pelo pioneirismo em se transformar em Sociedade Anônima e pela reforma de dar inveja na Fonte Luminosa – hoje um dos estádios mais modernos do interior paulista - até chegar aos dias atuais com o Grupo Bertolucci.

Ao longo das próximas páginas, o leitor embarcará numa viagem épica com altos e baixos, saudosismo e reflexão, mas, sobretudo, muita paixão. Paixão de quem vive e viveu de Ferroviária.

Apronte-se rápido e vá para a estação mais próxima. O trem já vai partir, guiado pelos maquinistas Guilherme Moro e Yago Perdigão.

“Foouooooooooom”.

Assim como o carismático som da locomotiva toca após cada apito inicial de um jogo da Ferroviária na Fonte Luminosa, ele também toca agora para o início de uma jornada que promete emocionar assim como as paisagens vistas pelo vagão do trem.

Viva a Ferroviária, um orgulho do Brasil!

Vinícius Alves, jornalista.

Capítulo 01.

Última Estação

Era mais uma daquelas tardes inesquecíveis na Fonte Luminosa. Dia 10 de abril de 1983. O esquadrão grená fazia uma campanha de invejar muitos times grandes na Taça de Ouro daquele ano. Já na terceira fase do campeonato nacional, o adversário da vez era o poderoso Grêmio, aquele que, exatos oito meses e um dia após o confronto contra a Associação Ferroviária de Esportes (AFE), consagrou-se campeão do mundo em vitória por 1 a 0 contra o Hamburgo, da Alemanha.

Mas o lendário elenco tricolor de Hugo de León e Renato Gaúcho se viu acuado diante da festa preparada pela torcida para o duelo em Araraquara. Foguetório na entrada dos atletas em campo, crianças de mãos dadas com os jogadores, bandeiras tremulando no ferrão de entrada da Fonte e claro, muito papel picado no setor destinado à Boca do Lixo, nome dado à torcida organizada mais hostil da Locomotiva. (1) O nome era porque os membros ficavam bem próximo à entrada do túnel de acesso aos vestiários. Sempre alguém levava a pior diante da organizada. Se a Ferrinha fosse bem, pobre dos ouvidos, mães e familiares dos adversários. Mas se o desempenho do time da casa não agradasse, as ofensas trocavam de lado.

Nesse dia a hostilidade ficou de lado. A Ferroviária jogou bonito! Diante de mais de 12 mil pessoas na Fonte, ela ficou à frente duas vezes no placar, com gols de Marcão, de pênalti, e Claudinho, mas cedeu empate à gauchada já nos minutos finais. Que dó. Placar final, 2 a 2. Naquele dia, em mais uma das inúmeras transmissões da Rádio Cultura de Araraquara, a eterna PRD-4, o comentarista da equipe de Wilson Silveira Luiz, Marinho Benassi, falou com entusiasmo daquele time lendário: Abelha, Marinho Paranaense, Fernando, Pinheirense e Zé Rubens; Júnior (o Dorival),

Douglas Onça e Zé Roberto; Claudinho, Marcão e Bozó.

Um elenco inesquecível. Tão clássico quanto o que se sagrou tricampeão do interior em 1967, 1968 e 1969. Tão importante quanto o que representou o manto grená nas grandes excursões internacionais feitas entre as décadas de 1950 e 1960. A Ferroviária era poderosa. Ora, o time já nasceu rico! Chegou a ter mais de dez mil associados espalhados por todo o estado. A Estrada de Ferro Araraquara (EFA) descontava automaticamente do holerite de seus funcionários um valor em dinheiro para contribuição com o clube. Era o representante associativo de uma das mais poderosas companhias férreas do país. O dinheiro dos associados era reinvestido no elenco e em toda a estrutura do complexo da Fonte Luminosa.

Em 1971, a Estrada de Ferro Araraquara (EFA), que havia dado origem ao clube e garantido por décadas sua sustentação, foi absorvida pela recém-criada FEPASA – Ferrovia Paulista S.A, de posse do Governo de São Paulo. O que à primeira vista parecia uma reorganização administrativa, na verdade significava muito mais: era o fim de uma era de autonomia. A Ferroviária, que nascera do suor dos ferroviários, da paixão dos trilhos e do amor de uma comunidade inteira, perdia sua maior protetora. Ao se fundir com outras quatro companhias ferroviárias, a EFA deixou de existir como entidade independente. Com ela, sumiu também a estrutura que garantia o sustento do clube.

As décadas seguintes trouxeram um vendaval de desilusões. O país mergulhava no rodoviarismo: carros, caminhões e asfalto tomavam o lugar dos trilhos, e as ferrovias, outrora símbolo de progresso, passaram a ser vistas como obsoletas. A FEPASA, sufocada por dívidas, foi aos poucos desmantelando suas operações. Nos anos 1980, cambalea-

va. Nos 1990, agonizava. Em 1996, foi oficialmente transferida à União, incorporada à Rede Ferroviária Federal S/A. (RFFSA), como um último suspiro antes da privatização. E assim, sem base, sem trilhos, sem sustento, a Ferroviária também foi mingando. A crise nos bastidores se refletia em campo. O time, outrora temido, até mesmo pelos grandes, tornou-se frágil, desacreditado. O ano de 1996 seria cruel. Foram 15 jogos no Campeonato Paulista, nenhuma vitória, apenas quatro empates, onze derrotas e uma dor que parecia não ter fim.

O desfecho não poderia ser outro: rebaixamento. Daqueles mais vexatórios, com cinco rodadas de antecedência. A partida que decretou a queda foi um 3 a 0 contra a Portuguesa, no dia 11 de maio, em uma tarde de sol na Fonte Luminosa. Depois de 29 anos ininterruptos, a Locomotiva voltava para a Série A2. A despedida da primeira divisão veio em um empate por 3 a 3 contra o Juventus, na Mooca, em 5 de junho. Foi como o fechar das cortinas. Uma lágrima que correu no rosto da torcida grená e se recusou a secar por 19 longos anos.

A partir dali, a Ferroviária mergulhou numa espiral de problemas que se arrastariam por muito tempo. O clube enfrentava uma grave crise financeira: salários atrasados e dívidas acumuladas. A diretoria, fragilizada e sem recursos, não conseguia manter um elenco competitivo, o que apenas alimentava o ciclo de fracassos.

Se 1996 foi o prenúncio da tormenta, o ano de 1997 mostrou que o fundo do poço ainda não havia sido atingido. Além do agravamento das dívidas e da desorganização institucional, a Ferroviária passou a conviver com a realidade cada vez mais distante dos seus dias de elite. A Série A2 daquele ano foi dividida em dois grupos. A Locomotiva caiu

no Grupo 1, enfrentando Ponte Preta, Bragantino, Santo André, XV de Piracicaba, São Carlsense, Ituano e Paulista de Jundiaí.

Com dívidas volumosas neste período, a diretoria da Ferroviária decidiu terceirizar o departamento de futebol para a disputa do campeonato. Três empresas ficaram responsáveis pela gestão: Moema Comércio e Serviços, Transportadora TWS e Secato Assessoria. Não deu certo. Faltando três jogos para o término do campeonato, as empresas deixaram a cidade alegando falta de apoio do comércio local.

O desempenho novamente foi decepcionante. Em 22 jogos, a equipe venceu apenas cinco vezes, empatou sete e foi derrotada em dez ocasiões. A última colocação no grupo selou mais uma tragédia: a queda para a Série A3 do Paulista. A diretoria apostou em um modelo de reconstrução com jogadores jovens e folhas salariais modestas, tentando equilibrar o caos financeiro. Mas faltavam estrutura, planejamento e, sobretudo, resultados. A falta de investimento e a instabilidade nos bastidores aumentavam a pressão da torcida e a sensação de abandono entre os afeanos. A Ferroviária, antes símbolo de organização e orgulho do interior paulista, havia se transformado num retrato melancólico de um clube à deriva.

ESPERANÇA?

No ano seguinte, em agosto de 1998, o então presidente da Ferroviária, Mário Joel Malara, renunciou ao cargo. Com sua saída, teve início o último capítulo da história da AFE enquanto clube social: a chegada de Milton Cardoso, que assumiu o cargo em 1999 para o biênio 2000/2001.

Durante a votação que o elegeu ao cargo, dezenas de pessoas em uma sala apertada nas dependências da Fonte Luminosa faziam a contagem dos votos. (3) O pequeno ventilador utilizado para abafar o calor pouco fazia efeito diante da aflição de todos os presentes. Em um vitrô com visão para a sala de contagem, olhos atentos do lado de fora aguardavam o resultado da eleição. De repente, festa!

Assim que foi aclamado presidente do milênio da Associação Ferroviária de Esportes, dezenas de torcedores esperavam Milton de braços abertos do lado de fora. Ele saiu carregado, com punho cerrado e sorriso incontido. Parecia título, com direito a buzinas, abraços e pulos.

- MILTON, MILTON, MILTON!

Quem não ficou satisfeito com a festa foi Antônio Parelli Filho, concorrente de Milton na disputa. Presidente daquela campanha histórica da Taça de Ouro, entre 1981 e 1984, Parelli retornou à liderança entre 1991 e 1997. Na nova tentativa, não conseguiu seu terceiro mandato. Perdeu por 224 votos a 104. Do lado de fora, foguetório!

- pa-ta-tá! pa-ta-tá! pa-ta-tá!

Foi uma loucura! Parecia que a torcida havia assumido o clube em uma espécie de Golpe de Estado dentro da legalidade. Os torcedores entraram no ônibus, estampado todo na cor grená e com uma larga faixa branca de fora a fora da carroceria com o nome da associação. Quem estava dentro do veículo estendeu uma faixa com os dizeres: “Milton é nosso presidente. Parelli nunca mais!”. Recado direto e reto. A noite de celebração foi como se a torcida e o clube fos-

sem anestesiados com uma forte dose de morfina diante dos inúmeros problemas administrativos e financeiros da AFE.

E, por carregar o sentimento de ser um torcedor na presidência, por inúmeras vezes Milton se envolveu em encrencas. Uma das mais lendárias foi durante seu primeiro ano na presidência. Em uma vitória por 3 a 0 contra o Barretos, em partida válida pela Série A3, Milton invadiu o gramado tomado por fúria. A arbitragem, comandada por Robério Pereira Pires, teria ignorado, segundo ele, três pênaltis claros para a equipe. Indignado, o dirigente ultrapassou os limites da civilidade esportiva: confrontou o árbitro, bateu boca com os auxiliares e acabou agredindo o representante da Federação Paulista de Futebol (FPF), Silvio Roma. Apesar da gravidade, a cena é hilária. O presidente escorregou antes de partir para cima do árbitro e foi contido pelos próprios jogadores. A consequência foi imediata: suspensão de 30 dias pelo Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), ampliada posteriormente para 60 dias. Histórias de Milton Cardoso e da Ferroviária.

Para manter o clube em pé, o presidente usava a criatividade. Rifas de veículos, promoções, bingos e até rodeios passaram a ser realizados no estádio da Fonte Luminosa como forma de arrecadar recursos e atrair público. Era a tentativa de sobreviver em meio ao caos. Na ocasião, metade do campo da Fonte foi coberto por areia. Na época era legalizado promover rodeios na cidade, o que desde 2011 é proibido por lei municipal. Em um retrato do fundo do poço, os atletas treinavam ao lado de touros e peões. Um deles até montou no touro com uma camisa da AFE. Era rir para não chorar. À esta altura, o gramado já era um verdadeiro pasto, inclusive com os bois.

A torcida tentava ajudar como podia. Na época, torcedores criaram o movimento “Levanta, Ferroviária”. A iniciativa reuniu rostos conhecidos das arquibancadas, entre eles, Geraldo Luís Tampellini, Waldemar Pachoalino (Dr. Pisquá) e Fernando Jóe. O grupo fazia aportes mensais, através da contribuição de R\$ 100 por integrante. Assim conseguiam auxiliar no mínimo necessário para continuidade do clube: da gasolina colocada nos ônibus ao bicho dos jogadores.

Jóe por muitas vezes foi ao hortifruti Braghini para pedir alimento aos atletas que residiam na pensão do São Geraldo, uma chácara no meio da cidade onde os jogadores se concentravam e muitos deles moravam, principalmente os solteiros. Um local enorme, que na década de 1960 foi elogiado até mesmo pelo rei do futebol, o Pelé. Ele descreveu a propriedade como um verdadeiro paraíso. Mas os tempos eram outros. A fartura deu lugar às despesas vazias. Os cachos de banana e unidades de maçã doadas pelo mercado de frutas e verduras ajudavam. Aliás, diante da precariedade, tudo o que viesse ajudaria. Por sua vez, Pisquá, que durante anos integrou o departamento médico do clube, levava carne semanalmente aos jogadores do alojamento.

Neste período, as dívidas com ex-atletas e fornecedores só cresciam. Os principais credores eram Banco do Brasil e o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), cujos valores totais ultrapassam a casa dos R\$ 600 mil. Essas dívidas, somadas aos vencimentos aproximados em R\$ 30 mil que o time não pagou para o volante Borçato, culminaram no leilão da pensão do São Geraldo. Uma verdadeira humilhação.

O imóvel, que na época era ocupado por 21 atletas, teve valor avaliado em R\$380 mil (4). Para reverter a situação,

Milton Cardoso tentou uma venda a todo custo. Sem sucesso. O imóvel foi arrematado por um empresário paulistano no dia 6 de abril de 2000, seis dias antes do aniversário de 50 anos da Associação Ferroviária de Esportes. O advogado conseguiu embargar a decisão, mas um novo leilão foi feito, desta vez sem possibilidade de reversão. A construtora Vivenda Nova (5) arrematou a propriedade. Apesar de ter demolido os quartos e toda a estrutura presente no local, a construtora nunca explorou o espaço comercialmente. Era como se, mesmo já não mais pertencente à Ferrinha, ainda sobrasse a história dos tantos representantes da armadura grená que ali moraram.

ROLA A BOLA

Em 2000, o Campeonato Paulista da Série A3 foi dividido em três fases distintas. Na primeira, 16 clubes foram agrupados em quatro chaves com quatro times cada, que jogaram entre si em turno e retorno. Apenas os líderes de cada grupo avançariam para a chamada semifinal intermediária, uma espécie de atalho para a segunda fase da Série A2 ainda naquele ano. O Olímpia foi quem melhor aproveitou essa estrutura: venceu sua chave, brilhou na semifinal e conquistou o acesso imediato. Enquanto isso, o Oeste de Itápolis, vindo da Série A2, foi rebaixado e passava a integrar a segunda fase da Série A3. Mais um daqueles regulamentos malucos do período.

A segunda fase da competição era ainda mais impiedosa: os mesmos 16 clubes disputavam um turno único, todos contra todos. Os oito melhores avançavam às quartas de final. Já os dois últimos colocados teriam destino cruel o rebaixamento à temida Série B1. As fases finais em for-

mato mata-mata definiram o campeão e o segundo clube promovido à Série A2 de 2001. A Ferroviária não conseguiu se impor nem na primeira fase. Com um elenco limitado, recursos escassos e moral baixa, o clube ficou fora da disputa pela vaga antecipada. Na segunda fase, a situação não melhorou. Os pontos não vinham e as derrotas se acumulavam. O resultado foi trágico: uma das últimas posições na classificação geral e rebaixamento para a Série B1 do ano seguinte. A AFE, enfim, conheceu o seu fundo do poço.

Pelo menos em 2001 o time conseguiu retornar à Série A3 logo de cara, mas não sem antes de uma reviravolta. Com um elenco liderado pelo atacante Grafite, trazido por Milton da Matonense e que anos depois figuraria no alto escalão do futebol mundial com passagens por São Paulo, Wolfsburg da Alemanha e também pela Seleção Brasileira, a Ferrinha terminou a temporada na 4ª colocação. Portanto, não havia acesso garantido por mérito de campo, já que subiam somente os dois melhores times. Milton Cardoso arrumou briga pelo acesso. E das grandes.

Eduardo José Farah, presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), arquitetava uma reorganização do campeonato. A criação do Torneio Rio-São Paulo, que concentraria os grandes clubes, exigia um rearranjo das divisões inferiores. Era a brecha que a Ferroviária precisava.

“Enfrentamos questões políticas. O presidente da federação, Eduardo José Farah, queria criar uma nova liga com clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro e eliminar os acessos entre divisões”, explica Milton Cardoso.

Temendo que a Ferroviária não fosse contemplada no pacote de favorecidos, Milton decidiu agir. Ele tentou ser candidato à presidência da FPF, uma ousadia para um clube mergulhado em dificuldades.

“Montei uma chapa contra ele. Para registrá-la, precisava de assinaturas de clubes de todas as divisões de São Paulo. Consegui 22 assinaturas, incluindo de dois clubes grandes, cujos nomes nunca revelei por questão ética. No entanto, faltaram duas assinaturas para o registro, e não pude concorrer”.

A tensão aumentava. Milton chegou a ameaçar acionar a justiça comum para suspender o campeonato caso os acessos fossem cancelados. Em Araraquara, a torcida acompanhava pelas ondas do rádio a possibilidade de uma virada de mesa extra-campo. Para evitar um escândalo jurídico e preservar o calendário, foi decidido: todas as divisões do Campeonato Paulista teriam cinco clubes promovidos e nenhum rebaixado.

Milton concedeu entrevista para esta livro-reportagem dentro de sua casa, na Rua Princesa Isabel, na tradicional Vila Xavier, em Araraquara. O ex-presidente continua sem papas na língua, mas sem o mesmo vigor de outros tempos. Com orgulho, mostrou-nos uma bandeira da Locomotiva que guarda com todo o carinho. Ela ficava hasteada na Fonte Luminosa desde os tempos da fundação do clube, na década de 1950. Também mostrou as homenagens recebidas ao longo da vida e se emocionou ao relembrar os momentos vividos dentro do dia a dia grená.

FIM DA LINHA

Vinte e dois anos antes da nossa visita a Milton, a AFE conseguiu se safar do rebaixamento na Série A3 de 2002, com comando do técnico Dorival Júnior em início de carreira. Mas em 2003, a Ferroviária enfrentou mais um ano difícil e desta vez, não conseguiu se reerguer. Após mais

uma campanha muito abaixo, o time ainda chegou à última rodada com chances de escapar da degola. No dia 16 de março, no histórico estádio do Palestra Itália, palco do confronto contra o Palmeiras B, a AFE precisava de uma vitória simples para escapar do rebaixamento. Mas, pressionada, a equipe sucumbiu: 2 a 1 para o adversário e a confirmação do quarto descenso em sete anos.

Menos de um mês depois, no dia 11 de abril, Milton Cardoso anunciou sua renúncia à presidência, alegando perseguição política do então prefeito de Araraquara, Edinho Silva. Segundo Milton, chefe do Executivo usou a Ferroviária para se eleger por meio de promessas políticas de salvar o clube. Quando contrariou suas interferências, criou um movimento para forçá-lo a sair. Já Edinho alegou que tentava ajudar a AFE desde a época em que era vereador, mas o presidente não deu abertura, muito menos espaço para diálogo. Ele ainda diz que a própria torcida pediu para intervir (6).

A Ferroviária estava deteriorada. Sua identidade, que resistira ao tempo, às transformações e à pressão das grandes forças da capital, começava a ruir. E o torcedor, cansado de tanto sofrimento, via a esperança se esvaír. Até mesmo os mais fanáticos, aqueles que jamais deixaram de acreditar, começaram a duvidar da própria fé.

1 - https://www.youtube.com/watch?v=aNafLzzY_WM

2 - Entrevista com Gustavo Ferreira, monitor do Museu de Esportes de Araraquara em setembro 2024

3 - <https://www.youtube.com/watch?v=LzM0r-zpmSo>

4 - <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0106200019.htm>

5 - Entrevista com Milton Cardoso em setembro de 2024

6 - Entrevista com Edinho Silva em agosto de 2025

Capítulo 02.

Essa Empresa Dá Jogo

No final do século XIX, em 1897, o município de Araraquara vivia um período de expansão econômica e populacional motivada pela chegada da ferrovia. O crescimento era rápido e eminente. Tudo na cidade era bem-visto pela imprensa e pelas cidades vizinhas. A grande quantidade de praças, ruas arborizadas e a presença dos trólebus colocavam Araraquara no patamar de uma verdadeira cidade modelo.

Embora a Morada do Sol, como já era chamada, vivesse um momento de imagem midiática irretocável, ainda imperava um regime coronelista, em que grandes proprietários rurais exerciam enorme influência sobre a vida econômica, social e política na sociedade.

Tal regime se dividia entre dois grupos antagônicos: os republicanos, liderados pelo coronel Antônio Joaquim de Carvalho, e os monarquistas, sob a influência do coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz. A rivalidade refletia as transformações do país após a Proclamação da República, em 1889. Enquanto os republicanos buscavam consolidar o novo regime, os monarquistas resistiram à mudança, defendendo os valores do antigo Império.

Essa tensão se manifestava tanto nas disputas eleitorais quanto no ambiente cultural e jornalístico da cidade. Um dos personagens centrais desse embate foi o jovem jornalista sergipano Rozendo de Souza Brito. Ativo defensor da monarquia, Rozendo utilizava o jornal local como espaço para divulgar suas ideias e criticar os republicanos. Seus artigos eram considerados ofensivos pelo coronel Carvalho, figura de grande prestígio no grupo republicano e que era dono de uma enorme plantação de café na zona rural. Ele ainda detinha um enorme casarão onde mantinha, em cárcere, muitos escravos. A fazenda era rodeada

por castigos cruéis e desumanos para quem era submetido ao trabalho forçado.

Era mais um dia comum daquele ano, 30 de janeiro. Rozendo entrou na farmácia em que o tio, Manuel de Souza Brito, era gerente. O estabelecimento era localizado na Rua São Bento, próximo à Igreja Matriz, marco zero da cidade. E foi lá mesmo, entre os medicamentos e olhares atentos, que Brito encontrou seu algoz. Iniciou-se uma discussão e o coronel não teve dúvida: pegou o jornalista pelo peito e, com uma bengala, desferiu inúmeros golpes na cabeça. Rozendo, acuado, sacou um revólver. Dois disparos. Um no velho coronel, que caiu, e o outro no teto. O poderoso homem não resistiu ao ferimento e morreu. Não houve fuga. Rozendo permaneceu. Foi preso junto com o tio, acusado de cumplicidade.

No dia 6 de fevereiro, após a missa de sétimo dia, os Britos ouviram passos na delegacia. Um grupo. Muitos. Pisavam forte no chão. Com a conivência dos policiais, Rozendo e seu tio Manuel Brito foram arrancados pelos braços e arrastados para fora da prisão como sacos. Pelas vielas da cidade, foram levados até a Praça da Matriz, onde dias antes o coronel fora sepultado. A mesma praça onde o povo se unia para pedir bênçãos, agora virava palco de vingança de familiares, subordinados e simpatizantes políticos do falecido mandatário. “O inevitável linchamento, imaginem só”. A frase citada por Mano Brown na música “Homem na Estrada”, dos Racionais MCs, não fala sobre este acontecimento, mas ilustra este triste capítulo da cidade de Araraquara.

O feito ficou conhecido como Linchamento dos Britos. A cidade, antes famosa pela sua rápida expansão, ganhou o apelido de “linchaquara”.

NOVOS TEMPOS

É neste contexto que nasce a “Nova Araraquara”. Os grandes fazendeiros do café, homens de terno engomado e mãos acostumadas a contar o dinheiro oriundo do lucro da terra, decidiram transformar a mancha em vitrine. Inspirados pelas cidades europeias que conheciam de fotografias e relatos de viajantes, uniram forças, recursos e ambições. Como símbolo desta retomada da cidade, foi construído o Teatro Municipal (1), luxuoso espaço cultural que levou três anos para ficar pronto. Um monumento imponente, de três andares, 918 lugares, 22 camarins, iluminação sofisticada e tapeçarias com cenários importados da Europa .

Inaugurado em setembro de 1914, passou a ser o orgulho da cidade, mas o tempo, implacável, cobrou sua parte. Após anos de espetáculos, o local ficou de lado. Sem manutenção por parte do poder público, o prédio foi fechado em 1962 e demolido quatro anos depois para dar lugar a um condomínio que ninguém viu pronto. O poder público herdou os escombros e ali ergueu a Prefeitura Municipal.

“VAMOS DEIXAR A FERROVIÁRIA ACABAR?”

Após 37 anos, o mesmo espaço que um dia foi símbolo da retomada de Araraquara, agora casa da Prefeitura, passaria a ser o local onde seria definida a retomada da Ferroviária. O mesmo endereço na rua São Bento, no lote 840. Claro, sem o charme da arquitetura Belle Époque, que ficou no passado, e deu lugar a um prédio alto e cheio de

janelas. A cara dos anos 1970.

- Vamos deixar a Ferroviária acabar?

Foi a pergunta feita pelo então prefeito de Araraquara, Edinho Silva (PT), para um grupo de 30 empresários da cidade, pouco após o quarto rebaixamento do clube em sete anos, em março de 2003 (2).

Nascido em Pontes Gestal, uma pequena cidade do interior paulista, filho de Antonio Gomes da Silva e Maria José Piedade da Silva, Edson Antônio da Silva se mudou para Araraquara em 1973, onde esteve em campo na vitória da Locomotiva por 1 a 0 sobre o São Paulo. Antes mesmo da maioridade, já enfrentava o cotidiano urbano como office-boy, passando por empresas locais como a Distribuidora Andrade de Publicações, a Meias Lupo S/A e a Fábrica Clímax. A labuta diária era dividida com uma paixão: o futebol. Nos anos 1980, vestiu as cores da Associação Ferroviária de Esportes, integrando as categorias de base. Jogava de volante, zagueiro e lateral.

Foi nessa época em que se apaixonou pelo grená e branco e nunca mais deixou de acompanhar. Viu de perto o lendário esquadrão que fez história na Taça de Ouro de 1983, que hoje é equivalente à Série A do Campeonato Brasileiro. Sabia de cor os 11 titulares daquele elenco: Abelha, Marinho Paranaense, Fernando, Pinheirense e Zé Rubens; Júnior (o Dorival), Douglas Onça e Zé Roberto; Claudinho, Marcão e Bozó. Entre 44 times, a Locomotiva ficou em 12º lugar, deixando para trás potências como o Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Internacional e outros grandes do futebol nacional.

Nesta época, Edinho jogava na base da Locomotiva.

O volante, sem tanta habilidade técnica, se definia como eficiente e, apesar de ter tentado carreira como jogador, foi nas Ciências Sociais que Edson Silva encontrou o campo onde fincou raízes mais profundas, profissionalmente falando. Formou-se pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara e mergulhou nos debates que moldaram o pensamento crítico da época. Jovem atuante na comunidade católica, envolveu-se intensamente com a Teologia da Libertação, movimento que unia fé e justiça social. A militância o levou, mais tarde, à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde obteve o título de mestre em Engenharia de Produção. Era um sociólogo que via na política o instrumento capaz de transformar a realidade ao seu redor.

Foi nesse período que Edson Silva deu lugar a Edinho Silva, o apelido político que o acompanharia nos tempos de militância posteriores, já pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Edinho ingressou na vida pública com os pés no chão e a cabeça em causas maiores. Não demorou muito para que ganhasse sua cadeira na Câmara de Vereadores de Araraquara. Com pautas sociais liderando suas campanhas, foi eleito vereador em 1992 e conquistou o segundo mandato em 1996. A ascensão chegaria ao auge em 2000, quando foi eleito para seu primeiro mandato como prefeito, com 35,3 mil votos válidos, contra os 26 mil de Marcelo Barbieri (PMDB).

No alto do poder de Araraquara, mesmo de fora, ele tentava encontrar soluções para tentar ajudar a Locomotiva a voltar para os trilhos. Fadada a jogar o Campeonato Paulista B1 pela segunda vez em 2004, a situação da Ferroviária era insustentável. Com rendas penhoradas e dívidas que chegaram ao valor de R\$ 3,8 milhões,

não havia outra alternativa: a Associação Ferroviária de Esportes iria deixar de existir.

A SOLUÇÃO

A conta não fechava. A AFE tinha 9 mil títulos vendidos para associados. No entanto, somente 220 deles pagavam as devidas mensalidades, gerando a renda irrisória de R\$4,5 mil mensais, valor insuficiente para pagar despesas de manutenção de um clube associativo e mais deficitário ainda para manter um departamento de futebol profissional em funcionamento (3).

Não se via outra alternativa a não ser a criação de um departamento de futebol profissionalizado, fora dos moldes de um clube sem fins lucrativos. Um clube-empresa! Era uma alternativa ousada para a época, vista como novidade no início do século XXI, período em que o futebol brasileiro ainda respirava os ares coronelismo implantados pelos cartolas.

Dois meses antes da queda para a quarta divisão do estado, a possibilidade de criação de uma S/A já havia sido sondada por um grupo de investidores. A ideia dos empresários era realizar a compra do complexo da Fonte Luminosa que, além do estádio, contava com quadras poliesportivas, piscina olímpica e a sede administrativa da AFE. Em fevereiro de 2003, uma proposta foi debatida pelos conselheiros. Sob comando de Silvio Aparecido Pinheiro e Milton Cardoso, o Conselho Deliberativo se reuniu no salão social da sede da Locomotiva. Cadeiras e mesas de aço vermelhas, paredes brancas e grenás e olhares aflitos tomavam conta do espaço.

A ideia era terceirizar o futebol da Ferroviária para uma empresa de sociedade anônima, em que interessados poderiam comprar ações. A empresa receberia aportes dos investidores e teria participação em lucros de vendas de jogadores. Modelo parecido com o que viria a se tornar a Ferroviária S.A meses depois.

No entanto, nesta negociação não estava previsto qualquer tipo de acordo envolvendo o complexo da Fonte Luminosa, avaliado em R\$ 5 milhões à época. Na proposta, a empresa ficaria com a bilheteria dos jogos, cotas de transmissão, patrocínio, placas de publicidade, além de 80% dos direitos econômicos dos atletas formados (9).

Em contrapartida, a AFE receberia royalties pelo uso do nome e da marca durante os campeonatos, um valor determinado pelo aluguel da Fonte Luminosa, 20% dos atletas formados a partir da entrada da empresa, além de 80% dos valores envolvendo jogadores que já estavam no clube.

O plano não foi concretizado e seria necessário recorrer a uma nova alternativa. Os olhos da diretoria, liderada por Mario Joel Malara, voltaram novamente para o complexo. Afinal, era a única alternativa.

O tempo urgia para a Ferroviária. Em meio ao colapso que vivia o dia a dia do clube fora das quatro linhas, optou-se por disputar a Copa Federação Paulista de Futebol, uma alternativa para manter a atividade futebolística, mesmo diante dos prejuízos. A AFE colecionava humilhações dentro e fora de campo: dos cortes de energia no complexo da Fonte Luminosa por falta de pagamento das contas à apreensão do ônibus dos atletas por falta de pagamento do IPVA de 2001. A cada notícia, o escudo grená era manchado por sujeira fruto de más administrações e a estagnação no tempo.

Em maio, a criação da Ferroviária SA foi aprovada. Um passo importante. Mas faltava a redação final do contrato para aprovação do conselho deliberativo. A Associação Ferroviária de Esportes ficou com 20% das ações. No entanto, ainda era preciso encontrar um comprador interessado no complexo da Fonte Luminosa, para que houvesse tranquilidade para que a Locomotiva ressurgisse em um novo CNPJ. Livre de dívidas.

No dia 7 de junho de 2003, lá estava a Ferroviária novamente em campo. Estreia na Copa FPF. Para variar, derrota para o Atlético Sorocaba, em Araraquara. A pouca renda obtida com a partida ficou com a Justiça do Trabalho. Aliás, não só a renda, mas todo o dinheiro que entrava no clube era penhorado de forma instantânea. Um oficial de justiça ficava do lado do funcionário que trabalhava na bilheteria aguardando o término da venda dos bilhetes para que todo o valor fosse apreendido (4). A prática já era comum desde o ano em que a AFE disputou a quarta divisão do estado, em 2001. Para driblar a justiça, funcionários do clube vendiam ingressos para torcedores há alguns metros de distância da Fonte Luminosa. Era o que restava para salvar o pouco que sobrava das rendas do clube.

Sem salário e com condições desumanas de trabalho, logo no primeiro mês de campeonato, veio a primeira ameaça de greve por parte dos jogadores. O estádio estava em completo abandono, uma verdadeira materialização da realidade que vivia o clube.

QUEM VAI FICAR COM A FONTE?

Em julho, a Universidade de Araraquara

(UNIARA) demonstrou interesse em adquirir a área. Ufa! Era o que faltava. No dia 10 de julho, uma assembleia dos sócios aprovou a venda. Em vão. Seis dias depois o advogado da universidade anunciou que a UNIARA havia desistido do negócio.

E agora? Era a única alternativa para sanar as dívidas. O resultado? Membros da diretoria e conselheiros perdidos, à deriva sem alternativa de continuidade ou de futuro próspero. Afinal, sem a venda do complexo, seria impossível a reconstrução do clube e a criação da empresa. Com a crise agravada, a relação entre o Conselho Deliberativo da Ferroviária e a Prefeitura ficou acalorada.

De volta à noite em que ficou marcada pela reunião onde Edinho reuniu mais de 30 empresários em seu gabinete na Prefeitura, a pergunta feita por ele foi respondida em alto e bom som:

“NÃO!”

A comoção foi total. Se a ideia de terceirizar o futebol através de uma sociedade anônima já existia, ela se materializou a partir da resposta negativa do empresariado local, que se propôs a ajudar e buscar alternativas para a continuidade da Associação Ferroviária de Esportes.

Edinho pediu 15 dias para criar um projeto que traria a solução para a realidade vivida pelo time grená. A ideia apresentada foi a seguinte: criar uma empresa para gerir o futebol da Ferroviária. Os acionistas seriam empresários locais, que teriam suas participações em lucros e vendas de jogadores. A Prefeitura pagaria todas as dívidas do clube em troca da municipalização do estádio e do complexo Fonte Luminosa.

Se a Ferroviária devia R\$ 3,8 milhões e o estádio fosse avaliado em R\$ 5 milhões, na teoria o time sairia no prejuízo. No entanto, ao ceder o estádio para o poder municipal ao invés de uma empresa privada, a AFE tinha a garantia de que o local não seria demolido para ser preenchido por empreendimentos imobiliários. Com isso, haveria passagem para que a Ferroviária continuasse sua vida como S/A, fora das dívidas da associação que também ficaria limpa com o pagamento das dívidas, e ainda continuasse a jogar na Fonte Luminosa, que estava prestes a ir para leilão, com 47 pedidos de execução.

O quadro associativo ficou afastado das decisões que passariam a permear a fundação da Ferroviária SA. A proposta causou amplo debate na cidade. Alguns municípios, menos ligados à Ferroviária não viam o porquê da interferência municipal em uma sociedade privada. Assim também entendiam os opositores políticos do prefeito. Já para a torcida, era o grito de misericórdia. A única saída, principalmente pelo fato de a Ferroviária continuar com o direito de jogar na Fonte Luminosa, mesmo sem ser mais a dona da propriedade. Em uma sessão polêmica na Câmara de Araraquara, Edinho pediu para vender o Estádio Municipal, palco importante do futebol amador da cidade e onde a Ferrinha realizou o primeiro jogo de sua história: um duelo contra a extinta Mogiana de Campinas, vencido por 3 a 1 pelos araraquarenses.

O comprador foi o Clube Araraquarense, que se interessou pelo espaço principalmente por ter sua sede de parede e meia com o estádio. O pedido foi deferido e a venda aprovada. Com isso, a Prefeitura fez a venda do estádio, localizado na Rua Humaitá, para o clube.

Como o estádio valia mais do que o pago pelo Araraquarense, o poder público adquiriu do próprio clube o Palacete das Rosas, um luxuoso patrimônio com arquitetura eclética, construído na década de 1920 para ser a sede do clube. Localizado ao lado da Prefeitura, hoje o local abriga a Secretaria de Cultura da cidade.

Com as negociações feitas, o valor já era suficiente para pagar as dívidas da AFE em troca da municipalização da Fonte Luminosa. Ainda assim sobrou dinheiro. Com o montante restante, Edinho construiu o Estádio Municipal Cândido de Barros, popularmente conhecido como Estádio do Botânico, que só começaria a ser construído anos mais tarde.

A RUA SÃO BENTO, DE NOVO!

Tudo em ordem, era hora de colocar em prática o plano da SA. Mas o acordo foi homologado, de fato, entre 2006 e 2007. Em setembro de 2006, a Prefeitura convocou um concurso de credores para identificar todos os fornecedores, jogadores e ex-funcionários para quais a Ferroviária devia. Afinal, não se sabia o que e para quem a AFE devia. Muitos oficiais, advogados e até mesmo pessoas físicas chegavam até à sede do clube cobrando vencimentos que os dirigentes não faziam ideia de onde o clube gastou.

Enquanto isso, nos bastidores, os dirigentes Antonio Parelli Filho e Carlos Augusto Ribeiro conseguiram uma importante vitória: o leilão que poderia tomar seus bens pessoais, por conta de uma dívida do clube da qual eram avalistas, foi cancelado. Um verdadeiro alívio pessoal em meio à crise.

No dia 23 de agosto de 2003, a Associação Ferroviária de Esportes faria o seu último jogo como clube associativo. Um empate por 1 a 1, fora de casa, com o Ituano. Já eliminada, o resultado da partida, válida pela 14ª rodada da primeira fase da Copa Federação Paulista de Futebol, pouco importou em meio ao momento importante fora das quatro linhas. Curiosamente, neste mesmo dia, uma assembleia geral definiu os critérios que marcariam a transição do clube associativo para a sociedade anônima. Houve a votação.

Os 36 sócios da Associação Ferroviária de Esportes se reuniram em assembleia extraordinária na sede social da ACIA, Associação Comercial e Industrial de Araraquara, localizada, simbolicamente, na Rua São Bento, entre o prédio da Prefeitura Municipal e o Palacete das Rosas. Dá pra dizer que esta rua definiu o futuro da Ferroviária.

A reunião foi aberta por Silvio Aparecido Pinheiro, um dos dirigentes mais ativos em todo o processo. Ele conduziu os trabalhos ao lado de Milton Cardoso, que assumiu a função de secretário. A pauta central era o repasse do patrimônio da AFE para a Prefeitura, que ficaria com as dívidas e daria início ao processo de municipalização do estádio (5). Representantes jurídicos, conselheiros, ex-presidentes e nomes influentes do clube estavam presentes. A proposta envolvia a cessão do complexo esportivo da Fonte Luminosa à prefeitura, que em contrapartida se comprometeria a quitar dívidas trabalhistas e tributárias, além de construir um novo centro de treinamento.

Houve discussões acaloradas sobre a negociação, as condições do acordo e o futuro do clube. Vicente Meaulo Júnior e Milton Cardoso expressaram dúvidas sobre as consequen-

ências da entrega do patrimônio. Em meio aos debates, ficou claro que o clube não teria condições de seguir sem ajuda externa. Ao final da assembleia, após esclarecimentos e manifestações dos presentes, Silvio Aparecido Pinheiro colocou em votação a proposta de repasse do patrimônio e a criação de uma Sociedade Anônima. A decisão foi aprovada com ampla maioria. Um único sócio, Andrez Leocádio Bermudez Cabrera, votou contra, protestando por não ter tido direito a voto em assembleias anteriores por inadimplência.

UM NOVO TEMPO

No entanto, o compromisso firmado em ata era de que o município cederia o uso do estádio para a Ferroviária por 99 anos, garantindo a continuidade do futebol na cidade sob o novo modelo de gestão. Era uma espécie de salvaguarda institucional: o clube deixaria de ser dono do campo, mas teria seu direito de atuar ali assegurado por quase um século. Este tópico da ata, a história nos conta que não foi concretizado. Nos anos subsequentes, principalmente após a transformação do estádio em arena, a Ferroviária encontrou dificuldades para jogar na Fonte Luminosa.

A ata, assinada pelos responsáveis e registrada em cartório, selou a transição. A oficialização veio em 11 de novembro de 2003. Estava criada a Ferroviária SA, que contaria com aporte financeiro de suas empresas parceiras pelos próximos 16 anos. Entre as detentoras das ações, estavam nomes notáveis do empresariado araraquarense: Viação Paraty, Inepar, Empresa Cruz, Datacity, DrogaVen, Lupo, Patrezão, Publiout, Uniara, Unimed, além de empresários individu-

ais (6). O quadro associativo mudaria com o passar dos anos.

As dívidas começaram a ser pagas ao longo do primeiro e do segundo mandato de Edinho Silva e se estenderam também para o governo de Marcelo Barbieri. O slogan escolhido para a nova fase do clube foi “Essa empresa dá Jogo”, frase bordada no manto grená abaixo da logo e do escudo da antiga Associação Ferroviária de Esportes, que cedeu todos os seus bens intangíveis para a nova empresa. Era o símbolo de uma nova era.

1 - CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. Antigo Teatro Municipal: símbolo da Nova Araraquara. Disponível em: <https://www.camara-arq.sp.gov.br/noticias/antigo-teatro-municipal-simbolo-da-nova-araraquara%2C10-08-2020>. Acesso em: 06 de maio de 2025.

2 - SILVA, Edinho. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, out. 2024.

3 - Reportagem veiculada na EPTV Central em 2003 a qual os autores da obra tiveram acesso. Ribeirão Preto, abril. 2025

4 - FERREIRA, Gustavo. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, set. 2024.

5 - Ata da reunião realizada em 23 de agosto de 2003 a qual os autores da obra tiveram acesso. Araraquara, maio. 2025.

6 - CIRINO, Luís Marcelo Inaco. Fonte Luminosa. Campinas: Pontes Editores, 2005.

Capítulo 03.

Calvário

A Ferroviária se recusava a morrer. No dia 3 de dezembro de 2003, nascia oficialmente a Ferroviária SA. Inscrita sob CNPJ 06.020.811/0001-30. A empresa criada para dar jogo começou a operar.

O escolhido para assumir a presidência da empresa foi o empresário Valdir Massucato. Ele formou a diretoria ao lado de Waldemar Paschoalino (Diretor Vice-presidente), o mesmo que foi membro do coletivo Levanta Ferroviária, Bruno José Ôpice de Mattos (Diretor Administrativo/Financeiro), além de Osmar Alberto Volpe, o Pio, (Diretor de Futebol).

Essa história ganha um novo personagem de destaque: o médico endocrinologista Dr. Welson Alves Júnior, o Juninho. Antes de se dedicar à Medicina, ele vestiu a camisa da Ferroviária nas categorias de base. Após concluir a faculdade, foi convidado por Roberto Felício a integrar o departamento médico da Locomotiva, onde atuou entre 1987 e 1988. Seguiu a carreira longe da comissão afeana, mas ainda batia a sua bolinha no futebol amador de Araraquara. Foi até bi-campeão da várzea. Mas o protagonismo que assume nesta linha do tempo é fora de campo.

A Unimed, uma das principais acionistas da recém-fundada Ferroviária SA, buscava ter um representante presente no dia a dia da empresa. À frente da cooperativa à época, o médico ortopedista Dr. Hilton Negrini Toloi, afeano declarado, fez sua escolha: indicou o Dr. Juninho, então diretor associativo da Unimed, para ocupar essa função. Com a indicação, ele assumiu a presidência do conselho. Juninho também era torcedor e também fazia parte do coletivo Levanta Ferroviária (1).

Estava fechado o “clube do bolinha”. Mas faltava a cereja do bolo, uma parceria com a força de um furacão.

Outra importante acionista no período de retomada, a IESA é uma empresa de engenharia e construção industrial que atua em projetos de grande porte, principalmente nos setores de energia, petróleo e gás, infraestrutura e indústria pesada.

Foi através dela que o prefeito Edinho Silva conseguiu costurar uma parceria verdadeiramente improvável e de grande magnitude para um clube que, até então, figurava na quarta divisão. A Ferroviária firmou vínculo com o Athletico Paranaense (ainda sem o “h” no nome) em um acordo viabilizado graças à influência do controverso dirigente Mário Celso Petraglia, presidente do Rubronegro e um dos dirigentes de mais destaque no cenário do futebol brasileiro. Ele também era um dos proprietários da Inepar, a holding controladora da IESA. Foi esse contato influente que tornou possível a aliança, trazendo esperança à Locomotiva em um momento inusitado.

Na prática, o Athletico transformou o time interiorano em uma espécie de filial. Jogadores jovens, promessas ou atletas pouco aproveitados no clube paranaense eram emprestados para ganhar experiência e ritmo no competitivo cenário do futebol paulista. Em troca, o Athletico garantia prioridade na contratação das revelações da Ferroviária e ainda assegurava uma fatia dos direitos econômicos desses atletas, apostando na valorização futura do mercado.

Entre os nomes emprestados pelo Furacão estavam o meia Marcelo Régis e o atacante Dinei, este um dos mais bem quistos pela torcida nestes primórdios da SA.

SA EM CAMPO

Chegou 2004, e com ele, mais uma disputa da quarta

divisão paulista. Mais de 25 atletas formaram o plantel da Ferroviária comandado pelo treinador Márcio Ribeiro. O novo CNPJ fez sua estreia diante um público tímido. 299 torcedores acompanharam a rodada inicial da competição, em jogo vencido pelo time afeano por 1 a 0, contra o Batatais, no estádio Dr. Oswaldo Scatena. O gol foi de pênalti, marcado por Wellington.

E não foi só a estreia que foi boa. O time fez uma campanha sólida e conquistou o acesso para a Série A3 da temporada seguinte. Ufa! Sinal que tempos melhores estavam por vir.

Foram 28 partidas no total, com 18 vitórias, quatro empates e apenas seis derrotas, somando 58 pontos, 31 na primeira fase e 27 na segunda. O time marcou 63 gols, sofreu apenas 19 e fechou a competição com saldo positivo de 44, refletindo um aproveitamento de 69,05%. Os números sagraram a AFE como vice-campeã da competição.

Com o acesso garantido, em 2005 a AFE voltou para a A3 com a bola toda. Se antes a credibilidade do time estava em baixa devido às dívidas e processos trabalhistas, com a SA a administração ia de vento em popa.

Eram tempos antônimos aos vividos pelo time há menos de dois anos. Salários em dia, dinheiro em caixa e perspectivas de acesso na Terceirona. A boa campanha deu frutos também aos atletas. O artilheiro Anderson, por exemplo, se transferiu para o Fortaleza, enquanto o zagueiro Edson Rocha foi solicitado pelo Athletico como uma moeda de troca na parceria.

No quinto ano da década de 2000, o objetivo era voltar à segunda divisão estadual após sete anos. A última vez havia sido no longínquo 1998. Tempos das vacas magras. Não que agora a Locomotiva esbanjava dinheiro, mas ao menos con-

seguia ser fiel aos compromissos financeiros. O orçamento mensal, que em 2004 girava em torno de R\$ 80 mil, saltou para R\$ 110 mil em 2005. Mesmo com a crescente, a ideia da diretoria era gastar menos com contratações e ganhar com futuras transferências (2).

Mas, nesse ano, o time não deu liga. Mesmo com alguns remanescentes da campanha do acesso de 2004, a Ferrinha terminou eliminada na primeira fase da Série A3 com 17 pontos. Naquele período, o campeonato era dividido em dois grupos, sendo os dois últimos clubes rebaixados para a quarta divisão. A AFE terminou na 7ª posição.

Apesar da campanha ruim em 2005, no ano seguinte Ferroviária encarava a Série A3 com renovada esperança. Valdir Massucato deixou a presidência e deu lugar ao médico Dr. Welson Alves Júnior, que deixou de ser os olhos da Unimed na S/A e passou a comandar a empresa. As expectativas cresciam com as voltas do zagueiro Edson Rocha e do atacante Dinei, titulares na campanha vitoriosa de 2004. O elenco também contava com Renato Cajá, um dos maiores ídolos desta nova fase da Locomotiva, que estava encostado no Mogi Mirim e foi recrutado por Pio e o presidente Juninho. Outro destaque era Leandro Donizete, garoto de Santa Lúcia que integrava as categorias de base desde os tempos de Fonte Luminosa com energia cortada. O garoto franzino era titular do elenco grená desde o primeiro ano de S/A.

Na primeira fase, o time mostrou força e regularidade, terminando líder do grupo com 35 pontos, frutos de dez vitórias, cinco empates e três derrotas em 18 jogos, além de saldo de gols positivo.

Na segunda fase do campeonato, inserida em um grupo ao lado de XV de Jaú, São José e Santacruzense, a Ferroviária

apresentou um desempenho abaixo das expectativas. Em seis partidas, acumulou apenas seis pontos, com uma vitória, três empates e duas derrotas.

NA TRAVE

Mesmo diante do cenário negativo, a AFE foi para a última rodada com a necessidade de apenas um empate para assegurar o tão almejado acesso. O adversário era o XV de Jaú. A Fonte Luminosa pulsava com mais de dez mil torcedores. A festa na entrada dos jogadores enchia o estádio de esperança e ansiedade. Claro, com o tradicional foguetório e dezenas de mascotinhos aguardando o esquadrão grená subir a campo.

Com os 11 da Ferrinha já dentro das quatro linhas, uma faixa estendida no gramado dava o tom da partida: o escudo da Associação Ferroviária de Esportes estampado ao lado da marca da Ferroviária S/A, acompanhados da frase ‘De Volta para o Futuro’ (3).

Faixas, bandeiras e bexigas grenás decoravam as arquibancadas, enquanto o sistema de som convidava os torcedores a celebrar antecipadamente em um restaurante de Araraquara.

Ah, se eles soubessem o que estaria por vir...

Dentro de campo, o cenário foi de pura tensão. A defesa de ambos os lados se impôs sobre os ataques, e a ansiedade da Ferroviária e de sua torcida crescia a cada minuto sem o tão esperado gol. Logo no início da segunda etapa, porém, o roteiro se complicou. Com apenas um minuto de jogo, Paulinho aproveitou falha de marcação pela esquerda e abriu o placar para o Galo da Comarca. Um balde de água fria na Locomotiva, que passou a se desorganizar: errava

passes simples, cometia faltas em excesso e não conseguia articular jogadas ofensivas. A impaciência das arquibancadas aumentava na mesma proporção da queda de rendimento em campo.

O golpe final veio aos 30 minutos. O goleiro Márcio errou na reposição e Douglas Richard aproveitou para marcar o segundo gol do XV. A partir daí, o que se via era o retrato da frustração: parte da torcida grená deixou o estádio antes do apito final, enquanto a equipe mostrava abatimento e incapacidade de reação. Uma verdadeira tragédia.

DA TRISTEZA À EUFORIA!

“Será que teremos forças para continuar?”

Era o que comunicava o icônico narrador esportivo José Roberto Fernandes, pelas ondas da Rádio Cultura AM. Ele se referia aos empresários e acionistas da Ferroviária S/A. Afinal, o time foi montado para subir e não conseguiu o maior objetivo. Eles iriam continuar interessados em tocar o clube? Novo cenário de incertezas para o torcedor afeano.

Enquanto as torcidas dos grandes clubes sonham com taças e glórias, no interior o horizonte é outro. A batalha não se mede em títulos, mas na própria sobrevivência: estar de pé na temporada seguinte, garantir a continuidade da camisa em campo, seguir existindo. Realidades distintas que, ainda assim, dividem o mesmo gramado.

Com o resultado, a Ferroviária terminou em terceiro lugar no grupo decisivo, atrás de São José e XV de Jaú, que garantiram as vagas para a Série A2. O sonho do acesso foi adiado, evidenciando a necessidade de maior equilíbrio e consistência para retornar às divisões superiores do futebol paulista.

No segundo semestre daquele mesmo ano, a Ferroviária iniciou sua caminhada na Copa Paulista com remanescentes do elenco da A3 e novos protagonistas. Na primeira fase, disputou 14 jogos, conquistando seis vitórias, quatro empates e quatro derrotas, encerrando na terceira colocação do Grupo 1, atrás do Botafogo, líder, e do Oeste, vice-líder. Ao todo, marcou 18 gols, sofreu 14, somando 22 pontos e garantindo classificação para a segunda fase.

Na etapa seguinte, a Ferroviária duelou com o Itararé em confrontos de ida e volta. Venceu o primeiro jogo por 1 a 0 e empatou o segundo em 2 a 2, com uma vitória e um empate suficientes para avançar ao mata-mata.

Nas quartas de final, a Ferrinha protagonizou um desempenho espetacular. Superou o Guarani nas duas partidas, 5 a 2 na ida e 2 a 1 na volta, totalizando duas vitórias que impulsionaram o time rumo à semifinal, fase em que o adversário foi o São Bernardo. Venceu o primeiro jogo por 1 a 0 e empatou o segundo por 1 a 1, garantindo vaga na grande final.

A decisão colocou a Ferroviária frente a frente com o Bragantino. A final da Copa Federação tinha um peso que ia muito além do título em si. Para a Ferroviária, significava a chance de retornar ao cenário nacional após longos 12 anos de ausência. A última participação havia sido na Série C de 2002.

Desde então, a Locomotiva havia se limitado às competições estaduais, convivendo muito mais baixos que altos, campanhas frustrantes e tentativas de reconstrução. O troféu da Copa, além de marcar um feito esportivo relevante durante o processo de reconstrução, representava a possibilidade de recolocar o clube no radar do futebol brasileiro.

Era a chance de resgatar a autoestima de uma torcida que carregava marcas de anos de sofrimento. A conquista abriria portas para disputar a Copa do Brasil do ano seguinte, proporcionando visibilidade nacional, novos recursos financeiros e, sobretudo, uma moral renovada para um elenco que, meses antes, havia visto o acesso à Série A2 escapar em pleno gramado da Fonte Luminosa. O vice garantia uma vaga para a Série C do Campeonato Brasileiro.

No jogo de ida, a equipe grená saiu na frente ao vencer por 1 a 0 em Araraquara. Contudo, o jogo da volta, com o estádio Marcelo Stéfani, em Bragança Paulista, diante de mais de nove mil torcedores, seria uma batalha inesquecível para os apaixonados pela Ferrinha.

Aos 37 minutos do primeiro tempo, em um lance inesperado, o atacante Bill, do Bragantino, chutou sem ângulo. O goleiro Tutti fez a defesa, mas a bola, traiçoeira, desviou e morreu no fundo da rede. Após o intervalo, Tutti explicou que tentou afastar a bola para o escanteio, mas pegou mal, resultando no gol adversário (4).

No segundo tempo, a Ferroviária dominava o jogo, mas o gol teimava em não sair. A ansiedade crescia entre os torcedores, que carregavam quase quarenta anos sem ver seu time levantar um troféu. Perto dos 35 minutos, em um bate-rebate dentro da área, o árbitro assinalou pênalti para a Locomotiva, transformando a apreensão em alívio e esperança. No entanto, após rápida consulta à assistente de arbitragem Maria Eliza Correia Barbosa, a marcação foi anulada, muito antes da existência do VAR.

Ainda assim, a equipe grená não se entregou. Lutou até que, aos 42 minutos, em cobrança de falta desviada pelo zagueiro do Bragantino, a bola finalmente balançou as redes. Era o gol tão esperado, o gol do título. A emoção tomou

conta dos jogadores, que subiram nas grades da arquibancada para celebrar com a apaixonada torcida.

Depois de um primeiro semestre marcado por incertezas, a Ferroviária enfim voltou a ser campeã.

Diante deste cenário, a Ferrinha foi para 2007 como uma das favoritas para voltar à Série A2. Logo na estreia, a equipe mostrou sua força. Um sonoro 4 a 0 sobre o Flamengo de Guarulhos, fora de casa, anunciava que a Locomotiva estava de volta aos trilhos. A cada partida, a AFE impunha seu ritmo, construindo uma campanha sólida com treze vitórias, cinco empates e apenas uma derrota. Com o melhor ataque e a defesa mais sólida da competição, o time liderou a primeira fase com autoridade.

Na segunda fase, o desafio se intensificou. Olímpia, XV de Piracicaba e Linense surgiram no caminho, adversários que exigiam ainda mais da equipe.

O confronto mais quente dessa fase foi contra o Olímpia, fora de casa, já na primeira rodada. O Estádio Maria Tereza Breda era um ambiente totalmente hostil para o time de Araraquara, mas a torcida grená não deixou de apoiar e marcou presença. A Ferroviária mostrou sua força e venceu por 3 a 2, com dois gols de Cajá, além de um golão de Leandro Donizete, que dominou a bola no peito e finalizou de muito longe no canto do gol.

Na penúltima rodada do grupo, o mesmo cenário. Duelo decisivo, contra o Olímpia, na Fonte Luminosa. Um empate garantia a tão esperada promoção. Mas o filme do jogo de 2006 insistiu em ser exibido na cabeça de todos os afeanos presentes. Placar final 0 a 0. Acesso!

Não houve festa exuberante, mas o sentimento que dominou foi de vitória e alívio. A Ferroviária retornava à Série A2, pronta para reescrever sua história.

Mas antes desse acesso se concretizar, a AFE entrou em campo pela Copa do Brasil. Foi no dia 21 de fevereiro, uma quarta-feira de festa na Fonte Luminosa. No sorteio a Ferrinha deu azar, logo de cara enfrentou o Juventude, que na época disputava a Série A do Campeonato Brasileiro. Mas a Ferroviária sempre gostou de aprontar contra adversários mais fortes.

Vitória consistente, por 3 a 1, com futebol bonito comandado pelo treinador Edison Só. Na volta, a Ferroviária foi derrotada por 2 a 0 e o gol marcado pelo time gaúcho na Fonte, garantiu a vaga. Coisas do futebol.

AMIGOS, AMIGOS...NEGÓCIOS À PARTE

As boas campanhas renderam frutos aos atletas. Nem tanto para a Ferrinha... Renato Cajá havia recebido propostas da China, com valor fixado de R\$1 milhão para a Locomotiva por 50% dos direitos econômicos do atleta. No entanto, o empresário do atleta prometeu uma negociação com a Arábia, o que não aconteceu.

O tempo foi passando e, próximo de completar os últimos seis meses de contrato, a diretoria se viu obrigada a vender o atleta por um preço de banana para o Juventude. Posteriormente foi vendido para a Ponte Preta, que comprou os outros 50% da AFE. (13)

O meia ainda foi o motivo do afastamento da parceria entre Atlético-PR e Ferroviária. O Furacão tinha interesse em contar com o atleta em seu elenco, mas ficou sem nada. Nos anos seguintes, Cajá trilhou carreira estável em grandes times do futebol brasileiro e no exterior.

Já Leandro Donizete estava na lista de dispensas do técnico Márcio Ribeiro em 2003. O treinador dispensou toda a base afeana naquele ano. No entanto, o professor Coca Ferraz, que por anos figurou no futebol amador de

Araraquara e depois embalou carreira política, chegando à vice-prefeitura no segundo mandato de Marcelo Barbieri, disse que o garoto tinha futuro. Juninho, atendeu o pedido e a Unimed bancou a contratação, mesmo a contragosto do técnico, que achava o jogador muito pequeno.

Antes de terminar o contrato em 2007, a diretoria ofereceu um novo contrato. Dois anos e o maior salário da Ferroviária para a disputa da Série A2 de 2008. Ele recuou após um empresário de Araraquara prometer uma transferência ao Japão. Mesmo caso do Cajá. Desta vez, a diretoria não conseguiu nem vender pelo baixo custo. Ele saiu de graça para o Coritiba.

Ainda assim, a Ferroviária recebeu entre R\$2 e R\$3 milhões referentes aos direitos sobre atletas. O montante, no entanto, não foi destinado ao futebol. O valor foi dividido entre os acionistas, mesmo com a resistência da diretoria, que defendia a utilização do recurso na preparação para o Campeonato Paulista que se aproximava (13). A preocupação era justificada: além do investimento necessário para montar um elenco competitivo, o clube teria de arcar com custos adicionais, já que precisaria mandar seus jogos fora de Araraquara em razão de uma importante reforma.

1 - ALVES FERREIRA JUNIOR, Welson. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.

2 - UOL. Renovada, Ferroviária estreia na A-3 contra o XV de Jaú. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/01/30/ult59u90684.jhtm>. Acesso em: 3 de março de 2025.

3 - YOUTUBE. Ferroviária 0x2 XV de Jaú - 21/05/2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CT9FPEOW44&pp=ygUcZmVycm92aWFyaWEgeCB4diBkZSBqYXUgMjAwNg%3D%3D>. Acesso em: 05 de março de 2025.

4 - YOUTUBE. Ferroviária campeã Copa FPF! Bragantino 1 x 1 Ferroviária. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHm-82qUk9N8&pp=ygUdZmVycnB2aWFyaWEgeCBicmFnYW50aW5v1DIwMDY%3D>. Acesso em: 07 de março de 2025.

Capítulo 04.

A Valsa da Fonte

Pode-se dizer, sem exagero, que o Danúbio Azul é a valsa mais famosa do mundo. Por mais de um século e meio, seus compassos elegantes embalsamaram casamentos, formaturas e festas de toda espécie, tornando-se trilha sonora de momentos marcantes na vida de milhões de pessoas. Ironicamente, essa melodia, composta por Johann Strauss Jr. em homenagem a um rio austríaco, que não é azul, mas sim verde acinzentado, nasceu sob a sombra de um momento difícil para seu país. Estreada em Viena em 15 de fevereiro de 1867 como sua primeira obra vocal, Danúbio Azul foi encomendada para tentar elevar o moral de uma Áustria abalada por uma derrota militar.

A agradável valsa foi escolhida como trilha sonora para embalar o vídeo da maquete eletrônica da Arena da Fonte Luminosa. O projeto foi apresentado na tarde do dia 5 de agosto de 2008, em uma solenidade que contou com a presença de autoridades, entre elas o então presidente da Federação Paulista de Futebol, Marco Polo Del Nero, jornalistas e diretores da Locomotiva. No vídeo, imagens da antiga Fonte eram exibidas com a valsa de fundo sonoro. De repente, a melodia em ré maior de Danúbio Azul modula para o ré menor. Enfim, começa o hino da Ferroviária. Na tela, a antiga Fonte dá lugar a uma projeção animada da nova Arena da Fonte. Um projeto ousado e inovador.

Restaurante panorâmico, área vip, camarote, elevadores, arquibancadas cobertas em todos os setores, gramado nos padrões do Morumbi. Enfim, um verdadeiro luxo! O primeiro estádio padrão FIFA do interior de São Paulo. Um gigante cinzento daria lugar à charmosa Fonte Luminosa. Aquela mesma, que em um intervalo de pouco mais de 20 anos, viu seu gramado ser pisado pelas chuteiras de grandes craques, mas também pelas patas de touros de rodeio.

Agora, ela viraria centro das atenções a nível nacional.

ELEIÇÕES

No dia em que a solenidade foi realizada, faltavam exatos dois meses para as Eleições municipais de 2008. Edinho deixaria a Prefeitura de Araraquara após dois mandatos, totalizando oito anos como chefe do executivo municipal. Para sucessão política, escolheu Edna Martins. Na oposição estava Marcelo Barbieri, principal aposta para assumir o gabinete executivo da prefeitura. Nas eleições de 2004, Barbieri foi derrotado por uma diferença de 4,16% dos votos. Ele já carregava uma trajetória extensa na política quando decidiu disputar novamente a prefeitura em 2008. Eleito deputado federal pela primeira vez em 1990, foi o primeiro araraquarense a conquistar três mandatos consecutivos em Brasília, exercendo atuação em comissões permanentes, CPIs e chegando à vice-liderança do então PMDB - hoje MDB - na Câmara dos Deputados. Apesar do vasto currículo, não levava a mesma sorte na Morada do Sol, onde foi candidato em 1996, 2000 e 2004, mas sem sucesso.

Em 2008 foi diferente. O filho do arquiteto Nelson Barbieri venceu com ampla vantagem: foram 50,8 mil votos (44,66%) contra 32,4 mil (28,52%) da candidata apoiada pelo então prefeito. Na campanha, seu jingle reforçava a ideia de continuidade, garantindo que “as coisas boas da cidade iriam continuar”. Em um dos versos, a música citava diretamente o time da cidade: “E a Ferroviária? Vai continuar!”. Era uma promessa de campanha, que passava pela entrega da maior herança do governo Edinho Silva: a Arena da Fonte.

O projeto do estádio começou em 2007. Três anos após

a municipalização, Edinho queria reformá-lo. Afinal, foram anos de manutenções precárias decorrentes do período de vacas magras do time grená. Agora, como propriedade da cidade, a Prefeitura precisava “dar um talento” no estádio.

Foi então que o prefeito recorreu ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva em busca de recursos. Àquela altura, já era visto como um aliado de confiança de Lula, que estava em seu segundo mandato. O pedido foi encaminhado ao ministro do Esporte, Orlando Silva, a quem o presidente orientou que atendesse a solicitação do prefeito de Araraquara. Ele apresentou o projeto de reforma da Fonte Luminosa e, de cara, recebeu uma positiva do Ministério. Inicialmente, três repasses foram feitos para a reforma, com valores de R\$ 12 milhões no total (1).

O projeto foi feito fase por fases. A cada verba conseguida pelo prefeito, as alterações ficavam mais ambiciosas. Já no final de 2008, durante uma conversa informal, Lula perguntou a Edinho como estavam as obras. A simulação de diálogo a seguir foi feita por meio de uma das entrevistas ao ex-prefeito para este livro-reportagem.

Lula: “Como é que está o projeto do estádio?”

Edinho: “Está perfeito, mas faltam por volta de R\$ 7 milhões para eu tocar”.

Lula: “Não, não. Pode tocar que eu vou te arrumar” (2).

Edinho voltou para Araraquara feliz da vida. Através do Ministério do Esporte, exatos R\$ 7,8 milhões foram repassados para a reforma. Na soma com os valores já cedidos, o investimento total passava a ser de aproximadamente R\$ 20

milhões.

Com a nova verba, o projeto incluiu coberturas nas arquibancadas a custo de R\$ 5,9 milhões, o que consumiu grande parte do orçamento. Os outros R\$ 1,9 milhão restantes foram destinados a compras dos assentos das arquibancadas e construção da área vip, bares e sanitários (3).

Com tudo no papel, foram iniciadas as licitações e todo o trâmite exigido para a realização de uma obra pública. Quando as planilhas de custo foram finalizadas, o valor final atingiu R\$ 25 milhões. O município precisaria dar uma contrapartida de R\$ 5 milhões. Guarde essa informação.

Edinho tinha esperança de o valor sofrer algum desconto após a abertura das licitações. Em vão. O valor seguiu intacto. Mesmo assim, o prefeito deu ordem de serviço. Começaram as obras da Arena da Fonte. Mas, antes, é necessário falar do que acontecia dentro das quatro linhas.

No primeiro semestre de 2008, antes dos fatos narrados por este capítulo, a Locomotiva fazia boa campanha na Série A2 do Campeonato Paulista. O time estava de volta ao segundo nível de São Paulo após 11 anos intercalando entre disputas nas Séries A3 e B1. Na primeira fase, a AFE fez a quarta melhor campanha e era uma das candidatas ao acesso para a elite. Pela primeira vez os afeanos viam de perto a oportunidade de retornar à cadeira dos principais times do estado. Mas ficou só no sonho mesmo.

No quadrangular final a Ferrinha foi muito mal. Ela dividiu o Grupo 1 com Botafogo-SP, Santo André e União São João. Em seis jogos, a equipe sofreu quatro derrotas. Nem mesmo a vitória de goleada por 4 a 1 no clássico Bota-Ferro evitou que o time terminasse a campanha na lanterna do grupo. Este jogo foi o último disputado pela AFE na antiga Fonte Luminosa. Foi na noite do dia 3 de maio em que

pouco mais de mil pagantes, a esmagadora maioria botafoguenses, que comemoraram o acesso, presenciaram a despedida do time da Série A2 e de seu lendário estádio.

MÃOS À OBRA

Em julho de 2008, as obras já estavam a todo vapor. O gramado havia começado a ser retirado e as arquibancadas menores estavam demolidas (4). Da antiga Fonte, o projeto manteve o ferrão de entrada, o setor onde ficavam as cadeiras cativas, o ferrão do fundo, destinado à torcida visitante, além da estrutura dos refletores, tão características da obra original.

Em dezembro, grande parte das novas arquibancadas estava alocada em seu devido lugar. As estruturas foram pré-montadas e chegaram em Araraquara transportadas por caminhões. Na arquibancada das cadeiras cativas, os antigos bancos de madeira já não se faziam presentes. Assim como em todo estádio, seriam substituídas por bancos de plástico na cor grená.

Era período de transição de governo. Época de prestação de contas. Para isso, no dia 27 de dezembro foi promovida uma visita aberta para a população de Araraquara. Em um fim de tarde nublado, com garoa fina na Morada do Sol, torcedores, autoridades, jornalistas e curiosos adentraram nas instalações da futura Arena da Fonte (4).

Do lado direito, tudo erguido. Já estava com cara de estádio grande. A maioria dos assentos já estava alocada e parte da estrutura da cobertura também já erguida. No ferrão do fundo, a mesma tinta azul da última partida contra o Botafogo seguia intacta. Assim como a tinta amarela do ferrão de entrada, que fazia alusão ao logotipo da rede de super-

mercados Patrezão, uma lenda do comércio de Araraquara e patrocinador da AFE desde os tempos de Milton Cardoso.

Quem compareceu ao estádio naquele dia recebeu uma camiseta branca com a data do evento estampada atrás. O “mimo” era justo, afinal, a data se tornou histórica. Àquela altura, o muro que separava a entrada da Fonte da calçada ainda estava de pé, mas depois foi demolido. O mascote laranjinha da patrocinadora Cutrale ainda se fazia presente na estrutura de concreto, assim como a tradicional fachada curva do estádio, essa sim intacta até os dias de hoje (4). Quem observava atentamente as movimentações naquela tarde era o busto de Bazzani, o maior jogador da história da Ferroviária, que havia falecido pouco mais de um ano antes do início das obras. Ele dedicou a vida ao time grená, dentro e fora de campo.

Diante de todo o fuá criado em torno da obra, com manchetes nacionais e expectativas da cidade, a diretoria da Ferroviária não se sentia animada, já que não sabia se haveria possibilidade de usufruir do estádio que um dia foi dela. No entanto, no final de 2008, as partes firmaram acordo de que a Locomotiva poderia utilizar o estádio pelos próximos 20 anos, em troca de 10% da renda fixa de cada partida para a Prefeitura.

Um dia após o evento, no dia 28 de dezembro, foi publicada na Folha de São Paulo uma entrevista em que Edinho Silva fez um balanço sobre seu mandato. A reportagem, assinada pelo jornalista Roberto Madureira, falou sobre temas importantes para a cidade: dívidas, projeções para o mandato de Barbieri, novas lideranças do PT, enfim, muita coisa. A pergunta sobre a continuidade das obras não foi deixada de lado pelo jornalista:

FOLHA - De obras, o que o senhor deixa para a nova gestão?

EDINHO - Estou deixando R\$ 5 milhões para pavimentação asfáltica, R\$ 1,5 milhão de asfalto, 800 casas populares, 400 delas em fase de construção e o resto para começar, mais 170 casas que serão construídas por mutirão. Além disso, deixo mais 22 obras que eu comecei, mas ele vai terminar. Fora a obra dos trilhos [recuperação do contorno ferroviário]. Tem ainda o novo estádio da Ferroviária que ele [Barbieri] vai inaugurar (5).

R\$ 5 MILHÕES

2009 chegou. No dia 1º de janeiro, Marcelo Barbieri acordou cedo, vestiu um terno preto e colocou uma gravata listrada tricolor com diferentes tonalidades: preto, branco e cinza. Partiu rumo ao Teatro Municipal de Araraquara, onde tomou posse ao lado dos vereadores eleitos. Empossado, era hora de colocar a mão na massa (6).

Barbieri é morador de um condomínio de alto padrão na cidade. No caminho que fazia dirigindo seu carro até a Prefeitura, passava em frente à Arena da Fonte Luminosa. Logo na primeira semana de governo, estranhou ao observar uma fila enorme de trabalhadores. Olhou com estranheza e pensou: “que fila é essa? (7)”

Assim que colocou o pé na Prefeitura, foi falar com Valter Rozatto, o Laxixa, secretário de Obras de Araraquara.

Barbieri: “Ô Laxixa, o que tá acontecendo na obra do

estádio? Tem uma fila!”

Laxixa: “A empreiteira tá mandando todo mundo embora! Vai parar a obra”.

Laxixa: “Não foi paga a contrapartida” (8)

O prefeito entrou em choque. A transição com Edinho havia sido tranquila. Não havia motivo para qualquer problema de tamanha envergadura. O ex-prefeito foi atrás para saber o que estava pendente. De fato, a contrapartida não havia sido paga. O valor era de R\$ 5 milhões.

Marcelo Barbieri não dormia direito. Ele decide chamar o engenheiro da obra para conversar e explicou que a empresa responsável, a Contern, não havia recebido nada. O valor do convênio, conseguido com o Ministério do Esporte, só era depositado em uma conta específica a partir de avanços na estrutura. Não dava para contar em um período tão curto.

O prefeito decidiu ligar para Edinho. O homem do PT em Araraquara explicou que havia uma negociação de uma área no Centro de Eventos de Araraquara e Região (CEAR), localizado ao lado da Fonte Luminosa. A interessada era a Caixa Econômica Federal, através da Fundação dos Economistas Federais (FUNCEF). A área também foi municipalizada na negociação do patrimônio da Ferroviária em troca do pagamento das dívidas. A ideia era usar o valor recebido pelo negócio para pagar a contrapartida. Barbieri foi para Brasília e se inteirou do acordo, mas as negociações se arrastariam por meses. A obra não poderia ficar parada, já que qualquer curto período de pausa poderia elevar muito o valor.

A Prefeitura recebeu R\$10 milhões pelo acordo, sendo R\$5 milhões para conclusão da Arena da Fonte e o restante direcionado para a construção do Centro de Convenções Nelson Barbieri, localizado no CEAR (9). No entanto, o terreno estava em posse da Rumo, a maior operadora de ferrovias do Brasil, que na época era conhecida como ALL. A área de 60,9 mil metros é ocupada até hoje por uma oficina mecânica da empresa. Na época, a FUNCEF criou um projeto audacioso para o local: um shopping center com 40 mil metros quadrados de área, um hotel, duas torres comerciais, além da reforma dos pavilhões do Centro de Eventos de Araraquara (CEAR). O investimento total seria de R\$ 300 milhões, mas isso nunca aconteceu (10).

A FUNCEF teve posse reconhecida da área somente em 2024, pouco mais de um ano após a publicação deste livro e 16 após o acordo firmado no fim de 2008.

Retornando ao período da venda, como os recursos chegaram somente após a conclusão da obra, em 2010, naquele momento a Prefeitura não tinha dinheiro para pagar o valor à empreiteira. Em nova reunião com a Contern, Barbieri conseguiu convencê-los a readmitir os funcionários e seguir com a obra. Pediu 15 dias para conversar com seu secretário da Fazenda, Alvaro Guedes.

Barbieri: “Meu, nós precisamos arrumar 5 milhões”

Guedes: “Mas como? Não tem dinheiro!”

Barbieri: “Dinheiro eu sei que não tem, mas nós vamos arrumar. Proponho que a gente faça cinco parcelas de R\$1 milhão”.

Guedes: “Prefeito, você tá ficando louco! Nós não vamos

ter esse dinheiro”.

Barbieri: “Secretário, com o maior respeito que tenho pelo senhor, a responsabilidade é minha. Eu assumo. O CPF é meu. Eu não vou deixar essa obra parar. O custo que ela vai ter, se parar, é incalculável. E o custo político é total” (2).

O prefeito já temia os comentários da população: “Olha aí, o Barbieri deixou a obra parar”. “Tá aí a obra inacabada”.

Diante da imposição, Guedes fez um estudo técnico para viabilizar os pagamentos. Lá estava Barbieri novamente para conversar com a Contern. Eles não queriam aceitar os cinco parcelamentos. Queriam que o valor fosse dividido em duas vezes. O prefeito recuou e convenceu a empreiteira a aceitar o valor.

Por quatro meses seguidos, era sagrado: Barbieri ia vistoriar a obra. Não podia parar. Lá fazia observações, conversava com engenheiros e entendia os prazos. Em um dos dias, perguntou sobre o túnel de acesso ao gramado, que era dividido em três corredores estreitos e tinha somente cinco metros. Quando foi informado de que o mesmo não sofreria alterações, se recusou a acreditar. Afirmou que o túnel antigo não era compatível com o tamanho da obra. Ele bateu o pé. Mesmo com orçamento apertado, pediu para que o espaço fosse aumentado (7).

Em outro momento de vistoria, Marcelo foi informado pelos engenheiros que a estrutura do ferrão de entrada não aguentaria a cobertura. Novamente ficou incrédulo. Para ele, não fazia sentido um estádio com tamanha modernidade ficar com um setor descoberto.

Novo debate. Barbieri pediu para que dois engenheiros de fora do projeto fizessem estudo técnico do ferrão. Eles

chegaram à conclusão de que o ideal seria a construção de novas estruturas pré-moldadas pelo lado de fora, com a cobertura sendo apoiada nestes pilares. Barbieri pediu um novo orçamento para a Contern, que cotou um valor possível dentro do teto previsto.

A previsão inicial para a inauguração do estádio era janeiro de 2009, depois fevereiro, mas no mês do carnaval a cobertura ainda estava sendo instalada. Os atrasos foram acumulados diante das alterações no projeto. Ainda faltariam até a inauguração do estádio (7).

"LONGE DE CASA, HÁ MAIS DE UMA SEMANA"

O calendário não perdoava. Enquanto a Fonte não ficava pronta, a AFE precisou jogar, literalmente, fora de casa. Em 2008, o time jogou por quatro meses consecutivos no Estádio Municipal Adail Nunes da Silva, o Taquarão, em Taquaritinga, durante a disputa da Copa Paulista. Tudo isso até o Estádio do Botânico ser inaugurado no dia 20 de setembro de 2008, justamente contra o rival Botafogo-SP, responsável por apagar as luzes da antiga Fonte. Desta vez, os ribeirão-pretanos jogaram água no chopp dos pouco mais de 3 mil pagantes presentes. Venceram por 2 a 1.

A obra do Botânico, que ganhou este nome justamente por ficar na principal avenida do Jardim Botânico, é fruto das negociações entre a Prefeitura e o Clube Araraquarense, que comprou o estádio municipal Cândido de Barros (relembre no segundo capítulo).

Com o Municipal pronto, a Locomotiva poderia se preparar para a Série A2 jogando em casa. Ah, mas a Fonte fez falta... como fez! No retrospecto geral, foram 22 jogos, com nove vitórias, seis empates e sete derrotas. O aproveitamen-

to foi de 50% dos pontos, contando jogos de duas edições da Copa Paulista e da Série A2. O mal desempenho foi um dos responsáveis pelo primeiro rebaixamento da Ferroviária como clube-empresa. Na segunda divisão estadual, foram três vitórias, três empates e três derrotas dentro de seus domínios, números insuficientes para evitar a queda, decretada na derrota por 5 a 3 contra a Portuguesa Santista, em Santos. A AFE usaria um estádio com estrutura de primeiro mundo para jogar a terceira divisão do estado.

Enquanto o presidente Juninho quebrava a cabeça para montar um time para a disputa da Copa Paulista de 2009 dentro das dificuldades financeiras que ainda assombram a empresa, a Arena da Fonte estava em seus ajustes finais. O investimento total na obra foi de quase R\$ 28 milhões, sendo R\$ 20 milhões em recursos federais e quase R\$ 8 milhões do município. Ou seja, a Prefeitura investiu cerca de R\$ 3 milhões a mais do que o inicialmente previsto com as adequações nos vestiários e na cobertura do ferrão de entrada (11).

É TEMPO DE COPA

A Arena da Fonte assustava Ribeirão Preto, imponente polo do interior paulista com dois estádios clássicos do futebol interiorano: o Santa Cruz e o Palma Travassos. O motivo era a disputa pela subsede da Copa do Mundo de 2014, que já incendiava os bastidores do futebol brasileiro, mesmo cinco anos antes de a bola rolar pela maior competição de futebol do mundo (12).

Barbieri fazia propaganda da nova Arena da Fonte e usava da força do projeto da FUNCEF, ao lado do estádio, para atrair os olhos da Fifa. Em entrevista ao jornalista

Lucas Reis, da Folha de São Paulo, em março de 2009, ele afirmou:

“O próximo passo é construir um hotel e um shopping ao lado do estádio e reformar o aeroporto. A cidade tem plenas condições de receber qualquer seleção do mundo para a Copa”. (13)

A cidade vizinha, com sua força econômica mais robusta, tratava de se movimentar nos bastidores. Produziu um extenso material promocional, com fotos e informações, que logo foi distribuído a todas as federações filiadas à Fifa.

O lobby era pesado. A então prefeita Dárcy Vera buscava apoio da Federação Paulista de Futebol e do Ministério do Esporte. A estratégia era vender a ideia de que Ribeirão tinha tudo: estradas bem conectadas, hotéis de padrão elevado, transporte farto e dois estádios que, à primeira vista, poderiam atender às exigências da Fifa (14).

Apesar de toda a pompa e modernidade da Arena da Fonte, quem se deu melhor na disputa foi Ribeirão Preto, que em 2014, cinco anos após a “guerra fria”, recebeu a seleção francesa.. A delegação dos “Bleus” instalou-se no Estádio Santa Cruz, transformado em base de treinos, enquanto o Theatro Pedro II foi preparado para abrigar as entrevistas coletivas

O sentimento de apatia da Ferroviária em relação à Arena até fazia sentido. O clube, que deveria ser o protagonista natural do estádio, assistia de camarote a prefeitura negociar sua reinauguração com o Palmeiras. Marcelo Barbieri, palmeirense confesso, ofereceu o gramado recém-reformado para receber um jogo do time alviverde contra o Internacional (15).

A ideia era transformar o aniversário de Araraquara, em 22 de agosto de 2009, em uma grande festa com casa nova, times grandes e repercussão nacional. Só que o cronograma da obra não colaborou. O prazo de entrega já havia sido alterado duas vezes e, mais uma vez, seria necessário adiar (16). Não estavam prontos o restaurante, a sala de imprensa e o piso da arquibancada, além de adequações de segurança exigidas por bombeiros e Polícia Militar (17). A partida não aconteceu na data prevista, e a inauguração oficial da Arena Fonte Luminosa ficou para depois.

Mas nem por isso o aniversário da cidade seria comemorado fora da nova Arena. Dois dias antes da data oficial, no dia 20 de agosto, embaixo de muita chuva, o cantor Marciano, a Orquestra Jazz Sinfônica de São José do Rio Pardo e o tenor lírico Abel Degli Angeli inauguraram parcialmente o novo estádio, com capacidade limitada e palco montado virado para o ferrão de entrada. Foram distribuídos 9 mil ingressos (18).

ENFIM, INAUGURADA

A Valsa da Fonte finalmente estava chegando ao fim. No dia 22 de outubro de 2009, a Arena da Fonte Luminosa seria reinaugurada. E, que bom, em um jogo da dona “moral” da casa: a Ferroviária. Mas se nem injeção na testa é de graça... Para que a AFE inaugurasse a Arena foi preciso desembolsar R\$ 50 mil à Prefeitura para assumir o protagonismo da abertura do estádio recém-reformado. O valor não saiu diretamente dos cofres grenás: quem assumiu a despesa foi o Supermercado Patrezão, que, em troca, distribuiu ingressos gratuitos pela cidade e promoveu uma ação inédita (19).

Naquela noite, pela primeira e única vez em sua histó-

ria, a Ferroviária entrou em campo com um uniforme amarelo, a cor da rede de supermercados. Os detalhes, como o número nas costas em grená, preservavam o vínculo com a tradição, mas o contraste causava estranhamento.

E o retorno foi triunfal. Mais de 20 mil pessoas tomaram as arquibancadas da Arena da Fonte para a partida contra o Ituano, que marcou a reinauguração oficial. A cerimônia teve ares de espetáculo político e midiático: presenças de peso como o ex-governador Orestes Quércia (PMDB), o ex-prefeito Edinho Silva (PT), o apresentador Milton Neves e Marco Polo Del Nero, então presidente da Federação Paulista de Futebol, que definiu o estádio como “o mais confortável e moderno do interior”. Até um sócio de Pelé apareceu (20).

Antes do jogo, dezenas de crianças ocuparam o círculo central erguendo panos circulares nas cores olímpicas: azul, amarelo, preto, verde e vermelho. Em frente à área vip, um telão transmitia as imagens dos patrocinadores. Na ala onde ficavam as antigas cadeiras cativas, uma faixa gigante dava o tom político do evento: “Obrigado, prefeito Marcelo” (21).

Bola rolando, começa o jogo! Nem parecia que era válido pela quinta rodada do Grupo 6 da modesta Copa Paulista. Era um mar de gente!

Olê, AFE!... Olê, AFE!...

A Locomotiva foi empurrada pela torcida e ainda no primeiro tempo, o camisa 10 Laertinho, araraquarense, cruzou na medida para Biro. Ele cabeceou forte, o goleiro Éder fez grande defesa com o braço direito, mas a bola sobrou para o improvável artilheiro da noite: o lateral-esquerdo Fernando Luís, que, livre de marcação na pequena área,

empurrou de cabeça para as redes e entrou para a história como autor do primeiro gol da Arena da Fonte.

- 1 - FOLHA DE S. PAULO. União libera mais R\$ 7,8 milhões para estádio em Araraquara. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2511200815.htm>. Acesso em: 14 de maio de 2025.
- 2 - Simulação de diálogo feita com base na entrevista de Edinho Silva para esta livro-reportagem. Araraquara, ago. 2025.
- 3 - TRANSFERE GOV. Consulta de convênio nº 700369. Disponível em: <https://discricionarias.transferegov.sistema.gov.br/voluntarias/ConsultarProposta/ResultadoDaConsultaDeConvênioSelecionarConvênio.do?sequalConvênio=700369&Usr=guest&Pwd=guest>. Acesso em: 25 de outubro de 2025.
- 4 - YOUTUBE. FERROVIÁRIA ... IMAGENS DA ARENA GRENÁ . DATA 27/12/2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3BxF_WwSnsQ. Acesso em: 07 de junho de 2025.
- 5 - FOLHA DE S. PAULO. Após 4 mandatos, Edinho se dedica ao PT. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2812200805.htm>. Acesso em: 8 de junho de 2025.
- 6 - YOUTUBE. POSSE DE MARCELO BARBIERI PREFEITO ARARAQUARA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tv9_azm-D1hs. Acesso em: 8 de março de 2025.
- 7 - BARBIERI, Marcelo. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.
- 8 - Simulação de diálogo feita com base na entrevista de Marcelo Barbieri para esta livro-reportagem. Araraquara, ago. 2025.
- 9 - FOLHA DE S. PAULO. Com dinheiro de fundo de pensão, Araraquara terá outro shopping. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0512200810.htm>. Acesso em: 09 de abril de 2025.
- 10 - ARARAQUARA AGORA. Justiça reconhece posse de terreno da FUNCEF no Ceará e complica situação da Rumo Logística. Disponível em: <https://araraquaraagora.com/noticia/26539/justica-reconhece-posse-de-terreno-da-funcef-no-cear-e-complica-situacao-da-rumo-logistica>. Acesso em: 27 de outubro de 2025.
- 11 - CAVICCHIA, Fernanda Stella. Marcelo Barbieri Lutas E Conquistas Na Política Brasileira. Araraquara: [s.n.], 2018.
- 12, 14 - FOLHA DE S. PAULO. Sem dinheiro para reformar estádio, Ribeirão faz 'dossiê'. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2903200912.htm>. Acesso em: 12 de outubro de 2025.
- 13 - FOLHA DE S. PAULO. Região busca se aproximar da Copa 2014. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2903200910.htm>. Acesso em: 12 de outubro de 2025.
- 15 - O GLOBO. Verdão recebe convite para inaugurar estádio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/verdao-recebe-convite-para-inaugurar-estadio-3194417>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- 16, 17 - FOLHA DE S. PAULO. Paineis Regionais. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2006200912.htm>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- 18 - FOLHA DE S. PAULO. Araraquara, 192, assume sua vocação empresarial. Ribeirão Preto: edição regional. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2208200904.htm>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.
- 19 - ALVES FERREIRA JUNIOR, Welson. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.
- 20 - FOLHA DE S. PAULO. Arena da Fonte estreia reforma de R\$ 25 milhões. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2208200904.htm>. Acesso em: 21 de

Capítulo 05.

Tempo Rei

Era 1984. A população brasileira ia às ruas para pedir Diretas Já. Reta final da ditadura militar. Não havia mais voz que calasse o galo que insistia em cantar. Nas rádios, “Sonífera Ilha”, “Como Eu Quero”, “Óculos” e “Inútil” estavam entre as mais pedidas pelos ouvintes. Em outubro deste ano chegou às lojas o álbum *Raça Humana*, de Gilberto Gil. A obra tinha como diferencial o protagonismo da guitarra elétrica em suas canções.

Os carros-chefes que embalaram o disco foram as faixas “Vamos Fugir” e “Tempo Rei”. Esta última, escrita em resposta à “Oração ao Tempo”, de Caetano Veloso, faz uma reflexão sobre a evolução de cada uma das fases da vida em relação à passagem do tempo. Reflexão essa que bateu à porta da Ferroviária S/A após sete anos de atividade. Com dois acessos, um título da Copa Federação Paulista, uma disputa de Copa do Brasil e um quadrangular final da Série A2, o objetivo de salvar a existência da Ferroviária havia sido concluído. Não havia mais chance de as atividades profissionais serem paralisadas. No entanto, a Ferrinha se via longe de seus dias de glória. Era preciso perseverança e fé no tempo para voltar à elite do futebol paulista. Já eram 14 anos fora do Paulistão.

O rebaixamento foi páreo duro. Para o ano de 2010, a Ferroviária S/A tinha caixa zerado e dívidas que giravam em torno de R\$ 900 mil e R\$ 1 milhão em seus cofres (1). Claro, o valor é bem inferior quando comparado com as dívidas da Associação Ferroviária de Esportes durante sua pior crise financeira. Mesmo assim era um desfalque importante, ainda mais para o time vindo de uma queda.

Dr. Juninho fez parcerias para montar o time que disputaria novamente a Série A3. E deu certo! O time encaixou e teve destaques importantes. O lateral-direito Paulo

Henrique, os meias Leandro Miranda e Daniel Costa, além dos atacantes Danilo Martins e Júlio César. Na primeira fase, 3ª melhor campanha entre os 20 times e vaga garantida no quadrangular final.

Lá estava a Locomotiva outra vez entre os oito melhores times de uma divisão e, de novo, na luta por um acesso. Também integraram o quadrangular XV de Jaú, XV de Piracicaba e Comercial. A estreia foi contra o Galo da Comarca, aquele mesmo, que em 2006 jogou um balde de água fria na festa afeana durante a disputa da Série A3. Coisa do passado. Era outro momento. A partida foi no dia 18 de abril, um domingo, às 10h da manhã, com transmissão da Rede Vida. A cara da Terceirona!

No vestiário visitante do estádio Zezinho Magalhães, em Jaú, o clima era de motivação e alerta:

“É decisão essa ‘porra’ aí, hein? Dividida forte! Não vamos morrer na praia não. Não adianta ficar só na conversa aqui não! É dentro de campo”, avisava o artilheiro Danilo Martins (2).

“Gente, o grupo nosso é unido e tem uma amizade muito grande fora de campo. Vamos levar isso para dentro de campo. É quadrangular, é decisão. Quando acabarem os seis jogos, tem que ligar pro pai, pro filho e pra esposa e dizer: dei meu máximo! Foi sangue. Garra, coração, nós vamos rachar!”, completou o goleiro Bruno Prandi, araraquarense e reserva na disputa da competição.

Pilhado, o time grená subiu a campo após uma potente oração:

“PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU...”

Quando a bola rolou, mal sabiam os atletas que pro-

tagonizariam um jogo maluco! Somente na primeira etapa foram cinco gols. A AFE abriu 2 a 0 no placar, com direito à dança maluca e placa de publicidade derrubada por parte do atacante Danilo Martins, que marcou duas vezes. Na sequência, os mandantes empataram. Mas ainda deu tempo de Danilo garantir a triplete. Na segunda etapa, a Ferrinha liquidou. Mais dois gols e um 5 a 2 para dar moral na sequência.

O próximo desafio foi contra o XV de Piracicaba, desta vez ao lado da torcida afeana. Diante de pouco mais de 6 mil torcedores, o maior público da Arena Fonte Luminosa após sua midiática inauguração, deu AFE. 2 a 1 e seis pontos nas duas primeiras rodadas do quadrangular para garantir ainda mais confiança na luta pelo acesso. Na sequência, mais uma vitória, desta vez, diante do Comercial. Três jogos, nove pontos e 100% de aproveitamento. Faltava somente um ponto para garantir a volta para a Série A2. Ponto este que não veio na rodada seguinte. Novamente contra o Leão do Norte, mas desta vez em Ribeirão Preto, a Ferrinha perdeu por 2 a 1.

Próxima estação, Piracicaba. Um empate garantia o acesso com duas rodadas de antecedência. 5 de maio, 20h, estádio Barão de Serra Negra. 6 mil torcedores empurraram o Nhô-Quim. Mas pelo menos uma centena venceu a distância de 142km entre Araraquara e Piracicaba para colocar lenha na fornalha da Locomotiva. Alguns rostos conhecidos das arquibancadas grenás marcaram presença nas arquibancadas alvinegras. Diego Coxi, Bruno de Moura e Reginaldo Beto estavam entre as figurinhas carimbadas (3).

Bola rolando e logo aos seis minutos, um susto. Próximo à área, o meia Givanildo soltou uma bomba, que desviou na barreira e encobriu o goleiro Roberto. Um golaço dos man-

dantes. Mas a Ferroviária foi pra aprontar. Aos 13 minutos, após cruzamento vindo da esquerda, Júlio César, com pouco mais de 1,60m, subiu em meio aos zagueiros do XV e marcou de cabeça o gol do empate. Foi só segurar o resultado e comemorar a volta para a Série A2 do Campeonato Paulista. Festa no gramado! Jogadores começaram a jogar os uniformes para a torcida.

“O, velho! É nós, “caralho”! É nois, na Segundona!”, comemorou o torcedor Hélder Torres, que, na data da publicação deste livro, atua como gerente de operações da Ferroviária (3) .

Na volta do ônibus para Araraquara, Fred Alonso, sempre ele, comandava o volante. Os jogadores faziam festa e ouviam no rádio o pagode “Perseverança”, do Grupo Bom Gosto. Um deles gritou:

“Essa é a música do acesso” (4).

“Vem, somos espelho do mais puro de vocês. Temos orgulho de cantar nossa raiz maior. Bater na mão, sambar no chão. Pra nossa vida ser melhor”, diz a letra, berrada à plenos pulmões pelos atletas.

Na última rodada, a Ferrinha venceu o XV de Jaú por 3 a 0, garantiu a liderança do grupo e uma vaga na final contra o recém-fundado Red Bull Brasil, bem antes da fusão com o Bragantino. Mas o título não veio. Diante de mais de 3 mil afeanos, a Ferrinha foi atropelada. Perdeu por 3 a 0. Na volta, outra derrota, desta vez por 3 a 2. Perante as dificuldades, o vice-campeonato e o acesso ficaram de bom tamanho.

Dessa forma, o projeto da Ferroviária ganhava sobrevivência para buscar a primeira divisão de São Paulo. De volta à A2, o time recebia melhores cotas da Federação Paulista de

Futebol e passaria ter mais tranquilidade para equilibrar as finanças.

Com o sucesso na Série A3, A Ferroviária teve algumas despesas importantes com premiações - que são os famigerados “bichos” que os atletas recebem após uma conquista - e também com rescisões trabalhistas. Para deixar tudo em dia, o presidente Juninho pediu um adiantamento de verba de patrocínio para as patrocinadoras e acionistas da Ferroviária S/A, Lupo e Unimed. Devido ao delicado momento financeiro, o planejamento não incluía a disputa da Copa Paulista no segundo semestre de 2010. Mas a diretoria entendeu que, se o time profissional ficasse inativo durante o restante do ano, não haveria como justificar o adiantamento dos valores às empresas (5).

Com isso, Juninho decidiu que o elenco seria formado pelo time base vice-campeão da Série A3 e outros jogadores das categorias de formação. Mas quem disse que os treinadores topavam o desafio? Após a saída de Felício Cunha, técnico que conquistou o acesso, quatro treinadores foram contatados mas não quiseram trabalhar com um elenco formado somente por jovens atletas. Até que a diretoria chegou ao nome de João Martins, araraquarense que teve outras três passagens no modelo Ferroviária S/A. Ele topou e assumiu o elenco.

OUSADIA E ALEGRIA

14 dias antes da Ferroviária estrear na Copa Paulista, no dia 4 de julho de 2010, os comandados de João Martins enfrentaram um dos Santos mais emblemáticos do século XXI. O time, ainda sob o impacto da geração revelada na base, reunia nomes como Neymar e Paulo Henrique Ganso.

Com Dorival Júnior no comando, a equipe praticava um futebol que encantava o país: ofensivo, criativo, cheio de ousadia e irreverência.

Era o “Santos do futebol arte”, que conquistou a Copa do Brasil e o Campeonato Paulista daquele ano, além de ser apontado como a síntese de uma nova geração de craques brasileiros. Era mais um daqueles improváveis duelos que, não fosse a camisa pesada da Ferroviária, jamais aconteceriam. Por que o principal time do país enfrentaria um time da segunda divisão de São Paulo em um amistoso? Porque era a Ferroviária. Afinal, era outro universo competitivo. Era um clube tradicional do interior tentando se reerguer, celebrando um passo importante em sua reconstrução. Outro ponto de identificação era Dorival, que havia começado a carreira como jogador justamente na Ferroviária e dirigiu o time no Campeonato Paulista da Série A3 de 2002. Naqueles anos de vacas magras.

A diretoria grená pediu para que o ex-volante posasse para fotos com a taça de como vice-campeã da Série A3.

Em campo, a diferença de realidades ficou evidente. O Santos venceu por 3 a 0 na Fonte Luminosa, com gols de Neymar, Alan Patrick e Breitner. Para a Ferroviária, o resultado era menos importante do que o contexto: enfrentar aquele esquadrão histórico, receber de volta um filho da casa em posição de destaque e mostrar à torcida que o clube, mesmo distante dos grandes palcos, ainda tinha sua relevância.

“EU QUERO A1”

Já durante a Copa Paulista, a Ferrinha estreou com derrota em casa para o São Carlos, por 1 a 0. O time não tinha

ambições para a disputa. A ideia era manter as atividades e olhar com atenção o planejamento da Série A2 de 2011. E muito da organização para o próximo ano passava pela chegada de mais parceiros.

No final de julho, a diretoria anunciou a chegada do Sistema COC de Educação e Comunicação. Um patrocinador forte, que teve acordo intermediado por Edinho Silva. O dono do sistema, o bilionário libanês Chaim Zaher, já havia investido milhões de reais com esporte através da equipe de basquete COC Ribeirão, que durou de 1996 a 2006 e teve conquistas importantes como cinco estaduais seguidos de 2001 a 2005, o título brasileiro de 2003, além de um vice-campeonato da Liga Sul Americana de 2006 (5).

Além do esporte da bola laranja, o COC foi o principal financiador da retomada do Botafogo de Ribeirão Preto à elite do futebol paulista, presente na camisa tricolor entre 2006 e 2008. Neste curto período, o rival da Locomotiva saiu da Série A3 para o Paulistão.

O grupo passou a investir cerca de R\$ 25 mil mensais para estampar a camisa grená. Além de Patrezão, Unimed, Cutrale e Lupo, firmaram acordo de patrocínio com a AFE, Sachs, Red Nose, Arencó e Droga Ven.

Na primeira fase da Copa Paulista, a Ferrinha foi bem e liderou o Grupo 1 com 25 pontos. Mas na segunda fase foi eliminada após amargar a 3ª colocação do Grupo 6. O foco era totalmente na disputa da Série A2. O presidente Juninho citava que uma folha salarial que girasse em torno de R\$ 200 e R\$ 250 mil era o mínimo para subir para o Paulistão (5).

Para ter mais dinheiro em caixa, no final de 2010 a diretoria lançou o passaporte “Eu Quero A”, que dava ao torcedor a entrada para os nove jogos em casa durante a primeira fase da Série A2. O nome, que posicionava o time como

competitivo na luta pelo acesso à primeira divisão, teve ação de marketing com várias figuras conhecidas. Os ex-jogadores e ídolos Mauro Pastor, Douglas Onça, Fogueira e Pio, torcedores ilustres como Dona Edite, Vinte e Cinco e Antônio Segura, além de inúmeros políticos, ex-presidentes e dirigentes. Eram vídeos de até um minuto, onde todas essas pessoas falavam suas experiências e memórias com a Ferroviária. Todos encerravam com a frase “Eu Quero A1” (6).

1 - ALVES FERREIRA JUNIOR, Welson. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.

2 - YOUTUBE. Vestiário antes do jogo contra o XV de Jaú, na abertura do quadrangular!. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M_QmRKg5Zdw. Acesso em: 12 de setembro de 2025.

3 - YOUTUBE. Comemoração do acesso no gramado do Barão da Serra Negra!. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=eO0_Rl7nnYg. Acesso em: 12 de setembro de 2025.

4 - YOUTUBE. Jogadores comemoram o acesso no ônibus, voltando para a Morada do Sol1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ISv2Sf2rLAE>. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

5 - YOUTUBE. Juninho fala após anúncio do novo patrocinador. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBLtd45nFw&t=77s>. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

6 - YOUTUBE. Canal “eu quero a1”. Disponível em: <https://www.youtube.com/@euqueroa1>. Acesso em: 15 de setembro de 2025. Mesmo diante de todos os esforços financeiros “Que bom que você voltou.

Capítulo 06.

Que bom que você voltou

Mesmo diante de todos os esforços financeiros e marqueteiros da diretoria para montar um time competitivo para a Série A2 de 2011, a Ferroviária não teve campanha de destaque. O orçamento mensal girou em torno de R\$ 120 mil, abaixo do valor previsto para ter um plantel candidato ao acesso (1).

A AFE parou na primeira fase. Ficou na 7ª colocação do Grupo A com 23 pontos, fora dos quatro primeiros que disputaram o quadrangular final. Ao menos se manteve na Segundona.

A montagem do elenco foi prejudicada por alguns fantasmas do passado. O orçamento do clube era de R\$ 180 mil, mas R\$ 60 mil deste valor ficou reservado para pagar ações trabalhistas da antiga Associação Ferroviária de Esportes (1). Ora, mas ainda restavam dívidas para pagar mesmo após sete anos do acordo da municipalização do estádio da Fonte Luminosa? A resposta é sim.

Os valores restantes giravam em torno de R\$ 750 mil, sendo R\$ 450 mil restantes da AFE e outros R\$ 400 mil da Ferroviária S/A, em novas ações trabalhistas da época da antiga associação que respingaram na nova empresa (2). Mas claro que havia endividamentos da S/A decorrentes de cargas tributárias, apesar de os salários e outros vencimentos serem pagos em dia.

Acontece que, a partir do momento da criação da empresa, a AFE transferiu os seus direitos federativos para que o CNPJ da S/A disputasse os campeonatos. Eram instituições que funcionavam paralelamente. No entanto, não era o que entendiam os juízes. Eles concluíram que a S/A era uma sucessora da AFE e por isso tinha que arcar com aqueles valores. Mas para explicar a situação, precisamos voltar alguns anos nesta linha do tempo, no primeiro mandato do

prefeito Marcelo Barbieri, em 2009.

Do alto do 6º andar da Prefeitura de Araraquara, ele seguia sua rotina como prefeito. Paga uma conta aqui, resolve um outro pepino ali, ouve algum cidadão acolá. De repente, um oficial de justiça traz alguma dívida trabalhista da Ferroviária. Ele tinha que assinar a notificação judicial. Era sempre a mesma história: um funcionário “x”, que ficou empregado durante “x” anos e foi demitido em mil novecentos e “bolinha”. Acontecia com frequência. Eram dívidas à parte das diagnosticadas e encontradas pelo concurso de credores feito durante o acordo com a Prefeitura, em 2006. Muitas, motivadas pela midiática reforma da Fonte Luminosa. Eles pensavam: “se tem dinheiro para a reforma, tem para pagar as dívidas” (3).

Mas mal sabiam eles que o dinheiro da obra era segregado e não poderia ser utilizado para nenhum outro tipo de investimento do Executivo. Choveram ações trabalhistas. Eram mais de 20. Barbieri convocou os advogados concursados para tentar fazer um acordo.

Ele parcelou várias das dívidas trabalhistas e fez um acordo com a Ferroviária S/A para acertar os valores que já haviam sido pagos em nome da antiga Associação Ferroviária Esportes, que ainda existia e tinha sua diretoria formada (3).

Mas esse acordo não aconteceu sem antes muita conversa e jogo de cintura pelo lado de Juninho, presidente da S/A, que reuniu em uma mesa, Barbieri e os deputados Dimas Ramalho, Roberto Massafra e Edinho Silva. Ficou apalavrado que eles ajudariam o prefeito a encontrar meios de arcar com as dívidas restantes da AFE que estavam recaíndo sob a S/A. Era o justo. Afinal, a Prefeitura arrematou o complexo avaliado por um valor bem mais alto do que as

dívidas da Ferroviária (2).

Antes da reunião e após o término da Série A2, Juninho colocou o cargo à disposição, mas a pedido de Barbieri e Edinho, seguiu na gestão e tomou posse em maio.

Após a reeleição, seguiu para um passo importante para o pagamento das dívidas restantes: a unificação de Ferroviária S/A e Associação Ferroviária de Esportes. Ele já vinha trabalhando com essa possibilidade e tinha aberto conversas com os abnegados do AFE há três anos. A unificação foi concretizada, após muita conversa, em 9 de dezembro de 2011, em acordo no restaurante Aldo Comito, na Arena da Fonte Luminosa (4).

A cerimônia foi celebrada como um marco histórico, fruto de anos de tratativas, concessões e costuras políticas. Além de uma simples manobra administrativa, era o resgate de um símbolo, o esforço coletivo de dirigentes, autoridades e abnegados em devolver à Ferroviária um futuro possível de ascensão. A promessa era de limpar o passivo, reorganizar a casa e entregar à nova diretoria um clube “livre” para sonhar de novo.

Entre abraços protocolares e discursos, oficializou-se a integração. A chapa “União Grená”, encabeçada por Juninho, e Valquírio Ferreira Cabral Júnior, assumia com a missão de fundir tradição e modernidade sob uma mesma identidade. Ao lado deles, Milton Cardoso assumia o Conselho Deliberativo.

Nos próximos dois anos, o Conselho Deliberativo seria formado por 12 integrantes da AFE e oito indicados pela Ferroviária S/A, com mais seis suplentes da associação e quatro do clube-empresa. Já o Conselho Fiscal teria dois membros da AFE e um da S/A, repetindo a mesma lógica para as suplências. A relação completa do novo corpo dire-

tivo mostrava, em sua pluralidade, a tentativa de construir um pacto de unidade.

A Prefeitura assumiu as dívidas e, já no término de 2012, não havia mais pendências. Isso não significa que o time não sofreu dificuldades para pagar salários e manter a operação em dia pelos próximos anos. A verdade é que a Ferroviária nunca foi rentável. Adiantamentos de acionistas e patrocinadores, doações, empréstimos de presidentes e até mesmo alguns salários atrasados faziam parte da rotina.

CAI-CAI CHEGOU

Mas, em 2012, um novo parceiro chegou à Ferroviária S/A. Luiz Antônio Duarte Ferreira, mais conhecido em Marília pelo apelido de Luizinho “Cai-Cai” (5). Empresário desde jovem, Luizinho fez carreira no ramo tabagista, onde construiu fortuna e influência no mercado de distribuição.

Durante anos, Luizinho esteve à frente do Marília Atlético Clube (MAC), vivendo uma era de conquistas e protagonismo para o clube do interior paulista. Sob sua gestão, o MAC disputou divisões nacionais, revelou jogadores e se manteve financeiramente estável graças à sua habilidade de trazer patrocinadores, aportar e formar elencos competitivos.

É nesse momento que ele chega à Ferroviária, trazendo consigo a Know How, empresa criada para organizar e expandir seus negócios futebolísticos. Com a estrutura da companhia, Luizinho passa a atuar como um parceiro estratégico da Ferrinha. Seus aportes foram decisivos: além de trazer jogadores e investir na formação do elenco de 2012, Passou contribuições mensais que elevaram o poder de investimento da operação. Ele adquiriu 49% das ações da

Ferroviária S/A, tornando-se o acionista majoritário, mas deu carta livre para Juninho tomar as decisões cabíveis. Sua interferência era pouca ou quase nula no dia a dia grená. Quando interferia, era para vincular, do ponto de vista contratual, um atleta à Ferroviária (6), (7).

Assim foi com o atacante Fabrício Carvalho, principal nome da Ferroviária para a Série A2 de 2012. O centroavante havia se tornado referência no São Caetano, clube que, sob o comando de Muricy Ramalho, surpreendeu o futebol paulista. Em 2004, vestindo a camisa 9 do Azulão, foi peça fundamental na conquista do título estadual, derrubando gigantes como São Paulo e Santos. Forte, goleador e com faro de área, Fabrício representava a imagem clássica do atacante decisivo.

Mas a trajetória promissora encontrou um obstáculo que nenhuma defesa rival havia conseguido impor. Em fevereiro de 2005, um exame de rotina detectou uma arritmia cardíaca. Assim como Washington, que à época enfrentava o mesmo problema, Fabrício foi obrigado a parar. Ficou longe dos gramados por mais de um ano, vendo a carreira, até então em curva ascendente, ser interrompida pelo limite do próprio corpo. A volta exigiu coragem e disciplina: superar o medo, reconquistar a confiança e provar que ainda podia ser protagonista dentro das quatro linhas. Foi com essa bagagem de glórias, mas também de superação que ele desembarcou em Araraquara.

Junto com ele, outros atletas eram os destaques daquele elenco: o goleiro Éverton, o zagueiro Felipe Blau, além dos atacantes Wellington Amorim e Robson, que chegaria ao São Paulo em 2016. E foi com este plantel que a Locomotiva encarou a Série A2.

Na largada, tropeçou. O time não conseguiu emplacar

resultados consistentes, e a pressão inicial custou caro: logo na quinta rodada, o técnico Paulo Cezar Catanocce foi demitido. Para o lugar dele, chegou um velho conhecido da cidade, o araraquarense Ito Roque. A troca de comando trouxe novos ares. A Ferrinha reagiu e embalou oito vitórias em doze jogos, garantindo, mais uma vez, presença no quadrangular final com a melhor defesa da primeira fase. Eram seis partidas que separavam o clube de um retorno aguardado com ansiedade desde 1996: a volta à elite paulista. O sonho de toda uma cidade.

Mas nunca foi fácil para a Ferroviária. E, mais uma vez, não seria.

O quadrangular foi cruel. O que parecia uma campanha embalada se transformou em pesadelo: cinco derrotas e apenas uma vitória. Pavoroso, decepcionante. Um enredo que parecia escrito à mão contra os grenás, frustrando a expectativa de quem já se permitia sonhar com a Série A1. A torcida acompanhava as transmissões online da TV Circulando e da equipe Os Campeões da Bola, da Rádio Cultura, em uma época onde o YouTube era apenas uma plataforma de vídeos virais e os streamings ainda eram distantes do nosso cotidiano.

Fora de campo, a pressão crescia. O elenco havia pedido R\$ 400 mil de premiação em caso de acesso, valor considerado alto pela diretoria. Depois de negociações, as partes chegaram a um consenso em R\$ 300 mil (8). À época, em entrevista ao Globo Esporte, Juninho fez questão de descartar qualquer relação entre as conversas sobre dinheiro e o desempenho em campo.

“Isso é normal, os jogadores pediram uma quantia maior, depois chegamos a um consenso. De forma alguma essa negociação atrapalhou o time dentro de campo. O que

aconteceu nos três jogos é que simplesmente não conseguimos os resultados. Jogamos bem contra o Audax, mas tomamos gols quando estávamos melhores. Lá em Sorocaba nós não nos encontramos. Diante do Barbarense, todo mundo viu, tivemos mais posse de bola, foram 14 escanteios, eles chutaram três vezes e fizeram dois gols, são coisas do futebol. Quando os resultados em campo não aparecem, ficam procurando motivos”, lamentou.

Para ele, havia um peso que não cabia apenas nos ombros dos jogadores. Era um fardo histórico de tantos anos longe da elite estadual. Lanterna do grupo, sem somar pontos após três rodadas, a Ferrinha precisava de um milagre: vencer os três jogos restantes e torcer por uma combinação improvável de resultados. O Barbarense liderava com sete pontos, o Atlético Sorocaba vinha logo atrás com seis e o Audax acumulava quatro. As chances eram mínimas, quase remotas.

O acesso não veio. A frustração, porém, não foi suficiente para frear o projeto que começava a ganhar forma, agora com o dinheiro da Know How e de Luizinho Cai-Cai. O fracasso no quadrangular era mais uma cicatriz em uma longa história de quedas e renascimentos, mas havia um diferencial: pela primeira vez em anos, a Ferroviária parecia ter estrutura e parceiros dispostos a insistir. Sonho, adiado, mas não morto.

Era preciso virar a página, e a Copa Paulista, sempre ela, surgia como oportunidade para isso. Não trazia o mesmo peso da divisão de elite, mas oferecia algo que a Ferroviária buscava com urgência: competitividade e, sobretudo, uma chance de seguir em movimento.

A caminhada levou o time até a semifinal. O Audax, adversário que castigou a Ferroviária por muitas vezes em

confrontos diretos, apareceu no caminho e encerrou o sonho grená. No jogo de ida, empate por 1 a 1 em São Paulo. Na volta, diante de mais 3 mil afeanos, derrota por 2 a 0. Se a Série A1 ainda parecia distante, a Copa Paulista mostrou que o clube poderia alçar voos maiores. Havia uma base, havia confiança. Faltava, como sempre, a última engrenagem, aquela que faria o trem, enfim, chegar de volta ao destino mais esperado. E não seria em 2013.

DE NOVO

A expectativa para o próximo ano era alta: vindo de uma boa campanha na Copa Paulista de 2012, o time era visto como favorito ao acesso. Fabrício Carvalho foi reintegrado ao elenco para a nova disputa após saída no segundo semestre de 2012. Mas o craque recebeu proposta e foi liberado para defender o Cruzeiro-RS. No entanto, a negociação não avançou como esperado. Com a desistência dos investidores do clube gaúcho, Fabrício voltou a treinar na Fonte Luminosa, mas sem demonstrar a mesma motivação (9). A diretoria até abriu espaço para sua permanência, mas percebeu rapidamente que ele não estava totalmente focado. Diante disso, a rescisão contratual foi definida como definitiva no início de 2013, marcando o fim de sua passagem pela Locomotiva (10).

Para a temporada, alguns remanescentes importantes como Éverton e Wellington Amorim davam ânimo. Mas a Série A2 de 2013 foi irregular. A equipe tropeçou em jogos-chave, acumulou resultados ruins e contou com uma maré de azar inacreditável. Lances onde a bola batia nas duas traves, rodava na linha do gol e não entrava, eram rotineiros. Ao invés de lutar pelo acesso, a Ferrinha passou a lutar pela

sobrevivência. De novo.

O MILAGRE DE PÁSCOA

A Ferroviária conseguiu o que parecia praticamente impossível. Em pleno domingo de Páscoa, 31 de março de 2013, às 10 horas da manhã, a Locomotiva entrou em campo diante de 1.001 pagantes na Fonte Luminosa para enfrentar o Santo André, já sem pretensões na competição. O cenário era dramático: a Ferrinha precisava vencer e ainda torcer por duas derrotas de concorrentes diretos na luta contra o rebaixamento.

O jogo foi um drama. Nervosa, a equipe cometeu erros no primeiro tempo e quase viu o Ramalhão abrir o placar. Do outro lado, Rodrigo Viana operava milagres para o time visitante, defendendo finalizações de Ney Mineiro e Wellington Amorim, adiando a explosão grená.

A redenção veio no segundo tempo. Jonatas Obina, brasileiro naturalizado pela Guiné Equatorial, alcançou o cruzamento, nem tão preciso, de Ney Mineiro. Ele tocou de cabeça, a bola bateu na trave, mas dessa vez entrou. Barbante balançando e Fonte abaixo. Depois disso, Everton ainda garantiu o resultado com defesas decisivas até o apito final.

O roteiro parecia de filme. Tudo se encaixou para a permanência. Em São Paulo, o São Carlos caiu diante da Portuguesa, no Canindé. Em Bauru, o Noroeste foi superado pelo Capivariano por 2 a 0. A combinação de resultados que era necessária. Quando o árbitro encerrou a partida, jogadores e torcedores invadiram o gramado. No círculo central, formaram uma roda. O grito ecoava das arquibancadas e se repetia no campo, uníssono:

“Obina, Obina, Obina!”

O herói improvável da tarde transformou um domingo de medo em uma Páscoa de ressurreição para a Locomotiva, que se manteve na Série A2 com 19 pontos, uma posição acima do Z4, e com a mesma pontuação do Noroeste, que foi rebaixado por ter -6 no saldo de gols contra -4 da Ferroviária.

Mas a permanência não mascarou o fracasso da campanha. Três técnicos diferentes comandaram o time: Ito Roque no início, Moisés Egert na sequência e, nas duas últimas rodadas, o treinador do time sub-20, Jorge Saran. Ele foi o responsável por dar confiança aos atletas e evitar a queda. Deve ser lembrado com louvor pela torcida. Em maio, começou o planejamento para o próximo ano com a chegada do diretor de futebol José Manoel. Ele substituiu Joaquim De La Torre, que permaneceu no clube como representante da Know How. Era o responsável por ser os olhos de Luizinho Cai-Cai. O time tentava se profissionalizar e buscava novos perfis de treinador. Após salvar o time da queda, Saran foi efetivado e, apesar de ter a Copa Paulista no segundo semestre.

CAÇA AOS FANTASMAS!

Ninguém conseguia explicar. A Ferroviária tinha bom investimento, salários em dia, um elenco competitivo, mas a bola simplesmente não entrava. O time criava, pressionava, dominava partidas e ainda assim os resultados não vinham. Parecia que uma aura ruim rondava a Fonte Luminosa, como se algo invisível pesasse sobre o clube e atrapalhasse seu caminho de volta à elite.

Foi nesse contexto que o jornal Tribuna Imprensa, de Araraquara, convidou o casal de paranormais Rosa Maria

Jacques e João Tocchetto de Oliveira, conhecidos como os “Caça-Fantasmas”, para verificar possíveis interferências sobrenaturais nos últimos 18 anos de história do clube. A reportagem, assinada pelos jornalistas Paula dos Santos e Moisés Schini, foi publicada em 14 de maio de 2013 (11).

Munidos de câmeras, aparelhos de campo eletromagnético e muita sensibilidade, os paranormais caminharam pela Fonte Luminosa em busca de respostas. Logo na entrada, disseram sentir uma energia pesada. Durante a visita, Rosa Maria afirmou ter conversado espiritualmente com um ex-jogador, ídolo da torcida, que garantia estar ali para ajudar. Para ela, não se tratava de espíritos ruins, mas de presenças que carregavam uma responsabilidade emocional capaz de influenciar jogadores e o ambiente.

Isso, segundo a paranormal, tinha a ver com a dificuldade que a torcida tinha de se desprender do passado. Daqueles fortes esquadrões da Locomotiva na década de 1960. Ela explicou que isso não deixava o time olhar para o futuro.

O episódio rendeu manchetes e virou motivo de piada entre rivais, mas também simbolizou a dimensão da angústia grená. Com ou sem fantasmas, a Ferroviária seguia presa ao próprio labirinto, tentando encontrar um caminho de volta ao protagonismo.

Jorge Saran não durou no cargo. Em setembro já estava fora e Fabrício Maia, técnico prata da casa, comandou o time nas últimas rodadas da Copa Paulista. Ele só venceu um jogo e ficou de fora do planejamento para 2014.

O ano começou com novo alento. Depois de 2013, meses tensos, parecia que 2014 seria diferente. O técnico Wagner Lopes foi anunciado, mas fugiu do barco antes mesmo de estreiar. Ele aceitou proposta do rival Botafogo-

SP, que já disputava a elite paulista, deixando a Ferroviária sem treinador sob contrato para o início da A2. Entrou em seu lugar o experiente Vilson Tadei, encarregado de manter acesa a chama do acesso.

Neste contexto, a parceria com o Atlético-PR estava renovada: seis jogadores foram emprestados ou integrados a partir dessa aliança, o que aliviava financeiramente e permitia montar um elenco mais competitivo.

Entre os reforços, nomes de peso: o volante Acleisson, que já tinha conseguido acesso a elite com o Comercial, o meia Alan Mineiro, a volta de Jonatas Obina, herói do “Milagre de Páscoa” e, como ápice, Alcides, zagueiro com passagem longa pela Europa (Benfica, Chelsea, Schalke 04, Dnipro). Ele havia acertado com o Náutico para a Série A em 2013, mas escolheu a Ferroviária para disputar a A2 em 2014. Acreditou no projeto, que já tinha um orçamento alto para a divisão, com gastos em torno de R\$ 400 mil mensais (6).

Começou (de novo) a labuta da Série A2. A Ferroviária estreou bem e venceu o Capivariano, por 2 a 0, com propriedade na Fonte Luminosa. Mas esse início positivo acabou não se sustentando. Tadei deu lugar ao jovem treinador Antônio Piccoli. Ao longo da competição o time oscilou: bons momentos, mas muitos empates e derrotas em jogos nos quais tinha oportunidades de impor o ritmo ou vencer.

A partir dessa altura, ficou claro que não conseguiria alcançar uma das quatro vagas de acesso. Ao contrário de edições anteriores, os quatro primeiros colocados garantiam vaga direta à Série A1. Não havia quadrangular final. A Ferroviária terminou somente na 9ª posição, muito distante do topo. A pressão começou a pesar.

NOVO COMANDO

No dia 23 de abril, o presidente Welson Alves Júnior, exausto de buscar alternativas, anunciou que entregaria o cargo até o fim do mês. Uma auditoria contratada pelo clube fechava o balanço de sua gestão, que seria apresentada aos acionistas junto do pedido de renúncia. Dessa vez não tinha volta (12). Juninho havia convidado o empresário araquarense Juliano Malara para assumir a presidência, que recusou o convite (6). Edinho Silva, coringa da Ferroviária em momentos delicados, convidou o engenheiro Carlos Alberto Salmazo para encabeçar uma chapa na eleição presidencial. O movimento ganhou força dentro do Conselho Deliberativo, que, após votação, confirmou Salmazo como novo presidente no dia 19 de julho de 2014.

A data coincidiu com a estreia da equipe na Copa Paulista, competição que servirá como laboratório para o novo projeto. Com vários remanescentes do elenco que havia disputado a Série A2, a Locomotiva iniciou a caminhada com vitória por 1 a 0 sobre o Mirassol, em jogo realizado na Fonte Luminosa. Picoli já pensava no planejamento para 2015, mas em agosto, recebeu uma proposta do Juventude, que disputava a Série C. Mais uma vez a Ferrinha tinha que recomeçar.

Para o seu lugar, veio o técnico Aílton Silva, que não agradou e foi demitido em comum acordo após quatro vitórias em dez jogos. O substituto chegou dois dias depois. Mais precisamente em 4 de outubro de 2014. Um catarinense magro, de barba rala e com entradas na cabelo, ex-zagueiro. Era Milton Mendes. Em junho de 2014, alguns meses antes da Copa Paulista, ele foi sondado pelo Athletico-PR para assumir o time sub-23. A proposta, porém, não o se-

duziu. O catarinense queria estar no calor da disputa, sentindo o peso dos pontos em jogo, e não apenas no comando de amistosos feitos pelos aspirantes. Foi indicado para a Ferrinha em mais uma regalia da parceria.

Pouco mais de 131 torcedores assistiram à estreia com derrota do treinador, que viu o time base do elenco que seria formado em 2015 sucumbir por 1 a 0 diante da pequena Independente de Limeira. Mas, convenhamos, pouco importava. O foco já era a próxima temporada e a Locomotiva só cumpriu tabela na segunda fase. Mais um ano em busca do acesso.

1 - YOUTUBE. Juninho na 1ª entrevista como presidente reeleito. Disponível em: <https://youtu.be/8av6-aWS6O8>. Acesso em: 20 de setembro de 2025.

2 - YOUTUBE. Resumo da Opera 19 - Entrevista Dr. Welson Alves Ferreira Jr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fiaJEZ-Vyrg>. Acesso em: 20 de setembro de 2025.

3 - BARBIERI, Marcelo. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.

4 - FUTEBOL INTERIOR. A2: manobra de dirigentes e políticos reunifica a Ferroviária. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/a2-manobra-de-dirigentes-e-politicos-reunifica-a-ferroviaria/>. Acesso em: 14 de setembro de 2025.

5 - FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. Demonstrações financeiras. Disponível em: <https://www.futebolpaulista.com.br/A-Federacao/Financas.aspx>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

6 - ALVES FERREIRA JUNIOR, Welson. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.

7 - SALMAZO, Carlos. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, mai. 2025.

8 - GE. Após vitória, jogador afirma que "não tem mercenário na Ferroviária". Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/noticia/2012/04/apos-vitoria-jogador-afirma-que-nao-tem-mercenario-na-ferroviaria.html>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

9 - GE. Após negociação frustrada, Fabrício Carvalho está de volta à Ferroviária. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/noticia/2012/12/apos-negociacao-frustrada-fabricio-carvalho-esta-de-volta-ferroviaria.html>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

10 - GE. Diretor da Ferroviária confirma saída do atacante Fabrício Carvalho. Globo Esporte. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/noticia/2013/01/diretor-da-ferroviaria-confirma-saida-do-atacante-fabricio-carvalho.html>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

11 - GE. "Halloween": visita de caça-fantasmas à Ferroviária completa 12 anos em meio a nova crise.

12 - GE. Presidente da AFE descarta continuar no cargo e confirma saída para dia 30.

Capítulo 07.

Que Bom Que Você Voltou

“Que bom que você voltou.

Você parecia aquele filho que saía de casa e teimava em não voltar.

Muitos anos se passaram. E você, sempre ausente. Você se aventurou por aí, hein? Se enfiou em divisões que não tinham nada a ver com você. Mas a luz que tem o seu nome é tão forte, que serviu para iluminar certas divisões, que mais pareciam amadoras. Ah, um detalhe importante: seus seguidores. Eles estiveram sempre contigo. Você nunca esteve só. Isso sim é fidelidade. Mas eu vou te confessar uma coisa: você demorou para voltar. Tanto é verdade que alguns, infelizmente, não puderam esperar. Mas quer saber de uma coisa? Hoje tá a maior festa lá no céu! O Luís Malheiros, aquele que te viu nascer, tá numa felicidade só. O Bazani colocou seu uniforme e até improvisou uma taça para dar a volta olímpica. O Paschoal da Rocha já registrou tudo em sua máquina fotográfica e disse que o seu poster vai iluminar o céu. A Dirce Vinte e Cinco aumentou o volume do radinho no último e tá com aquele sorriso que só ela tem. O Wagner Bellini tá com o microfone nas mãos e dizendo a todos que você voltou, LEGAL! Aqui, em vários lugares da cidade, o povo faz a festa por sua volta. A letra de seu hino diz a verdade: o povo está feliz. Pode entrar que a casa é sua. Aliás, sempre foi sua. Seja bem-vinda de volta à primeira divisão!”

(Vaguinho Fiorini)

Foi com este emocionante texto que a equipe esportiva Os Campeões da Bola homenageou a Ferroviária no dia 18 de abril de 2015. Uma data com um peso de 19 anos. Foram 6,9 mil dias, 166 mil horas, 9,9 milhões de minutos e quase 600 milhões de segundos. Tempo suficiente para acumular sangue derramado, decepções e lágrimas. Foi a data

que marcou o retorno da Ferroviária para o Campeonato Paulista. Ela havia voltado. A Ferroviária de Araraquara. Mas também de José Roberto Fernandes, Marcos Chiocchini, Carlos Renato Segura, Roberta Silva, Paulo Sérgio da Silva, Dona Edith, Jonatan Dutra, Fogueira, Guilhermão, Pio, Dudu, Diego Coxi, Helter Torres, João Victor Segura, Jôe, Renan Capella, Rafael Lia e tantos outros afeanos. A nossa Ferroviária.

Foi em um sábado de calor escaldante em Guaratinguetá (SP). O adversário, de mesmo nome da cidade, já estava rebaixado para a Série A3. Mas nem por isso iria facilitar a vida da Ferrinha, considerada a franca favorita do campeonato. Sob comando do “Mister” Milton Mendes, a Locomotiva montou um plantel forte. Manteve a base do time de 2014 e contou com a chegada de novos nomes, muitos deles, fruto da parceria com o Atlético-PR. O goleiro Rodolfo, os zagueiros Luan, Neguete, Alcides e Patrick, os laterais Roberto e Paulo Henrique, os meias Renato Xavier, Milton Júnior, Alan Mineiro, Danilo Sacramento e Adriano Paulista, além dos atacantes Élder Santana, Fio e Tiago Adan foram os grandes destaques do time que entrou para a história. É um plantel que causa e sempre causará boas lembranças aos torcedores.

A campanha foi irretocável: faltando três jogos para o término da competição, o time ficou a um ponto do acesso, justamente contra o Guará. Mas na partida anterior, quando goleou o Novorizontino, também candidato ao acesso, por 4 a 0, diante de mais de 8 mil torcedores, o afeano já sabia que o momento havia chegado. Toda a luta seria finalmente recompensada.

Foi um ano mágico. Nem parecia que era a Ferroviária do “pra gente é tudo mais difícil”. Para não dizer que não

teve um pouco de tensão, dois pilares da equipe, o zagueiro Alcides e o técnico Milton Mendes, entraram em conflito. Discussão feia durante um treinamento na Fonte Luminosa. Quase foram para às vias de fato. Após a poeira baixar, coube a um dos líderes do elenco, o meia Danilo Sacramento, resolver o pepino a pedido do diretor de futebol José Manoel. O experiente jogador conversou com as duas figuras individualmente, entendeu os pontos de cada um e botou panos quentes (1).

Com Alcides, a intimidade era maior do que com o treinador. Sacramento convidou o zagueirão para tomar uma cervejinha e frisou a importância de manter a boa convivência do grupo, que iniciou a Série A2 de forma eletrizante. Em seis jogos, foram cinco vitórias e um empate. O sétimo seria contra o Batatais, equipe que ocupava a lanterna da competição. A líder Ferroviária foi surpreendida pelo Fantasma e perdeu por 1 a 0. O jogo foi num sábado e, durante a reapresentação no domingo, Alcides e Milton se resolveram após uma longa conversa no escritório do treinador. Ainda bem. A briga poderia ter rachado o elenco e este livro se estenderia em mais capítulos para contar a história recente do clube. Mas nada, nem ninguém atrapalharam a Ferroviária naquele ano.

O time seguiu de vento em popa. Os torcedores, que na 17ª rodada viajaram para Guaratinguetá, já sabiam que presenciaram a história diante dos olhos. No vestiário, o roupeiro Gêra organizava com carinho o manto da Locomotiva, que naquela tarde histórica deixou o grená de lado e jogou de branco (2).

Tudo pronto, bola rolando no Vale do Paraíba. Logo veio o primeiro susto. Em uma cobrança de falta, o goleiro Rodolfo surpreendeu ao bater com categoria. Flay, do

Guaratinguetá, defendeu, e a bola ainda beijou o travessão antes de sair. Imagina se o gol do acesso sai dos pés de um arqueiro? O time grená passou a rondar a área adversária com mais insistência, empurrado pelo barulho das arquibancadas. Aos 24 minutos, Élder Santana fez um cruzamento venenoso que atravessou toda a pequena área. Por centímetros, Fio não conseguiu empurrar para as redes. A sensação era de que o gol estava próximo, mas o destino parecia brincar com os corações araraquarenses. A ansiedade não cabia no peito.

Nada de gols na primeira etapa. No segundo tempo, logo aos dois minutos, o lateral Roberto, motorzinho pelo lado esquerdo, disparou em velocidade e foi derrubado na área por Robson Barone. Penalidade! Comemorada a plenos pulmões pelos torcedores presentes na surrada arquibancada visitante do estádio Professor Dario Rodrigues Leite, também conhecido como Ninho da Garça. Quem foi para a bola foi o artilheiro Tiago Adan, com a responsabilidade de resolver 19 anos em um lance. Ele não esquivou. Pegou a bola, botou na marca da cal e deslocou o goleiro. Flay pulou para o lado esquerdo, a bola foi para o seu lado direito. Com a violência do chute, ela furou a rede. Era a carga e a importância daquele gol. Daí foi só segurar o resultado e garantir a festa.

Cada segundo arrastava-se como se o relógio fosse um inimigo declarado. No banco, jogadores se levantavam e, abraçados, já faziam festa. Na arquibancada, famílias se apertavam como se pudessem segurar o resultado com as próprias mãos. Choros, gritos e muita emoção. Dentro de campo, onze guerreiros defendiam não apenas uma vantagem mínima, mas também o direito de devolver à Ferroviária um lugar de onde nunca deveria ter saído.

Quando o árbitro levou o apito à boca pela última vez, o silêncio de um segundo foi rompido por um grito histórico. Era a consagração de uma jornada de reconstrução. Jogadores tombaram no gramado, alguns em lágrimas. Milton Mendes levou banho de gelo e foi carregado pelos atletas. Nas cabines de imprensa, José Roberto Fernandes, que não conteve o choro, traduzia todo o sentimento em uma narração que entrou para a história:

“Chore à vontade, torcedor da Ferroviária. Você tem todo o direito de chorar... Acabou, acabou, acabou! Acabou o jogo. Acabou a vergonha. Acabou o sofrimento. Acabou a humilhação. Acabou o desespero de quase 20 anos. Acabou o jogo. Agora é só alegria. É o coração que pulsa firme, pulsa forte! A Ferroviária está de volta à primeira divisão do futebol de São Paulo” (3).

Na arquibancada, era uníssono:

“ÔÔÔÔÔÔ, A FERRINHA VOLTOOOOU!”

Os jogadores subiram no alambrado e fizeram a festa. Distribuíram coletes aos afeanos presentes. Todo o esforço valeu a pena. Todo o sofrimento e frustração acumulados durante quase duas décadas foram recompensados. No ônibus, os atletas faziam festa. Nem parecia que o time enfrentaria 422km até Araraquara.

Quando o busão embicou no início da Avenida Bento de Abreu, em frente ao Teatro Municipal, centenas de afeanos que desde às 17h30 faziam festa, foram a loucura. Um deles até beijou a careca do técnico Milton Mendes.

DA TERRA DE PELÉ!

No sábado, acesso. No domingo, título. Com a vitória em Guaratinguetá, a Ferrinha chegou aos 40 pontos. O único time que poderia alcançá-la era o Oeste, que empatou por 1 a 1 na rodada e não ultrapassaria o time grená no número de vitórias.

Mas a campanha histórica não seria possível sem um mineirinho nascido em Três Corações, cidade do Rei Pelé. Revelado pelo Atlético-PR, ele rodou bastante no mundo da bola até chegar em Araraquara. Paraná, Mato Grosso do Sul, Paraguai e Japão estiveram entre os destinos do meio-campista de um metro e setenta e três centímetros.

Na frustrada campanha na A2 de 2014, já tinha sido peça importante. Fez gol olímpico, de fora da área e deixou os atacantes na cara do gol. No segundo semestre, passou por Boa Esporte e Icasa por empréstimo.

Mas em 2015 ele estava impossível. De onde chutava, era gol. Fez dois gols contra o Mirassol, três contra o Rio Branco, marcou de fora da área na goleada por 7 a 1 sobre o Monte Azul. Alan Mineiro, o verdadeiro craque da Locomotiva Grená. Marcou história com a camisa sete de Ferrinha nesta temporada e se tornou um dos grandes ídolos recentes.

REFORMULAÇÃO

Com o título assegurado, a Ferrinha garantiu vaga na Copa do Brasil de 2016. Não havia mais nada para ser disputado nos dois últimos jogos que faltavam, contra São Caetano e Guarani. O Atlético-PR, que cedeu vários jogadores e havia indicado o treinador em 2014, vivia situação

delicada no Campeonato Paranaense. É que o Furacão utilizava o estadual como uma espécie de preparação para a temporada por meio de atletas da equipe sub-23 e estava no quadrangular do descenso, onde quatro times fazem turnos de ida e volta e os dois últimos caem para a segunda divisão, enquanto os dois primeiros escapam.

Diante desse cenário, Milton Mendes foi imediatamente recrutado pelo clube paranaense. No mesmo dia em que os curitibanos anunciaram a demissão de Enderson Moreira. Horas após a conquista afeana no domingo, o treinador do acesso já se preparava para uma nova jornada: de malas prontas, seguiu para Curitiba, onde assinaria, na segunda-feira, com a equipe da Série A do Campeonato Brasileiro.

O auxiliar técnico Ednelson comandou a Ferrinha nos últimos dois jogos. O time venceu o São Caetano por 2 a 0 na penúltima rodada e, no último jogo, contra o Guarani, na Fonte Luminosa, foi só dar olímpica e erguer o troféu de campeã da Série A2 de 2015. Assim como em 1955 e 1966. Tri-campeã da divisão de acesso.

O time grená teria um longo caminho pela frente para se estruturar e montar um time competitivo para a disputa do estadual em 2016. Logo de cara, ficou decidido que a Ferrinha não jogaria a Copa Paulista no segundo semestre. Todos os esforços ficariam concentrados na formação do elenco para a próxima temporada. Muitos atletas renovaram com a Locomotiva e seguiram por empréstimo para o segundo semestre.

O time já contava com uma equipe de comunicação liderada por Humberto Boschiero, que desde 2010 ajudava o clube com algumas campanhas publicitárias. Havia um processo de recuperação da marca, que sofreu no início da década de 2010 com as dívidas citadas no capítulo anterior.

A ordem era pagar em dia (4).

Para 2016, mesmo com orçamento enxuto, a Locomotiva foi montando um elenco competitivo. A notícia de que o Campeonato Paulista teria seis rebaixados pegou todos de surpresa. O alto número de equipes que cairiam para a Série A2 de 2017 fazia parte de uma reformulação da FPF na competição, que passaria a rebaixar somente dois times a partir de 2017.

UM TOQUE LUSITANO!

O escolhido para comandar o elenco afeano foi mais uma vez indicado pelo Athletico-PR. Mas diferente de Milton Mendes, este teria sotaque lusitano e ideias de jogo peculiares para um time do interior de São Paulo. Era o português Sérgio Vieira, nascido na pequena vila de Póvoa de Lanhoso, uma freguesia de Portugal que, assim como Araraquara, também tinha suas marcas históricas. A principal delas, o Castelo de Lanhoso, um dos mais antigos de Portugal, palco de eventos cruciais para a fundação do país, como o Tratado de Lanhoso.

Sérgio Vieira havia chegado ao Atlético-PR no início de 2014, integrando o grupo de profissionais estrangeiros que o clube recrutou com o intuito de adotar uma reestruturação técnica e metodológica. O português começou discretamente, aplicando treinamentos específicos aos jovens do elenco e, pouco depois, assumiu o comando da equipe sub-23 na disputa da Taça FPF, competição organizada pela Federação Paranaense de Futebol.

A trajetória de Vieira até aquele momento era curiosa e, de certo modo, improvável para os padrões do futebol do interior paulista. Com experiência acumulada em solo euro-

peu, ele já havia passado por clubes como Sporting e Braga. Em 2015, o treinador foi cedido ao Guaratinguetá, para comandar o time na Série C do Campeonato Brasileiro. Pouco antes de desembarcar em Araraquara, o português viveu seu momento de maior visibilidade no Brasil. Ele substituiu, provisoriamente, no Furacão, justamente o ex-técnico afeano, Milton Mendes, no comando do time principal do Athletico.

Quando seu nome foi confirmado pela Ferroviária, as manchetes destacavam o ineditismo da escolha. Era e ainda é raro ver um técnico europeu assumir um clube de pequeno porte no interior paulista. Ao desembarcar na Fonte Luminosa, Sérgio chegou com o discurso de criar um elenco com metodologia de jogo moderna. Um time que jogasse bonito, compacto e que promovesse perigo aos adversários.

Não demorou muito para que os reforços comesçassem a chegar. O primeiro foi o maestro Fernando Gabriel, que chegou com status de camisa 10 vindo do Al-Faisaly dos Emirados Árabes Unidos. Depois vieram reforços da parceria com o Atlético. O goleiro Rodolfo, camisa 1 do acesso, estava de volta. Ao lado dele chegaram as apostas Marcão para a defesa e Matheus Rossetto para o meio-campo. Outros nomes badalados como o meio-campista Rafael Miranda e o atacante Samuel, emprestado pelo Fluminense, compuseram o elenco.

Além da parceria com o Furacão, a Ferrinha conseguiu outra, com o Atlético-MG. Vieram o lateral-direito Alex Silva e o atacante Wesley (5). O time fez toda a preparação no moderno CT do Caju, em Curitiba. O centro de treinamentos no Paraná propiciou ao time recém-promovido à elite estadual um tratamento de time grande.

O elenco da Ferroviária para o Paulistão 2016 contava com três goleiros: Hugo, Alexandre Cajuru e Rodolfo. Nas laterais, a equipe tinha à disposição Alex Silva, Igor Julião, Luiz Gustavo e Thallyson. A defesa era composta pelos zagueiros Wanderson, Marcão e Luan.

No meio-campo defensivo, o treinador Sérgio Vieira contava com os volantes Renan, Juninho, Rafael Miranda, Matheus Rossetto e Renato Xavier, responsáveis pela marcação e pela transição entre os setores.

Mais à frente, na criação de jogadas, apareciam os meias Fernando Gabriel, Wescley e Danielzinho, encarregados de dar ritmo e inventividade ao ataque grená. No setor ofensivo, o time reunia Samuel, João Paulo, Caíque, Rafinha, Tiago Adan e Tiago Marques, compondo um ataque com opções de velocidade, força e presença de área.

CHEGOU A HORA!

Começou o Campeonato Paulista para a Ferroviária! A estreia foi contra o Água Santa, ex-time de várzea de Diadema que debutava na primeira divisão. O time ia segurando um bom empate fora de casa, mas em um pênalti duvidoso assinalado pela arbitragem, Tchô marcou e deu a vitória ao Netuno (6).

Ninguém imaginava que a Ferroviária voltaria fazendo barulho. Mas partida após partida, a Ferroviária foi ganhando corpo, confiança, respeito. Bateu Mogi Mirim, Rio Claro e RB Brasil em sequência.

No domingo, 21 de fevereiro, Araraquara recebia a volta dos grandes à Fonte Luminosa depois de quase duas décadas. Um reencontro aguardado por gerações. Vê-la de novo entre os gigantes, respirando o ar da elite, foi algo indescrití-

vel. O estádio inteiro parecia pulsar com a sensação de que o tempo havia voltado e o apito da Locomotiva soava outra vez.

Mais de nove mil pessoas foram à Fonte. Era o mesmo estádio, mas parecia outro: mais vivo, mais cheio, mais bonito. O adversário impunha respeito. O Corinthians, campeão brasileiro de 2015, vivia uma de suas melhores fases na década. Havia vencido os quatro primeiros jogos do Paulistão e estreado com autoridade na Copa Libertadores. Tite, ainda no auge de sua passagem pelo clube, trazia um time que encantava o com intensidade, triangulações e disciplina tática.

Mas a Ferroviária tinha suas convicções. O treinador, com seu sotaque lusitano e ideias modernas, montou uma equipe compacta, de linhas próximas e troca de passes precisos. A Locomotiva não se intimidou. Pelo contrário: impôs ritmo, pressionou a saída corintiana e, aos poucos, tomou conta do jogo.

Os primeiros minutos ainda foram de susto: o goleiro Rodolfo precisou intervir em duas boas chegadas do alvinegro. Mas logo a maré mudou. Os volantes Juninho e Rafael Miranda, em sintonia perfeita, dominaram o meio-campo e desmontaram a engrenagem corintiana. O time de Tite, acostumado a ditar o compasso, não conseguia respirar.

Foi então que Juninho brilhou. Incansável, surgia em todos os cantos do campo. Desarmava, armava, aparecia na frente. E foi assim, como um elemento surpresa, que marcou os dois gols da partida, lembrando o estilo de Mineiro, o herói são-paulino do Mundial de 2005.

A Ferroviária ficou à frente no placar por duas vezes. A Fonte explodiu. Cada gol parecia reescrever a história recente do clube. Mas o futebol, caprichoso, ainda guardava

um golpe: aos 37 minutos do segundo tempo, o Corinthians empatou em 2 a 2, evitando o que teria sido uma das derrotas mais simbólicas do seu ano.

Quando o apito final soou, ninguém parecia frustrado. O torcedor afeano sabia o que tinha visto. Sabia que aquele empate tinha gosto de vitória e que, no fundo, o Corinthians é que saía aliviado. O próprio Tite reconheceu em entrevista e elogiou o desempenho da Locomotiva (7). Já a imprensa se derreteu e elegeu a partida como uma das melhores do ano (8).

O campeonato seguiu e após uma derrota fora de casa para o Ituano, com time alternativo e falhas do goleiro reserva Alexandre Cajuru, a Ferrinha foi novamente enfrentar um grande. O Palmeiras, no Allianz Parque. O palco era grande, o público, numeroso, a pressão alta. Mas esse era o teste ideal para provar o que Sérgio Vieira vinha afirmando: organização, compactação, coragem fora de casa. A Ferroviária dominou taticamente, envolveu o Palmeiras, tocou a bola, impôs ritmo. Fernando Gabriel abriu com bola parada. Cobrança de falta no canto de Fernando Prass. O Palmeiras empatou com Cristaldo, mas a Ferrinha não se intimidou. Nos acréscimos, Rafinha, o talismã da torcida, aproveitou vacilo, arrancou, finalizou com categoria: 2 a 1. Vitória fora de casa numa das maiores praças do futebol paulista.

ATÉ O PRESIDENTE GOSTOU!

Naquelas rodadas iniciais, o time parecia voar. O interior enfim tinha alguém para chamar de campeão moral, alguém que dava conta do recado contra os grandes. A imprensa nacional destacava a parceria com o Athletico-PR,

que fornecia jogadores, estrutura, pulmão, mas também destacava como a Ferroviária se tornara um coletivo forte. Não era só aposta: era convicção de jogo, de grupo. O time recebia a alcunha de “sensação” do Campeonato Paulista. Até a folha salarial, que custava em torno de R\$ 380 mil, foi divulgada, prática que nunca mais se repetiu nos anos posteriores (9).

Sérgio Vieira era o maior alvo da exposição. Dava entrevistas para grandes canais, era avaliado e recebia elogios (10). Não só da imprensa: Em março de 2016, durante as investigações da Operação Lava Jato, veio à tona um grampo telefônico envolvendo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Edinho Silva, que na época exercia o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social do Brasil e voltaria à Prefeitura de Araraquara em outubro.

Na conversa, Lula elogia espontaneamente o desempenho da Ferroviária e o estilo do treinador português:

Lula: Alô.

Edinho Silva: Bom dia, presidente.

Lula: Querido Edinho, tudo bem?

Edinho Silva: Tudo bem e você?

Lula: Tudo bem (...) Estou te ligando por duas coisas. Primeira que a Ferroviária tá boa para caralho.

Edinho: Viu só, te falei...

Lula: Ouvi uma entrevista do técnico da Ferroviária, ele

é português.

Edinho: 33 anos.

Lula: Ele é português. Porra, fiquei impressionado com a entrevista dele.

Edinho: O cara é bom. Quando eu o conheci, eu jantei com ele em Araraquara e ele conversa com você sobre economia, processo migratório da Europa, a crise econômica...

Lula: Como é que ele foi parar na Ferroviária?

Edinho: É o seguinte, a Ferroviária, só para você lembrar, o senhor vai lembrar. A antiga Villares foi comprada pela Inepar, se lembra?

Lula: Eu lembro.

Edinho: A Inepar é do Paraná, e os sócios da Inepar são o Atilano e o Mario Celso Petraglia, que é o presidente do Atlético-PR. Desde 2004 a Ferroviária tem uma parceria com o Atlético. Eles colocam os moleques da base, que querem amadurecer, lá para jogar na Ferroviária. Esse técnico era o treinador sub-23 do Atlético Paranaense.

Lula: Ahn...

Edinho: E no ano passado, o Atlético fez uma parceria com o Guará, de Guaratinguetá, que o time estava caindo. Esse time de moleques não só tirou do rebaixamento como quase classificou. Como tem a parceria, o Atlético indicou-o

para pôr na Ferroviária, colocaram 11 jogadores e esse treinador. E o cara tá indo bem pra cacete

Lula: Pqp! Depois, a cabeça dele é boa.

Edinho: É boa. O dia que eu jantei com ele, eu falei desse jeito, presidente: “Sérgio, você ainda vai treinar a seleção brasileira, não sei quando, mas você vai treinar. Então aproveita essa oportunidade.” Falei para ele, no Brasil você é um quadro em branco. Aproveita essa oportunidade e construa um bom perfil. Faz diferente, diferente dos treinadores que estão aqui. Ele é bom, tem curso na Uefa.

Lula: Olha, se você conversar com ele pode dizer que eu escutei a entrevista dele e gostei muito.

Edinho: Um dia eu vou levá-lo para falar com o sr. Vai gostar muito.

Lula: Ele é um cara diferenciado.

Edinho: É um moleque bom.

Lula: E o time da Ferroviária tá jogando bonito (11).

A exposição excessiva chamou atenção. O encanto de 2016, que começou como um conto de fadas, terminaria com uma dose amarga de realidade.

Depois das vitórias marcantes, a Locomotiva passou a ser observada de perto. Adversários começaram a estudar o modelo de jogo de Sérgio Vieira. Eles se adaptaram ao toque refinado e ao posicionamento coletivo do time grená.

Foram quatro derrotas consecutivas e as linhas compactas que antes surpreendiam passaram a ser espremidas por marcações que deixavam o time tocar a bola de um zagueiro para o outro, sem efetividade. O time até tentou manter o bom desempenho, mas a sequência pesada de partidas começou a minar os resultados. Aos poucos, o brilho inicial deu lugar à tensão. O estopim foi a derrota por 1 a 0 para o rival Botafogo-SP, em plena Fonte Luminosa. Uma vitória garantiria o time na Série A1 de 2017 e, de quebra, rebaixaria o time de Ribeirão para a Série A2. Mas com o resultado, o time foi para a última rodada flertando com o rebaixamento, algo impensável semanas antes, quando o elenco de Araraquara era exaltado pelo noticiário esportivo.

O português, que havia transformado o modo como o Brasil olhava para a Ferroviária, deixava o comando a uma rodada do fim da primeira fase, com o time em 13º lugar, empatado em pontos com as equipes da zona de rebaixamento e sobrevivendo apenas pelos critérios de desempate. É importante lembrar que, neste ano, seis equipes seriam rebaixadas.

Na rodada final, a Ferrinha teria pela frente o Linense, fora de casa, um confronto em que o empate garantiria ambos na elite. E assim foi. Um 0 a 0 de comadres garantiu a permanência na Série A1 do Paulistão. Um jogo sem transmissão, longe do brilho que o time flertou no início da competição.

- 1 - YOUTUBE. Personagens do Acesso – Super Live com Danilo Sacramento e Jairo Blummer! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pMc_LFc17Ss&t=1972s&pp=ygUvZGFuaWxvIHNhY3JhbWVudG8gZSBqYWlybyBwZXJzh25hZ2VucyBkbyBhY2Vzc28%3D. Acesso em: 22 de agosto de 2025.
- 2 - YOUTUBE. Especial do Acesso: Guarã 0 x 1 Ferroviária: Roupeiro Gêra deixando tudo pronto para o duelo! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYvgCZQuoc>. Acesso em: 23 de agosto 2025.
- 3 - YOUTUBE. RÁDIO CULTURA DE ARARAQUARA: FIM DE JOGO FERROVIÁRIA X GUARATINGUETÁ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLYSZP-CNQA&pp=ygUyZmVycm92aWFyaWEgbnFycmHDp8OjbyBqb3NIHJvYmVydG8gZmVybmFuZG-VzIDlwMTXSbWkjAwoBhyohjO8%3D>. Acesso em: 23 de agosto de 2025.
- 4 - BOSCHIERO, Humberto. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, jul. 2025.
- 5 - PORTAL MORADA. Presidente da Ferroviária se mostra otimista com nova parceria. Disponível em: <https://portalmorada.com.br/presidente-da-ferroviaria-se-mostra-otimista-com-nova-parceria/>. Acesso em: 30 de outubro de 2025.
- 6 GE. Água Santa x Ferroviária. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/futebol/campeonato-paulista/jogo/30-01-2016/agua-santa-ferroviaria/>. Acesso em: 26 agosto de 2025.
- 7 - FOLHA DE S. PAULO. Tite elege jogo contra a Ferroviária como o melhor do ano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/02/1741739-tite-elege-jogo-contr-a-ferroviaria-como-o-melhor-do-ano.shtml>. Acesso em: 27 de agosto de 2025.
- 8 - SPORTV. Milton Leite elogia empate entre Corinthians e Ferroviária: "um jogão". Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/programas/troca-de-passes/noticia/2016/02/milton-leite-elogia-empate-entre-corinthians-e-ferroviaria-um-jogaco.htm>. Acesso em: 12 de outubro de 2025.
- 9 - GAZETA ESPORTIVA. Com gestão empresarial e técnico europeu, Ferroviária é a sensação do Paulista. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/com-gestao-empresarial-e-tecnico-europeu-ferroviaria-e-a-sensacao-do-paulista/>. Acesso em: 12 de outubro de 2025.
- 10 - LANCE!. "Falamos com Sérgio Vieira: futebol uma ciência como engenharia." Disponível em: https://www.lance.com.br/futebol-nacional/falamos-com-sergio-vieira-futebol-uma-ciencia-como-engenharia.html#google_vignette. Acesso em: 27 de agosto de 2025
- 11 - Transcrição do áudio do grampo telefônico. GE. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/2016/03/grampo-da-pf-revela-conversa-de-lula-sobre-tecnico-e-parceria-do-atletico-pr.html>. Acesso em: 27 de agosto de 2025.



Fonte Luminosa em festa para Ferroviária X Juventude | Copa do Brasil 2007



Torcida afeana em Guaratinguetá, no jogo do acesso, em 2015



Elenco da Ferroviária rebaixado para a Série A2 em 2023



Ferroviária X Ferroviário na final da Série D de 2023



Elenco da Ferroviária que subiu para a Série B após 30 anos



Fernando Luís sobe de cabeça para marcar o primeiro gol da Arena da Fonte



Tadeu em sua tarde de herói, após garantir a vitória por 1 a 0 contra o Corinthians, na Fonte



Resistente ferrão do fundo durante as obras de modernização da Fonte Luminosa



Jogadores da Ferroviária comemoram gol contra o Corinthians, pelas quartas do Campeonato Paulista de 2019

Capítulo 08.

Aquecendo a Fornalha

As locomotivas precisavam de fogo. Nos primeiros anos do século XX, o movimento que cortava o estado levando café, algodão e demais grãos até o Porto de Santos começava dentro da fornalha, o coração das máquinas a vapor.

O processo exigia paciência e precisão. O foguista, encarregado de alimentar o fogo, lançava carvão ou lenha pela escotilha, aquecendo a caldeira até que a água em seu interior atingisse o ponto de ebulição. Quando o vapor se acumulava sob pressão suficiente, o apito soava, e a locomotiva ganhava vida.

“Foouoooooooooooooooooom”.

Era esse vapor que impulsionava os pistões e transformava calor em movimento, uma engenharia simples e, ao mesmo tempo revolucionária, que sustentou o ciclo econômico do café e conectou cidades inteiras por meio dos trilhos.

A fornalha, invisível aos olhos dos passageiros, era o ponto de partida de tudo, onde se concentrava o esforço humano e transformava a força bruta em avanço.

Assim como aquelas máquinas, a Ferroviária também precisou reacender suas próprias fornalhas, mais uma vez. Antes de qualquer nova arrancada, foi necessário reacumular calor, reconstruir sua base e preparar o terreno para um novo ciclo.

Em 2016 a campanha no Paulistão foi uma verdadeira montanha russa. O time precisava de um novo treinador. E para a função, a diretoria convocou Antônio Picoli, aquele, que dois anos antes tinha comandado o time na Série A2 e na Copa Paulista.

Desta vez, porém, o desafio era maior. Além de pla-

nejar o segundo semestre e pensar no Paulistão do próximo ano, a equipe tinha, na semana seguinte à chegada de Picoli, um duelo pela segunda fase da Copa do Brasil. Em meio ao Campeonato Paulista, o time entrou em campo contra o Salgueiro, em jogos de ida e volta. Venceu por 1 a 0 em Araraquara e empatou por 1 a 1 em Pernambuco. Classificação garantida. Nesta segunda fase, o sorteio indicou um duelo entre Ferroviária e Fluminense.

O cenário que se desenhava não era favorável. O adversário contava com medalhões como Diego Cavalieri, Gum, Henrique, Magno Alves, Fred e outros. Já a Locomotiva vivia uma situação de desmanche. Com o fim do Paulistão, muitos contratos com jogadores que iam até o término do estadual foram encerrados. Com isso, o time passou a ter um elenco reduzido para a disputa. Para piorar, Picoli chegou somente uma semana antes do jogo contra o time carioca.

Era mais um grande clube voltando à Fonte Luminosa. A Ferrinha mesclava jogadores em final de empréstimo do Atlético-PR com alguns da base. Para o primeiro jogo, o time até mantinha alguns titulares do Paulistão. No entanto, para a volta, nem mesmo os goleiros estariam disponíveis.

Com a bola rolando, o Flu abriu o placar logo aos 16 minutos. Osvaldo cruzou, a bola bateu na mão de Wesley, e o árbitro marcou pênalti. Fred cobrou bem, fez o gol e encerrou um jejum de dez jogos (83 dias) sem balançar as redes. Pouco depois, o atacante voltaria a marcar, de peito, após cruzamento de Gustavo Scarpa. Foi uma resposta à torcida, que, antes do início da partida, chamava o atacante de “cone”, apelido pejorativo dado a ele durante a disputa da Copa do Mundo de 2014, quando Fred serviu a seleção brasileira.

Para piorar a situação da Ferrinha, o goleiro Rodolfo foi expulso por falta dura em Pierre fora da área. Na cobrança, Scarpa acertou o travessão, lance que fez a Ferroviária se agigantar. Thallyson perdeu um pênalti, mas, aos 43, Luan subiu mais alto que a defesa após escanteio e descontou. Quatro minutos depois, em jogada de Wesley, Tiago Marques aproveitou o rebote de Cavaliere e empatou o jogo em 2 a 2.

O segundo tempo começou com a Locomotiva empurrada pela torcida. Logo aos cinco minutos, Tiago Marques se livrou da marcação de Henrique e Gum, dupla de zaga ex-seleção brasileira, e fez um golaço, virando a partida. Inacreditável. O time reverteu um placar de 2 a 0 contra um time grande, com um a menos e em menos de 10 minutos, levando os dois tempos em consideração. Mas, o banho de água fria do Tricolor veio com Magno Alves, de cabeça, após cruzamento de Wellington Silva, fechando o placar em 3 a 3.

Para o jogo da volta, a Ferroviária não contaria com o goleiro Rodolfo, que estava suspenso pelo cartão vermelho. O reserva imediato, Alexandre Cajuru, se machucou. Só sobrou um goleiro da base para o time afeano. A diretoria foi então ao mercado e trouxe Matheus, do Batatais. Na volta, o time passou longe da classificação. Perdeu por 3 a 0 e foi eliminado em Volta Redonda. Era o momento de reconstituir o elenco.

Mais uma vez, o time teria a disputa da Copa Paulista no segundo semestre do ano. Claro que os nomes mais estrelados do elenco do Paulistão não ficariam. Nem mesmo os menos estrelados. Apenas alguns atletas da base com pouca rodagem e contratos mais longos se mantiveram no elenco.

A meta era conquistar o título da competição para ganhar uma vaga na Série D do Campeonato Brasileiro. Foi

a primeira vez que o clube demonstrou a ambição de ascender no cenário nacional. Era o Projeto Ferroviária entrando em ação pela primeira vez. Mas claro, seria difícil. A diretoria conseguiu montar um elenco competitivo para o Paulistão em virtude da parceria com o Atlético, em que muitos atletas tinham seus salários pagos na totalidade ou parcialmente pelo time paranaense.

POR POUCO

No entanto, no segundo semestre, o time não conseguiu manter os atletas emprestados e o orçamento era ainda mais apertado, devido a pouca ou nula exposição da Copa Paulista. Não tinham cotas de televisão, os patrocinadores não entravam, além de que os atletas que disputaram o estadual no primeiro semestre tinham mercado em times das Séries C, B e A do Campeonato Brasileiro. Foi neste cenário em que o elenco começou a ser montado.

Os nomes passavam longe do possível brilho dos reforços do Paulistão. Mas o time foi muito estável. Fez a melhor campanha da 1ª fase com 30 pontos em 12 jogos. Na 2ª fase, também passou com tranquilidade, na liderança de seu grupo, novamente com a melhor campanha entre os restantes.

Vieram os mata-matas e, nas quartas de final, a Ferrinha encarou o Nacional de São Paulo. Empate por 1 a 1 na capital e vitória por 2 a 1 em Araraquara. Na semifinal, o São Caetano, também um dos favoritos ao título. Na primeira partida, no ABC Paulista, os times empataram por 0 a 0. No jogo de volta, na Fonte Luminosa, o duelo foi equilibrado. O Azulão saiu na frente com Naôh, que ficou cara a cara com o goleiro Matheus após Luan afastar mal na área da

Ferroviária. O time afeano empatou ainda no 1º tempo, com Êlder Santana, que havia voltado ao time depois de integrar o elenco que subiu para a Série A1 em 2015.

Apesar da insistência e de boas oportunidades para ambos os lados, o empate persistiu no placar e levou a partida para os pênaltis. Logo na primeira cobrança, Bruno Lopes desperdiçou para a Locomotiva. A bola foi por cima do gol. O São Caetano converteu suas cobranças. A Ferrinha também. O último pênalti da Ferroviária foi cobrado por William Cordeiro, que apontou para o goleiro Matheus e disse:

- Vamo pegar! Eu confio em você.

Se a bola entrasse, a AFE estaria eliminada. O responsável pela cobrança era Daniel Costa, meio-campista com história na Locomotiva. Jogou entre 2009 e 2012, passando pela inauguração da Arena da Fonte, o acesso para a Série A2 de 2010 e outros momentos da história recente. Quis o destino que ele errasse a cobrança contra o ex-clubes. Matheus pulou para o canto direito, a bola bateu no pé direito do goleiro e não entrou.

Na sequência, com cobranças alternadas, Felipe Silva converteu para a AFE e Sandoval, outro ex-afeano, perdeu sua cobrança em outra defesa de Matheus, o herói da classificação à final. Pelo segundo ano consecutivo, a Ferrinha teria uma competição nacional para disputar, já que a vaga na decisão garantia pelo menos a Copa do Brasil.

Na finalíssima o adversário foi o XV de Piracicaba. O time voltou ao Barão de Serra Negra, onde havia conquistado o acesso para a Série A2 em 2010, e encontrou a fanática torcida do Nhô Quim em grande número. Os donos da casa

dominaram o jogo e venceram por 2 a 0, com dois gols de Rafael Costa. Ficou difícil para a Locomotiva reverter.

Na volta, marcada para um sábado à tarde na Fonte, Araraquara foi tomada por um dilúvio. Muita água mesmo. Com direito a granizo e placa de publicidade sendo arrastada em campo. A chuva cessou pouco antes de a bola rolar e o jogo começou mesmo com algumas poças d'água no gramado. A torcida compareceu em peso. 10 mil pessoas gritavam “eu acredito”, na intenção de incentivar o time grená a vantagem quinzista. E deu certo, parcialmente.

Logo no primeiro minuto, Kelvy chutou da entrada da área. A bola desviou no cria da base, Fabrício Daniel, e enganou o goleiro Mateus Pasinato. Festa na Fonte Luminosa! Aos sete, Bruno Lopes recebeu na área e chutou. Mais um! Em menos de dez minutos a vantagem dos visitantes foi para o espaço. A Ferrinha continuava pressionando e, empurrada pela torcida, era melhor no jogo. No segundo tempo, William Cordeiro cobrou falta e Zé Mateus desviou para o próprio gol. 3 a 0 Ferroviária, placar que dava o título. Mas a alegria durou só até os 27 minutos, quando, após escanteio pela direita, o XV fez 3 a 1 e levou a decisão para a cobrança de pênaltis.

Dessa vez não deu para a Locomotiva. Kelvy e João Lucas cobraram no canto direito de Pasinato, que fez as duas defesas e levou o XV ao título inédito da competição. O sonho de disputar a Série D pela primeira vez foi adiado. Uma derrota doída, principalmente pelo desempenho da Ferrinha. O time jogou bem! Foi mais uma das peças pregadas pelo futebol.

OLHO EM 2017

O bom desempenho na Copa Paulista animou a diretoria, que utilizou o elenco como base para o plantel que seria formado para o Campeonato Paulista, que já batia à porta. Outro louro da campanha foi a utilização de atletas da base, inclusive entre os titulares, em jogos importantes.

A base foi mantida e outros reforços chegaram. O goleiro Matheus, um dos mais bem quistos pela torcida, ficou. Também veio para disputar a titularidade o camisa um César, emprestado pelo Flamengo. Além deles, chegaram o experiente zagueiro Leandro Amaro, ex-Palmeiras, e outros nomes de destaque como o meia Juninho e o atacante Leonardo, que mesmo parado há algum tempo, tinha um bom currículo.

O principal destaque foi a volta do meia Alan Mineiro, o principal ídolo recente da torcida afeana. Após carimbar o acesso em 2015, foi emprestado ao Bragantino no segundo semestre daquele ano e obteve destaque. Ele estava previamente acertado para jogar o Campeonato Paulista de 2016 pela Ferrinha, com quem tinha contrato até agosto daquele ano. No entanto, recebeu uma proposta do Corinthians. Simplesmente irrecusável. Afinal, era e é um dos maiores clubes do país. O Timão desembolsou R\$ 1 milhão à Locomotiva por 70% dos direitos econômicos do jogador de 28 anos na época (1). Ele teve oportunidades no time titular. Mas, em entrevistas posteriores, alegou que, na época, o treinador Tite recebeu pressão de dirigentes e empresários para colocar nomes mais badalados e mais caros, ao invés dele (2). Até porque, eles que haviam pagado. Sendo verdade ou não, Alan passou a ser emprestado a outros times. Só em 2016 passou por América-MG e Bragantino. Foi com este intuito de recuperar o bom futebol, que Mineiro voltou para “casa”.

Com outros reforços, a AFE iniciou sua jornada no Paulistão com derrota para a Ponte Preta por 2 a 1, em Campinas. Na sequência, enfrentou o Asa de Arapiraca pela primeira fase da Copa do Brasil e foi eliminada após empate por 1 a 1 na Fonte. A vantagem era do visitante. O time seguiu para a segunda rodada do Paulistão e perdeu de novo, desta vez para o Mirassol, por 3 a 1. Antônio Picoli não aguentou a pressão e foi demitido. O ciclo se repetia, mas desta vez o time sequer mostrou sinais de bom futebol, em comparação com 2016. Ficou nítido que o elenco estava abaixo do nível de competitividade que exigia a primeira divisão estadual. Couberam a Alan Mineiro e Leandro Amaro segurar o rojão e liderarem o time.

PC de Oliveira, araraquarense, e técnico da seleção brasileira de futsal, foi a escolha da diretoria para assumir o comando técnico. Um risco e tanto, afinal, apesar da grande experiência nas quadras, nunca em sua carreira ele havia comandado um time de futebol. Foi como dar o all-in. Tinha que dar certo. O Campeonato Paulista era muito curto. Dois rebaixados para apenas 12 rodadas. A largada ruim havia prejudicado muito o time, que teria pela frente o Audax, surpresa no Campeonato Paulista de 2016, que chegou a final contra o Santos e impressionou o Brasil com um futebol envolvente. Era a explosão da carreira de Fernando Diniz, que chegaria ao comando técnico da seleção brasileira anos depois. Mas naquela noite chuvosa, em Araraquara, o máximo que deu pra conseguir foi um empate.

O goleiro Matheus, herói na Copa Paulista de 2016, passou a ser olhado com desconfiança pelo torcedor. No banco estava César, mas o atleta do Fla não era aproveitado. Foram três rodadas e somente um ponto conquistado. O número mágico para a permanência na divisão era 12

pontos. E o próximo adversário, nada mais, nada menos, do que o Santos, na mágica e gloriosa Vila Belmiro, estádio que foi palco de tantos encontros entre Ferroviária e Santos nos longínquos anos 1960. Pelé nunca perdeu da Locomotiva na Vila, mas na Fonte, o maior jogador de futebol de todos os tempos acumula números negativos. A história aponta quatro vitórias santistas, enquanto a AFE levou a melhor em sete, além de dois empates registrados na Morada do Sol. Ao todo, o time santista marcou 22 gols nesses confrontos, nove deles assinados pelo próprio Rei. A Ferroviária, por sua vez, balançou as redes 25 vezes diante do lendário adversário.

Longe das glórias passadas, mas pelo menos na elite, PC de Oliveira estreou no comando técnico justamente na Vila mais famosa do mundo. E, em um daqueles jogos em que o peso da camisa da Ferroviária se sobressai em momentos no mínimo improváveis, Alan Mineiro cobrou escanteio bem na marca do pênalti. Leandro Amaro subiu entre a marcação e cabeceou no canto direito de Vladimir, gol que garantiria a vitória na Vila Belmiro. A primeira na competição. Pontos importantes para seguir na luta contra o Z-2. Mas as coisas não andaram conforme o planejado...

Depois, o time teve um empate contra o Santo André, por 1 a 1, em casa, uma goleada por 4 a 1 sofrida diante do Palmeiras e, na sequência, outra derrota, desta vez, novamente na Fonte, para o São Bento. Uma das noites mais deprimentes da história do estádio. Inconformada com o desempenho, a própria torcida começou a gritar ao elenco:

“Ão, ão, ão, segunda divisão”.

Os afeanos jogaram a pá de cal. Golpe vindo das próprias arquibancadas. O rebaixamento era quase certo. No

jogo seguinte, mais uma derrota, desta vez, por 2 a 0, contra o Novorizontino. Uma partida com lances característicos de uma equipe rebaixada. Bola tirada em cima da linha pelo adversário e cabeceio no travessão. Para piorar, Willian Cordeiro cobrou pênalti e o goleiro defendeu. No entanto, a arbitragem mandou voltar. Na segunda cobrança, o lateral mandou para fora. Que fase!

A situação era delicadíssima. Faltavam quatro partidas. A próxima seria contra mais um grande de São Paulo, o Corinthians. Era um daqueles jogos que os times do interior, quando fazem as contas para se manter na elite, nem contam pontos. Mas a Ferroviária precisava contar. Nem que fosse o Barcelona de Pep Guardiola, ou a seleção holandesa de Cruyff. A tabela apontava a AFE com cinco pontos. Os adversários diretos tinham sete. Uma vitória bastaria. Mas como vencer o Timão?

PC Oliveira usou suas armas. As poucas que tinha. Armou um esquema com três zagueiros e reforçou o meio-campo com Renato Xavier fazendo a função de volante e completou com Alan Mineiro e Kelvy na armação do time. A cartada final estaria embaixo das três traves.

NASCE UM ÍDOLO

Matheus não vinha bem. César foi devolvido ao Flamengo a pedido do Rubro-Negro. A opção que restava vinha de Joaquim Távora, uma pacata cidade do interior do Paraná. Tadeu Antônio Ferreira, ou simplesmente Tadeu. Nascido em abril de 1994, o futuro goleiro começou a tentar seguir a carreira como profissional de futebol muito cedo. Os primeiros passos, ou defesas, por assim dizer, foram no

Coritiba. No Coxa se profissionalizou e começou a ser emprestado para outras equipes. Passou por Tupi-MG, Maringá e Ceará, até tomar a decisão de parar de jogar futebol.

No entanto, tudo mudou com uma ligação de Gustavo Moino, preparador de goleiros do Coritiba que havia deixado o grande paranaense rumo à Ferroviária. Ele convidou Tadeu para compor o elenco do time grená para a Copa Paulista de 2016. Para ele, foi como um teste para decidir se continuava a carreira ou não. Ele topou, mas teve poucas oportunidades durante a competição. (3) Foram só três partidas, em uma delas, falhou na saída de bola em jogo contra o São Carlos.

O arqueiro não tinha as características desejáveis para um “goleirão”. Ele tinha 1,84 de altura, considerada uma estatura baixa para um goleiro. No jogo mais importante da Ferroviária naquele Campeonato Paulista, PC decidiu dar chance ao menino de Joaquim Távora.

Quando saiu a escalação, uma hora antes da bola rolar, a torcida levou um susto. A principal dúvida era justamente em relação à altura. Afinal o Corinthians tinha Jô no comando de ataque, alto e com bom cabeceio. Como o Tadeu iria ganhar nas disputas de bola no por cima?

Para a ocasião, a Ferrinha estreou o seu terceiro uniforme daquela temporada. Todo azul, com listras finas e detalhes brancos. As cores fizeram homenagem à Araraquara, que em 2017 completou o seu bi-centenário. Ao lado inferior esquerdo, um patch dourado com o brasão de armas da cidade contextualizava a motivação. A Fonte Luminosa contava com 7 mil torcedores. Estava dividida entre corintianos e afeanos. A galera do Timão queria ver os ídolos recentes da história do clube: Cássio, Fagner, Jadson e outros. Já a

sufrida torcida da Locomotiva esperava um milagre.

Começou o jogo e a Ferroviária tentava impor velocidade. Com menos técnica que o adversário, o time compensava na vontade. Mas o Corinthians assustava muito mais. Logo aos 19 minutos, Jô subiu de cabeça, livre de marcação, e Leandro Amaro tirou, de calcanhar, em cima da linha. Três minutos depois, Jadson recebeu na área, deu um biquinho na bola e ela quase entrou. O time grená, de azul naquela tarde, marcou com Tiago Marques aos 41. No entanto, ele estava em posição irregular e o gol foi anulado.

Logo no início da segunda etapa, Gabriel perdeu a bola próximo à área para Jonathan Bocão. O lateral da Ferroviária tocou para Alan Mineiro, que foi derrubado. Pênalti! Mineiro foi para a bola. Ele bateu e acertou a trave. No rebote, a bola resvalou em Cássio e voltou para o meia, que matou no peito e deu um toquinho por cima do goleiro. Gol, para explosão da torcida!

Para desespero dos atletas do Corinthians, o meia dominou com o braço antes de tocar para o fundo da rede. No entanto, o lance passou despercebido pela arbitragem de Raphael Claus. Em tempos de VAR, o gol seria anulado.

O jogo seguiu com muita pressão alvinegra. Em outro lance, Marlone saiu cara a cara com Tadeu, que conseguiu evitar o gol em defesa com a canela. Na sequência, cruzamento na área, domínio de Guilherme que encheu o pé. O goleiro afeano voou na bola e evitou o empate. Em nova jogada pela lateral, Fagner cruzou e Jadson pegou de primeira. Tadeu de novo! Além das defesas com maior destaque, foram inúmeras saídas em meio aos grandalhões do Timão dentro da área de ataque. Ele foi um gigante e garantiu a vitória que virou a chave da Ferrinha no Paulistão.

Na rodada seguinte, o time viajou para o ABC para

encarar o São Bernardo. E foi novamente com o uniforme azul. Superstição? Sim. O time conseguiu um empate por 0 a 0 e voltou para Araraquara com a obrigação de vencer o Ituano. Para lavar a alma, aos 11 minutos já estava 2 a 0 para a Ferrinha. O Galo descontou aos 17 minutos, o que deixaria o time afeio possivelmente mais defensivo. Mas logo no minuto seguinte Tiago Marques marcou e sacramentou a vitória. A AFE estava fora da zona de rebaixamento.

Na última rodada, contra o rival Botafogo-SP, em Ribeirão Preto, o 0 a 0 garantiu a permanência. Mais uma vez a Ferrinha escapou da queda na última rodada. Dentro de campo, o time sofria, principalmente pelo baixo orçamento para a primeira divisão.

Sem a parceria com o Atlético, a diretoria precisou se segurar com os próprios investimentos. Fora de campo, o time se reestruturava com novas filosofias, práticas bem definidas e planejamento. Era preciso criatividade para driblar a falta de dinheiro.

1 - SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. Balancete Patrimonial – Exercício de 2016. Disponível em: <https://static.corinthians.com.br/uploads/d612b350f600a2592e6b50535600c801.pdf?rand=60bAVGtuHSWrBK5h>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

2 - YOUTUBE. O técnico Tite me chamou na sala dele e | CORTES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BwCoax2piGg>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

3 - GE. Goiás x Ferroviária: Tadeu reencontra pela primeira vez clube que o resgatou para o futebol. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/2025/05/23/goias-x-ferroviaria-tadeu-reencontra-pela-primeira-vez-clube-que-o-resgatou-para-o-futebol.ghtml>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

Capítulo 09.

O Projeto Ferroviária

A Ferroviária virou SA por necessidade. Contamos essa história nos primeiros dois capítulos. No entanto, sem se dar conta, o novo sistema de gestão possibilitou o time a pensar em estratégias mais modernas e procurar soluções “fora da caixa”, sem as amarras e burocracias de uma associação sem fins lucrativos.

Não é que entre 2003 e 2014 a gestão não fosse profissionalizada. Era, e tinha planejamento. Mas o time penava para se reestruturar fora de campo. Apesar de a parceria com o Atlético existir desde a origem da SA, em 2015 o time paranaense mergulhou na gestão da Locomotiva. O representante do Furacão na Morada do Sol era Pedro Martins, filho de Edinho Silva. Mas não se engane: sua presença ali se devia ao mérito e à capacidade de gestão, não a vínculos familiares.

Pedro é formado em Administração e tem MBA em Indústria do Futebol pela Universidade de Liverpool, na Inglaterra. Ele nasceu em Araraquara, mas antes de integrar à AFE, acumulou experiência em clubes como o Olé Brasil e o Queens Park Rangers, da Inglaterra. No Athletico-PR, passou pelos cargos de gestor de inteligência de mercado e, depois, gestor do departamento de performance e scouting.

Em 2015, Pedro participou ativamente do projeto de reformulação da Ferroviária, que começava a adotar um modelo de gestão baseado em perfil de treinador. Wagner Lopes, que deixou o clube para treinar o Botafogo-SP antes do Campeonato Paulista da Série A2 já era uma tendência de contratar diferente. Para o lugar dele, chegou Vilson Taddei, um nome mais ligado à velha escola de técnicos. Mas logo na sequência veio Antônio Picoli, já com a mesma filosofia. Consequentemente como parte desta gestão, comandaram o elenco: Milton Mendes, Sérgio Vieira e, por fim, Picoli no-

vamente, antes da chegada de PC de Oliveira. Todos jovens, estudiosos e com boas ideias.

Tudo isso fazia parte de um planejamento traçado pelo Athletico-PR em conjunto com a Ferroviária. Em 2016, Pedro Martins, então funcionário do clube paranaense, passou a se dedicar exclusivamente ao projeto afeano, um passo decisivo para o início de uma nova fase na história da Locomotiva.

Além dos jogadores, a Ferrinha passava a usufruir uma estrutura de time de Série A do Campeonato Brasileiro, mesmo estando sem divisão nacional (1).

Em fevereiro de 2017, após a 5ª rodada do Campeonato Paulista, o diretor de futebol José Manoel se despediu da Ferroviária. Em março, Pedro Martins se desligou oficialmente do Furacão e assumiu o cargo como funcionário contratado do clube araraquarense. Com a permanência suada no Paulistão, o terreno estava livre para novas ideias e a sequência em iniciar o projeto de ascensão nacional do clube, que passava pelo título da Copa Paulista.

Para isso era necessário ter uma categoria de base consistente. Em 2016, quando Pedro se alocou em Araraquara ainda pelo CAP, o time só disputava a categoria sub-20, e pior, de forma esporádica. Quando estava em disputa, o elenco existia, quando não, se desintegrava. Era impossível dar continuidade ao trabalho (2). Mesmo assim, o futebol profissional utilizou ativos das categorias de base na equipe principal. São os casos dos zagueiros Patrick e Raniele, os laterais Sávio e Ian, os volantes Fábio Souza e Kaio Pantaleão, além de Fabrício Daniel e Hygor.

Com a reestruturação das categorias de formação, foi dado o passe livre para a criação de um sistema de jogo único, integrado entre a base e o profissional. Dessa forma,

facilitaria a adaptação dos atletas formados no momento que chegassem ao time principal. O modelo foi inspirado no futebol europeu. E não bastava apenas ser bom. Os atletas que fossem contratados, a partir dali, também tinham que se encaixar nesse padrão. Era a construção do jeito Ferroviária de jogar. Tudo isso integrado com o futebol feminino da Locomotiva, as Guerreiras Grenás, uma das referências na modalidade no Brasil.

O projeto da AFE era de criação coletiva. Durante o dia a dia de trabalho, eram feitas inúmeras reuniões entre treinadores das categorias sub-15, sub-17, sub-20 e profissional. Isso enriquecia as ideias. Fora de campo, o time passou a criar ações de marketing que iam desde a chegada de novas franquias nos bares da Fonte Luminosa (3), à ação de sócios torcedores, além da criação da TV institucional do clube no YouTube, que mostra bastidores das partidas, transmite coletivas de imprensa e demais divulgações internas, além de algumas transmissões com imagens.

Sem dinheiro para trazer grandes reforços, principalmente no segundo semestre de 2017, o novo modelo permitiu que a estratégia de contratação da Ferroviária mirasse jogadores promissores, destaques em times de divisões inferiores, com potencial de venda. Claro, eles precisavam estar livres no mercado. O modelo de negócio era: identificar o ativo, dar oportunidades, formar e vender. A Copa Paulista era o local perfeito para esse laboratório. Já o Paulistão, a vitrine para o Brasil.

Além dos atletas da base, chegaram com esse intuito os laterais Daniel Vançan e Arthur Henrique, os meias Íkaro e Elvis, além dos atacantes Felipe Ferreira, Léo Castro e Marco Damasceno. Destes, o mais velho era Ferreira, com apenas 23 anos.

Para trazer experiência ao elenco, a Locomotiva repatriou o meia campeão em 2015, Danilo Sacramento, além de contar com pilares do elenco como o zagueiro Luan, também remanescente do título da Série A2, e outros atletas formados na base, entre eles, Alisson e Hygor. Estava formado o elenco para a Copa Paulista de 2017.

Para comprovar o pioneirismo do projeto, nesta época o clube firmou uma parceria com o Santa Clara, clube português que na época disputava a segunda divisão do país (4). A ideia era fazer intercâmbio de atletas e trocar experiências de gestão.

Na primeira fase, o time passou na vice-liderança do grupo com 25 pontos, atrás do almoz na final do ano anterior, o XV de Piracicaba. Na segunda, também formada por grupos, Locomotiva na liderança com 12 pontos. Vieram os mata-matas. Nas quartas de final, a AFE enfrentou o Santos, que disputava a Copa Paulista com seu time sub-23. Na ida, goleada afeana por 4 a 0 na Vila Belmiro. Em Araraquara, 3 a 2 grená na Fonte.

Na semifinal, a dificuldade começou a aumentar. Veio a Portuguesa, já destroçada com quatro rebaixamentos consecutivos, mas com uma das camisas mais pesadas do futebol paulista. No Canindé, em São Paulo, a Ferrinha largou em vantagem para o jogo da volta: 2 a 0 com gols de Léo Castro e Marco Damasceno. Na Fonte Luminosa, o time fazia jogo controlado e segurava com tranquilidade o 0 a 0 que lhe dava vaga na final. Mas, aos 30 minutos, Guilherme Queiroz aproveitou erro individual de Luan e marcou para a Lusa. A AFE segurou e conseguiu manter o gol único do time Rubro-Verde. Mais uma vez, era finalista da Copa Paulista.

SOLTA O GRITO!

Todo aquele processo de contratação e recrutamento de atletas estava dando resultados em campo. Pelo menos na Copa Paulista. Na final, a adversária seria a Inter de Limeira, que também sonhava com dias melhores. No primeiro jogo, empate em Limeira por 0 a 0 com muita chuva no estádio Major Levy Sobrinho. Mas a decisão que importava era a de Araraquara, uma semana depois.

No 3º capítulo deste livro, narramos a perda do acesso para a Série A2 em 2006, para o XV de Jaú, em Araraquara. Também contamos que em 2007 o time se redimiou e conseguiu o acesso. Veja como são as coisas: dez anos depois, desta vez na Copa Paulista, a Locomotiva vivia o mesmo dilema. Em 2016, a perda de uma final doída. Em 2017, a possibilidade de fazer diferente, novamente em casa.

O estádio se vestia de grená e esperança. O povo afeano, calejado e teimoso, estava lá mais uma vez. Eram mais de 11 mil pessoas. O raio não poderia cair duas vezes no mesmo lugar.

A bola rolou, e logo nos primeiros minutos já se via uma Ferroviária pra frente. Arthur e Damasceno tramavam pela esquerda, a bola rodava rapidamente. Damasceno girou o corpo e bateu firme, mas Rafael Pin, goleiro da Inter, foi buscar no canto. Era o primeiro apito da Locomotiva.

Pouco depois, o gol. Léo Castro levantou a cabeça e, com a precisão de um maestro, lançou Damasceno nas costas da zaga. O camisa 11 tocou por cima de Rafael Pin, e, antes que a bola cruzasse a linha, Hygor apareceu, empurrando de vez para o fundo das redes. 1 a 0. A Fonte veio abaixo.

A Inter reagiu. Lucas Douglas arriscou uma bicicleta que beijou a trave, um lance que paralisou a Fonte. Tadeu, seguro, fez defesas importantes em cabeçadas de Moisés

e chutes de fora da área. O goleiro grená parecia estar em noite inspirada e sabia que poderia fazer história.

O segundo tempo começou com intensidade. A Inter voltou disposta a empatar, e não demorou. Malcon avançou pela esquerda, cruzou rasteiro, e Wesley apareceu na pequena área para completar: 1 a 1. Silêncio ensurdecedor, só pausado com o grito ao fundo da torcida visitante.

A Ferrinha tentou responder, e quase voltou à frente quando Hygor cruzou para Caio Mancha, que se jogou na bola, mas viu a trave salvar o goleiro Rafael Pin. Um lampejo de que a sorte ainda testaria a fé grená.

E então, ela veio: Damasceno, pela esquerda, cruzou na área. A defesa da Inter se atrapalhou, e Hygor, o mesmo que abriu o placar, apareceu de novo. Um chute seco, rasteiro, certeiro. 2 a 1. O grito saiu engasgado, histérico!

Mas o futebol é cruel com quem se permite acreditar cedo demais. Já nos acréscimos, a torcida gritava:

- É CAMPEÃO.

Mera inocência de quem ainda não estava acostumado como era ser Ferroviária. A torcida acendeu sinalizadores e o jogo paralisou por alguns minutos. Tudo o que o time de Limeira queria. Em um rebote da zaga, Wesley virou de primeira, no ar, de canhota, e acertou um chute improvável. A bola tocou a trave antes de morrer no fundo do gol. 2 a 2. Inacreditável O relógio já marcava 48 minutos. O estádio congelou. O maldito raio parecia cair de novo na Fonte Luminosa. Novamente disputa de pênaltis.

E dessa vez, foi pior ainda. Foram necessárias 18 cobranças para descobrir o campeão. Foi muito sofrimento. O zagueiro Patrick foi o primeiro. Correu curto e bateu cruza-

do, no canto esquerdo. Gol. Tom respondeu pela Inter. Bola alta, no canto direito. Tadeu foi no canto certo, mas não alcançou. Tudo igual.

A tensão crescia: Élton caminhou até a bola com passos lentos. O estádio em silêncio. Bateu... pra fora. Lucas Douglas, pela Inter, também desperdiçou. A cobrança lembrou a de Baggio em 1994: longe, muito longe do gol.

Os deuses do futebol, enfim, pareciam dispostos a equilibrar as contas. Vieram as alternadas. Vançan marcou, Sacramento confirmou. Do outro lado, Wesley respondeu, mantendo viva a esperança alvinegra.

Até que era hora do goleiro da pequena Joaquim Távora fazer história novamente. Com a camisa azul, a mesma usada pelos jogadores de linha naquela retomada contra o rebaixamento na fase final do Campeonato Paulista, Tadeu ficava embaixo das três traves. Puxava as redes e tentava pressionar o adversário. Na bola estava o volante Marquinhos. Ele correu, bateu firme no canto esquerdo, à meia altura. E Tadeu voou. Um voo de redenção, de alma, de Ferroviária. Com as duas mãos fez a defesa, saiu correndo, ajoelhou e com os braços erguidos, viu uma onda grená explodir num rugido ensurdecedor. Era a consagração de um ídolo.

Ferroviária bi-campeã da Copa Paulista. O raio não caiu de novo. Era noite grená! A torcida invadiu o campo e viu de perto a festa acontecer. Após saída do estádio, novamente a festa continuou noite adentro na Avenida Bento de Abreu. Em 2018 a Ferrinha disputaria a Série D. Era volta ao Brasileiro após 15 anos. A última vez havia sido a Série C de 2003. Passe livre para sonhar mais alto.

2018

Para 2018, o planejamento do Projeto Ferroviária consistia em manter a base do elenco campeão, com o acréscimo de atletas mais experientes para serem os líderes.

Três dias após a conquista do título, a diretoria anunciou o primeiro reforço da temporada seguinte: o experiente meio-campista Moraes. Ele havia sido peça importante em times como Atlético-PR, Corinthians e Vasco. Era considerado o grande nome para a disputa. Nos dias seguintes, a Ferrinha seguiu anunciando renovações com o elenco. Os primeiros anunciados foram os laterais Daniel Vançan e Alisson, depois os meio-campistas Íkaro e Elvis. Eram nomes que poderiam render e com baixo custo para o clube.

Na sequência, anunciou o lateral e meia Velicka, os meias João Cleriston, Caíque e Moacir, o zagueiro Bruno Silva, além dos atacantes Misael, Eliandro e Wellinton Júnior. No entanto, o maior reforço decidiu sair. Moraes pediu desligamento alegando incômodos físicos e deixou a equipe órfã de um camisa 10. Ele voltou a jogar pelo Brasiense, ainda naquele ano, em partidas da Série D do Campeonato Brasileiro.

O time estreou no Campeonato Paulista com basicamente a escalação campeã da Copa Paulista, com exceção a Welinton Júnior e Bruno Silva como titulares. Ficou sem vencer nas quatro primeiras rodadas, até bater o Linense por 2 a 1, fora de casa. O time fez o campeonato, talvez, mais estável desde sua volta. Mas longe de brilhar. Foi o Paulista com menos jogos marcantes deste período. Com muitos empates, sendo parte deles salvos com as defesas milagrosas de Tadeu, a Ferrinha garantiu permanência na penúltima rodada, após empate por 0 a 0 contra o Bragantino. A torcida não gostou da campanha. Foi o terceiro ano consecutivo que a AFE brigou contra o rebaixamento. Por mais

que tenha voltado à elite e criado processos inteligentes com boas ideias extracampo, o time aparentemente não se desenvolvia no Paulistão.

Na coletiva pós jogo, PC de Oliveira disparou críticas aos torcedores que vaiaram o time após o jogo, sugerindo que, muitos dos que estavam lá, torciam contra e deveriam ir para a arquibancada visitante.

“A Ferroviária S.A., empresa, fez uma opção de não se endividar e gastou metade do que foi gasto nos últimos anos. O primeiro passo era não cair, depois Série D e o terceiro passo a classificação. É uma empresa querendo trazer a população para se divertir no estádio de uma maneira séria, honesta e correta. Então, quem não está satisfeito, senta na zona do visitante, aqui atrás, e aí pode xingar, espernear e fazer o que quiser”, disse na ocasião. (5)

Realmente, o time optou por gastar menos. Se em 2017, a Ferroviária SA deu R\$1,7 milhões de prejuízo, ao final de 2018 o clube teve o mísero lucro de R\$96,5 mil reais. O time conseguia equilibrar as contas, mesmo com prejuízos acumulados de exercícios anteriores. Em 2015, no ano do acesso, o exercício deu um prejuízo de R\$1,1 milhão. Essa era a média por temporada. Também foi assim em 2013 e 2014. (6) Era difícil para a torcida entender o tamanho das dificuldades para se tocar o futebol. Nunca houve glamour.

Mesmo com o clima instável entre PC e torcida, não havia muito tempo para troca de comando, mesmo porque o treinador tinha confiança da diretoria. O desmanche natural do elenco após o Campeonato Paulista aconteceu e o time começou a anunciar reforços para a disputa da primeira Série D da história da Ferroviária.

Mas antes, passou a emprestar peças titulares no time

para outras equipes. Tadeu, após duas temporadas, foi cedido ao Oeste para jogar a Série B, assim como o zagueiro Patrick. O lateral Diogo Mateus também saiu neste formato para o CRB, assim como o atacante Hygor, que ganhou chance no Sport.

Gabriel Leite, goleiro que havia chegado para o Campeonato Paulista para ser reserva de Tadeu, assumiu a titularidade. A dupla de zaga titular com Élton e Luan foi mantida. Entre os destaques, chegaram o lateral-esquerdo Bruno Ré, os atacantes Tcharlles e Lucas Douglas. Destaque também para os meias Válber, Gilsinho e Tom, o “Barba Assassina”. Na estreia, o time empatou por 1 a 1 contra o Novo Hamburgo e passou longe do bom futebol.

Nas coletivas, as falas eram para brigar por acesso. (7) Mas a verdade é que a campanha foi um fracasso. Nos seis jogos que disputou, empatou três e perdeu três, amargando a lanterna de seu grupo. Duas rodadas antes do fim da primeira fase, PC de Oliveira foi demitido e substituído pelo auxiliar Bruno Pivetti até o término da competição.

A demissão do PC não foi a única mudança no Projeto Ferroviária. Em junho, o ex-jogador Roque Júnior, pentacampeão mundial com a Seleção Brasileira em 2002, foi anunciado como novo diretor de futebol da Ferroviária. Sua missão: atuar ativamente na construção das estratégias técnicas do clube, abrangendo o time profissional, as categorias de formação e o futebol feminino. Em agosto, Pedro Martins se despediu para exercer função na Federação Paulista de Futebol (FPF). Mesmo com as mudanças, o Norte e os objetivos do processo seguiam intactos

O desafio era recrutar um novo técnico para o time profissional dentro dos critérios: jovem, promissor e com boas ideias. Com este perfil, o time grená encontrou Vinícius

Munhoz, treinador gaúcho com passagens pelas categorias de base de times paulistas. Ele estava no Inter de Santa Maria quando foi convidado para integrar o projeto. Em sua primeira fala no comando técnico, ressaltou a responsabilidade em assumir a tradicional equipe do interior. Ele iria comandar a AFE em mais uma disputa de Copa Paulista.

O elenco que estreou na competição estadual era o mesmo que fracassou na Série D, mas sem Luan, emprestado ao Boa Esporte após três anos de Ferroviária. E assim o time foi, como nos anos anteriores, avançando fase a fase com soberania. Após liderar seus grupos nas preliminares, praticando um futebol compacto, com destaque para Tom, que terminou como vice-artilheiro. Mas nos mata-matas, a Ferrinha encontrou dois adversários tão fortes quanto.

Primeiro o Novorizontino, contra quem empatou por 1 a 1 no jogo de ida em Novo Horizonte (SP). Na volta, a AFE começou com tudo! Fez 2 a 0 ainda na primeira etapa com dois gols de Léo Arthur, que foi contratado no decorrer da competição em um ótimo negócio feito pela Ferroviária, já que o atleta vinha de anos consecutivos disputando competições nacionais.

Mas na segunda etapa, sofreu dois gols num intervalo de 20 minutos e novamente foi decidir uma vaga nos pênaltis. E de novo, a aura da Ferroviária com bons goleiros apareceu. Gabriel Leite também vinha sendo um destaque daquele time, com boas defesas e protagonizando a liderança do grupo. Na disputa, ele defendeu uma cobrança e cobrou o pênalti decisivo, que garantiu a vaga na semifinal.

Veio o Red Bull Brasil, o time com maior investimento de toda a competição. E na ida o time grená construiu uma vantagem e tanto: 2 a 0 com gols de Jorge Eduardo, logo no primeiro minuto, e Felipe Ferreira aos 21. Na volta,

com pouco mais de 6 mil torcedores na Fonte, o time de Campinas mostrou que não entregaria fácil a vaga. Com apenas oito minutos, Carlos Renato fez boa jogada pela esquerda e cruzou na medida para Eduardo empurrar para o fundo das redes, abrindo o placar. A pressão aumentou, e aos 26 minutos Léo Castro, que havia trocado a AFE pelo time da marca de energéticos naquele segundo semestre, recebeu lançamento em profundidade, saiu cara a cara com Gabriel Leite e tocou na saída do goleiro: 2 a 0. O resultado igualava o confronto no agregado, levando a decisão momentaneamente para os pênaltis.

A Ferroviária, acuada, reagiu no final do primeiro tempo. Aos 40, Arthur cruzou e Caio Mancha obrigou o goleiro Julio Cesar a fazer grande defesa.

Na etapa final, a Locomotiva voltou com outra postura. Tom, que havia entrado no lugar de Jorge Eduardo, começou a comandar as ações ofensivas. Logo nos primeiros minutos, arriscou três finalizações perigosas e mudou o ritmo da partida. A insistência surtiu efeito: aos 28 minutos, após cruzamento de Arthur, Fellipe Matheus cabeceou na trave, a bola bateu nas costas do goleiro Julio Cesar e entrou. O gol recolocava a Ferroviária na frente do confronto.

O Red Bull, abalado, teve Anderson Marques expulso, após receber o segundo amarelo. Com vantagem numérica e no placar agregado, a Ferroviária passou a administrar o jogo.

Mas ainda havia espaço para mais. Aos 44 minutos, Tom voltou a ser decisivo: recuperou a bola, limpou a defesa e deixou Léo Arthur livre para empatar o duelo em 2 a 2. O gol sacramentou a classificação grená para sua terceira final consecutiva da Copa Paulista!

Em mais uma decisão, a quarta, a Locomotiva enfren-

tou o Votuporanguense, que disputava o título pela primeira vez, com o intuito de garantir vaga para a Série D de 2019. Artilheiro da Copa Paulista, Bruno Baio marcou no final do primeiro tempo para o adversário. Mas, aos 37 da segunda etapa, Caio Mancha subiu mais que a zaga e marcou de cabeça. 1 a 1 na Arena Plínio Marin, em Votuporanga (SP). A Ferrinha ia para mais uma decisão em casa.

A Fonte Luminosa amanheceu em festa. Ao invés das outras decisões, em 2018 a Copa Paulista foi definida em um domingo, às 11 horas da manhã. Araraquara inteira respirava aquele dia decisivo com mais de 13 mil torcedores no estádio.

O sol castigava. Digno do apelido da cidade. Quando a bola começou a rolar. O início foi equilibrado, com o Votuporanguense marcando em linha alta e dificultando a saída da Locomotiva. A Ferroviária, paciente, rodava a bola, tentando acionar Tom e Léo Arthur pelas pontas.

A primeira explosão veio aos 28 minutos do primeiro tempo. Numa tabela envolvente pela esquerda, Léo Artur e Marcos Ytalo desmontaram a defesa adversária. O cruzamento rasteiro encontrou Tom, que se atirou de carrinho para empurrar para o gol: 1 a 0 Ferroviária.

O gol, porém, acordou o time visitante, que respondeu com intensidade. Aos 45, em jogada trabalhada pela esquerda, Sávio cruzou para a área, Bruno Baio desviou de costas e Erick Salles, livre, bateu firme no ângulo esquerdo de Gabriel Leite. 1 a 1. O empate incendiou a partida e levou tensão às arquibancadas. No intervalo, o clima entre os jogadores era quente, com trocas de empurrões e provocações na saída para os vestiários.

A pressão grená cresceu na segunda etapa. Felipe Ferreira cruzou, Tom finalizou, mas Paulo Henrique, em

cima da linha, salvou o segundo gol. Pouco depois, o travessão e o goleiro voltaram a impedir a virada. A sina das penalidades voltava a rondar a Ferroviária. Em 2016, o título escapara diante do XV de Piracicaba. Em 2017, a redenção veio com a conquista sobre a Inter de Limeira. Agora, 2018 reservava um novo capítulo dessa história.

Os cobradores foram definidos. Tom, Fellipe Mateus, Higor Meritão, Arthur Henrique e o goleiro Gabriel Leite representariam a Locomotiva. Pelo Votuporanguense, Ricardinho, Bruno Baio, Léo Aquino, Paulo Henrique e Renato Justi.

A série começou equilibrada. Ricardinho abriu para o Votuporanguense: gol. Tom respondeu, deslocando o goleiro. Bruno Baio recolocou o CAV na frente, batendo forte, alto, no meio. Fellipe Mateus empatou de forma sofrida, com a bola passando por baixo de Bruno.

Na sequência, Léo Aquino fez 3 a 2 para os visitantes. Higor Meritão, com calma, bateu no alto e deixou tudo igual novamente. Paulo Henrique recolocou o Pantera na frente, com categoria, no ângulo. Chegou a vez de Arthur. A responsabilidade pesou. Ele correu para a bola e mandou na trave esquerda. O silêncio da Fonte foi quase absoluto. Se o Votuporanguense convertesse, seria campeão.

Na quinta cobrança, Renato Justi, zagueiro e capitão, ajeitou com calma. Bateu firme, rasteiro, no canto. Gol. O Votuporanguense era campeão da Copa Paulista de 2018.

Os jogadores desabaram no gramado. Os da Ferroviária, abatidos, ainda foram saudados pela torcida, que reconheceu o esforço e a entrega. O time de Votuporanga escolheu a Copa do Brasil. Portanto, mesmo com o vice, a Ferrinha atingiu o objetivo de novamente disputar a quarta divisão nacional.

Foi um ano de altos e baixos, mas em 2019 o time precisava fazer um Campeonato Paulista digno da tradição da AFE. Os problemas eram os mesmos, mas os times precisavam começar a dar liga.

2019

Os primeiros reforços da Ferrinha para a disputa do Paulistão de 2019 chegaram ainda em novembro de 2018. Os atacantes Maurinho e Lúcio Flávio, foram os primeiros. Depois, foram os meio-campistas Tony, do Juventude, e Anderson Uchôa, do Fortaleza, além do lateral-esquerdo Julinho, que estava no Sampaio Corrêa. Ainda vieram pilares importantes como os zagueiros Rayan e Rodrigão, além do volante PH. Além deles, o time contou com permanências do elenco vice-campeão da Copa Paulista como o zagueiro Élton, o lateral Arthur Henrique, o volante Higor Meritão, os meias Léo Arthur e Felliipe Matheus e o atacante Felipe Ferreira.

Nas entrevistas para a imprensa local, Roque Júnior prometia um time competitivo, sem estrelas. O grande trunfo da Locomotiva foi o retorno de Tadeu, que no Oeste, fez boa campanha na Série B e ajudou o Rubro-Negro a se safar do rebaixamento. A esta altura o goleiro já ganhara o apelido de “TaDeus” pela torcida grená. Quem também retornou por empréstimo e disputou o Paulistão da temporada anterior foi o lateral-direito Diogo Mateus. Ele estava no CRB durante a disputa da Série B.

Dos nove atletas que chegaram, sete tinham um fator em comum: vinham times que sofreram rebaixamento em suas competições em 2018. O clima era de desconfiança, não só entre a imprensa e a torcida. Nos primeiros dias

de convivência entre os atletas, os olhares carregados de dúvida eram uma constante nos vestiários da Fonte e do Pinheirinho. Mas logo passou. Depois de dois ou três dias de adaptação, o grupo sabia que poderia chegar. (8)

Logo na estreia, a AFE encarou o Santos na Vila Belmiro e, apesar de ter feito um jogo estável, o time perdeu por 1 a 0 na primeira partida de Jorge Sampaoli no comando técnico do Peixe, que seria vice-campeão brasileiro naquele ano. Na seguinte, empatou por 0 a 0 com a Ponte Preta. A primeira vitória veio na terceira rodada, contra o Botafogo-SP, por 2 a 1, em Ribeirão Preto.

O time de Vinícius Munhoz tinha disciplina tática. Valorizava a posse de bola e esperava o adversário dar brecha para puxar contra-ataques em velocidade. Era o padrão de jogo do Projeto Ferroviária. Construção a partir do campo de defesa e sem marcação individual. A dupla de zaga, formada por Rayan e Rodrigão, tinha essas características. Afinal, o perfil de atletas contratados era pensado para atender às exigências do clube. Era uma Locomotiva fria e calculista.

O time foi somando pontos e não parecia cambalear, diferente nos anos anteriores. Tudo estava encaixado. Destaque para os empates por 0 a 0 e 1 a 1 com Palmeiras e São Paulo, respectivamente. A Ferrinha fazia um padrão clássico para conquistar bons resultados no futebol: empatava fora e vencia em casa. O elenco grená chegou à 11ª rodada a uma vitória de conquistar a classificação para a próxima fase do Campeonato Paulista. Seria a primeira vez desde a volta em 2016. Fazia longos 26 anos que a AFE não se classificava para a segunda fase da primeira divisão estadual.

A última participação da Ferroviária naquela fase

havia sido em 1993, ainda decidida em um quadrangular. No grupo da equipe de Araraquara estavam Guarani, Rio Branco e Palmeiras. Apenas o primeiro colocado garantia vaga na final e, como era esperado, o Alviverde impôs sua superioridade. Ainda assim, o confronto mais marcante daquela chave foi o duelo entre Ferroviária e Palmeiras, que levou à Fonte Luminosa seu recorde histórico de público antes da reforma: 18 mil pessoas assistiram à partida, que terminou 1 a 0 para o time da capital, com um golão de Edmundo. Ele encobriu o goleiro em um arremate da entrada da área.

Desta vez, 26 anos depois, contra o São Caetano, a AFE tinha a oportunidade de escrever um novo capítulo na história. A diretoria fez sua parte para convocar a torcida. Foram disponibilizados cinco ingressos a R\$ 10 para os sócios, enquanto as mulheres tiveram entrada gratuita, já que a partida aconteceu uma semana após o Dia da Mulher, em 15 de março.

Os pouco mais de 5 mil torcedores viram o time garantir vaga na próxima fase com tranquilidade. 2 a 0 com gols de Léo Arthur na primeira etapa e Diego Gonçalves na segunda. Vaga carimbada para as quartas de final e festa da torcida. Tony foi para a galera e segurou uma bandeira com o escudo afeano para celebrar o feito. Antes de encerrar a primeira fase, o time enfrentou o Novorizontino, também classificado, e empatou por 1 a 1.

A Ferroviária teria pela frente um dos maiores desafios de sua história recente: o Corinthians, em um duelo de ida e volta que definiria quem seguiria para a semifinal do Campeonato Paulista.

O primeiro encontro aconteceu na Fonte Luminosa. O estádio recebeu 12 mil pessoas. O sentimento era de con-

fiança e orgulho. A Ferrinha vinha embalada, jogando com autoridade, e acreditava que podia surpreender o gigante da capital.

O jogo foi equilibrado, com o Corinthians tendo mais posse e volume, mas encontrando uma equipe organizada e segura. Tadeu, no gol, fazia defesas precisas e transmitia tranquilidade. No ataque, Léo Arthur e Diego eram as válvulas de escape.

O segundo tempo guardou os grandes momentos da noite. Aos nove minutos, Diogo Mateus recebeu pela direita, avançou com liberdade e arriscou de longe. Sem chances para Walter, que entrou substituído Cássio. A bola explodiu na trave antes de morrer no fundo da rede. Golaço! A Fonte Luminosa veio abaixo. A Ferroviária jogava o seu melhor futebol. Compacta, concentrada, e com um plano de jogo claro. Ainda criou chances para ampliar, mas o Corinthians cresceu no fim. A pressão aumentou até que, aos 42 do segundo tempo, Clayson roubou a bola pela esquerda, avançou até a linha de fundo e cruzou na medida para Gustavo empatar. Uma pena! Foi um golpe duro, mas que não apagava a atuação sólida do time grená. O 1 a 1 na Fonte Luminosa deixava tudo em aberto para o jogo da volta, em Itaquera.

Na semana que antecedeu a decisão na Arena do Corinthians, o clima era de serenidade no elenco da Ferroviária. Mesmo diante do tamanho do adversário e do palco, não havia tensão. Havia foco. A sensação era de que o grupo estava exatamente onde merecia estar.

Pouco antes de subir ao gramado para o jogo, Tony pediu a palavra no vestiário. O capitão falou com emoção: disse que aquele era um momento para ser vivido intensamente, sem medo. Pediu que todos desfrutassem. Essa foi a palavra de ordem repetida por todos na roda (8).

Os goleiros Tadeu e Gabriel Leite também se manifestaram, reforçando a confiança do grupo. A mensagem era clara: jogar com alegria, com coragem, e com a cabeça erguida. Eram os valores do clube, estampados inclusive nas paredes do vestiário em Araraquara: ambição, respeito, coragem, responsabilidade e esforço.

Quando a bola rolou, a Ferroviária mostrou personalidade. Mesmo fora de casa, começou controlando a posse e trocando passes com calma. O Corinthians, mais direto, apostava nas jogadas de velocidade com Clayson e Pedrinho. O primeiro tempo teve equilíbrio, mas a eficiência pesou. Aos 33 minutos, Clayson avançou pela esquerda e cruzou rasteiro. Júnior Urso chegou de trás e completou para abrir o placar. O gol incendiou a Fiel, mas não abalou a Ferrinha. O time manteve o plano e voltou para o segundo tempo disposto a empatar.

Aos 14 da etapa final, Diogo Mateus arriscou novamente pela direita, com o mesmo ímpeto do primeiro jogo. O chute cruzado passou por toda a área e encontrou Thiago Santos, que desviou para o gol: 1 a 1. Festa grená no setor visitante. O técnico Fábio Carille mexeu no Corinthians, que foi para cima nos minutos finais. Tadeu, sempre inspirado, fez grandes defesas em cabeceios de Henrique e finalizações de Boselli e Sornoza. A AFE resistiu até o apito final e levou a decisão para os pênaltis.

Nas penalidades, a Ferrinha começou bem. Uilliam, Higor Meritão e Tadeu converteram suas cobranças. Mas Tony, justamente o capitão, mandou por cima, e Cássio defendeu o chute de Thiago Santos. Pelo Corinthians, apenas Danilo Avelar parou em Tadeu. Gustavo, Clayson, Boselli e Pedrinho acertaram.

O Corinthians venceu por 4 a 3 e avançou à semifinal.

A AFE, mesmo eliminada, saiu de cabeça erguida. Fez história. O elenco se abraçou ainda no gramado, emocionado. Tadeu tomou a frente e, como sempre, exaltou a camisa grená e o projeto ali desenvolvido.

- Foi por pouco. Difícil é quando você é eliminado de forma humilhante, quando você abdica de fazer o que faz nos treinos. Nós saímos de cabeça erguida, porque em nenhum momento mudamos nosso jeito de jogar, nossa estratégia. Esse clube tem que ser mais respeitado. Eu sei que a Ferroviária ficou mais de 20 anos longe da Primeira Divisão, mas às vezes as pessoas não conhecem o clube e o que a gente construiu nesse campeonato, principalmente nestes dois jogos contra o Corinthians. Elevamos o nível, botamos a Ferroviária em outro patamar. Que as pessoas tenham um pouco mais de respeito quando forem comentar. Não foi o Corinthians que jogou mal nos dois jogos, foi nosso mérito - concluiu em entrevista para o sportv ainda no gramado (9).

DE APORTE EM APORTE

Como era de praxe, grande parte daquele elenco não ficaria para a disputa da Série D, no segundo semestre. Ainda mais com tamanho destaque, incluindo o técnico Vinicius Munhoz. Após o jogo com o Corinthians, ele foi elogiado por Tite, técnico da Seleção Brasileira (10). Mesmo assim, optou por renovar com a Locomotiva até 2020 e tentar remontar o elenco após o desmanche. Tadeu, que já tinha muitas propostas, foi para o Goiás por empréstimo. Assim como Tony e Felliipe Mateus para o Figueirense, Léo Arthur para o Fluminense, Higor Meritão ao Botafogo-SP, Diogo

Mateus ao Coritiba e Rayan para o Bragantino, que vivia seu primeiro ano de fusão com a marca Red Bull.

O elenco foi formado às pressas para a Série D, com destaque para o retorno do artilheiro da Copa Paulista de 2017, Léo Castro, e do meia Cristian “Mendigo”, um andarrilho da bola, com perdão ao trocadilho, com passagens por Palmeiras e outros grandes times. O time fez campanha regular e ao menos conseguiu vaga para a fase seguinte. Havia esperança de conquistar o acesso. O adversário nas oitavas de final foi o Cianorte. Foram dois empates por 0 a 0, sendo o primeiro em Araraquara e o segundo no Paraná. Em mais uma decisão por pênaltis, a Ferrinha foi eliminada e viu o sonho de ascender nacionalmente sucumbir.

A diretoria optou por disputar a Copa Paulista para manter o clube em atividade, mesmo com vaga garantida na Série D de 2020 por conta da campanha no Campeonato Paulista. Mas ao contrário das últimas três temporadas, a campanha não chegou à final. Aliás, passou longe. Na primeira fase, liderou seu grupo. Na segunda, ficou na vice-liderança com o mesmo número de pontos que o líder EC São Bernardo. Mas na terceira, o time não avançou e ficou aquém do esperado.

A boa campanha no Paulistão seguida pelo desmanche do grupo acendeu um alerta na cabeça dos dirigentes. Parecia que o projeto tinha batido no teto. Dentro do nível de investimento que o clube tinha, aparentemente não havia mais para onde andar. (11) O time passou por perrengues financeiros. Muitas vezes, para não atrasar salários, saiu oferecendo porcentagem de atletas da base para empresários locais com o intuito de sanar as contas do temido quinto dia

útil. 50% por R\$ 200 mil ali, outros R\$ 300 mil por 20% ali. Era assim que o time caminhava. Quando alguém se destacava no Paulistão era um alívio! Dava para vender e fazer caixa (12).

Um dos casos de venda urgente aconteceu em julho de 2019. O atacante Richard, destaque da Copa São Paulo, com 17 anos na época, foi vendido ao Corinthians e a Locomotiva conseguiu prender parte de sua porcentagem. E para pagar contas, rateou sua parte para empresários de Araraquara, prometendo pagamento em caso de uma nova venda do atleta. Mas isso nunca aconteceu. Richard não vingou no Timão e manteve carreira modesta em times interioranos. Também aconteceu com o volante Gabriel Marinheiro, que foi rateado e atualmente está aposentado do futebol, aos 25 anos (13).

Os atrasos no pagamento dos salários não eram constantes, mas em alguns momentos aconteceram (14). Os acionistas da Ferroviária SA e membros do conselho deliberativo inseriam valores quase irrisórios para os padrões do futebol. Claro, cada um condizente com o tamanho de sua porcentagem a respeito da empresa. Em 2017, por exemplo, Waldemar Pascoalino Junior cedeu R\$ 2,9 mil, Luiz Antonio Massafera, cerca de R\$ 16 mil e Valdir Massucato R\$ 11 mil. A maior parte ficou com as empresas. Mauro Artur Herazkovicz, representando a Viação Paraty, injetou R\$ 38 mil. A Usina Maringá investiu cerca de R\$ 45 mil, enquanto a Dacity LTDA. inseriu R\$ 165 mil. Os principais aportadores eram a IESA, com R\$ 627 mil, e a Know How, acionista majoritária, em nome de Luizinho Cai-Cai. O valor era de longe o maior: R\$ 2,04 milhões. Nos balan-

ços, esses aportes são categorizados como Adiantamento Subscrição Capital (15).

Era muito pouco para criar um elenco de futebol competitivo na divisão principal. Por isso, em todos os anos na elite, com exceção a 2019, o time brigou contra o rebaixamento. Se a Ferroviária quisesse escalar divisões em nível nacional, precisava de um novo investidor, que pudesse fazê-la mudar de patamar mais uma vez.

1,11 - MARTINS, Pedro. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, 2025.

2 - SPOTIFY. Footure Podcasts. The Pitch Invader #186 | O Projeto Ferroviária Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/26gvLDX8l-FkqrbGn84I36r>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

3 - YOUTUBE. Oggi Sorvetes na Fonte. Disponível em: <https://youtu.be/mfpFxiOl958>. Acesso em: 19 de outubro de 2025

4 - YOUTUBE. Parceria Ferroviária e Santa Clara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vla32lHXlaE&t=1102s&pp=ygUYZm-Vycm92acOhcmllhHNhbnRlIHZsYXJh>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

5 - GE. PC de Oliveira demonstra alívio pela permanência e revolta com as críticas. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/times/ferroviaria/noticia/pc-de-oliveira-demonstra-alivio-pela-permanencia-e-revolta-com-as-criticas.ghtml>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

6, 15 - FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. Demonstrações financeiras. Disponível em: <https://www.futebolpaulista.com.br/A-Federacao/Financas.aspx>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

7 - YOUTUBE. Boletim Grená | Preparação para a estreia no Brasileiro série D. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N2x9e-ak6tTE>. 20 de outubro de 2025.

8 - CARVALHO, Tony. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, jul. 2025.

9 - UOL. Goleiro da Ferroviária desabafa: "Não jogaram mal, foi nosso mérito". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2019/03/28/goleiro-da-ferroviaria-desabafa-nao-jogaram-mal-foi-nosso-merito.htm>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

10 - PORTAL MORADA. Técnico da Ferroviária é elogiado por Tite. Disponível em: <https://portalmorada.com.br/tecnico-da-ferroviaria-e-elogiado-por-tite/>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

12, 13 - SILVA, Edinho. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, ago. 2025.

14 - SALMAZO, Carlos. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, mai. 2025.

Capítulo 10.

Quer Pagar Quanto?

Dizem por aí que a propaganda é a alma do negócio. E, no início dos anos 2000, a Casas Bahia investia muito dinheiro nas divulgações de suas ofertas. De vento em popa com as vendas, a varejista pagou R\$ 470 milhões em mídia entre janeiro e setembro de 2003 (1). Foi bem nesta época que a empresa veiculou, durante uma semana, um comercial que mudaria a história da publicidade no país.

Garoto propaganda: Com licença! Gostaram da geladeira, né?

Casal: Gostamos sim!

Garoto propaganda: Então vão levar, né?

Casal Sei não. Esse mês tá apertado.

Garoto propaganda: Mas preço não é problema. Ó: quer pagar quanto?

Garoto propaganda: Ah, sei lá...

Garoto propaganda: Pode dizer. Quer pagar quanto? Eu vou mexer no preço dessa geladeira e vocês vão acabar levando geladeira e muito mais. Olha só! (2)

O intuito da campanha não era só vender televisores, eletrodomésticos ou celulares. Mas sim a ideia de que a varejista poderia realizar os sonhos de seus clientes a qualquer custo.

Claro que não deu certo. A pergunta “quer pagar quanto?” virou gíria popular e figurou inúmeros livros abertos em cima das carteiras de faculdades de publicidade e pro-

paganda ao longo dos anos. Tornou-se sinônimo de propaganda enganosa.

Mas, convenhamos: ela em nada interferiu no império da Casas Bahia. O protagonista da história é Samuel Klein, um polonês judeu que sobreviveu ao Holocausto e chegou ao Brasil em 1952, fugindo da pobreza da Europa devastada pela guerra. Carregava consigo pouco dinheiro e uma ideia simples: vender de porta em porta produtos acessíveis para gente trabalhadora.

Começou em São Caetano do Sul, no ABC Paulista, vendendo lençóis e toalhas em um caminhão velho, de bairro em bairro. Percebeu rápido que o povo brasileiro tinha uma grande necessidade de crédito e confiava em quem o tratava com respeito. Foi aí que nasceu o conceito que mudaria o varejo nacional: vender a prazo para quem ninguém vendia, criando laços de confiança e fidelidade. Mas claro, cobrando muitos juros por meio dos parcelamentos.

Em 1957, abriu sua primeira loja física, batizada de Casas Bahia, uma homenagem aos seus principais clientes, os migrantes nordestinos, em sua maioria baianos, que se fixavam nas periferias industriais de São Paulo. A loja prosperou rapidamente, e logo vieram outras. Na década de 1970, a empresa já era uma potência regional. O segredo estava na política de crédito popular: o crediário, aquele que o Dinho dos Mamonas Assassinas dizia que era sua felicidade (3).

Durante os anos 1990 e 2000, o império se consolidou como uma das maiores redes varejistas de eletrodomésticos e móveis do Brasil, com presença em praticamente todo o território nacional.

O “Rei do Varejo” teve três filhos: Michael Klein, Eva Klein e Saul Klein. O último citado é o caçula. Uma reportagem da Exame, publicada em 2010, afirma que o filho mais

novo vendeu suas ações da empresa para o irmão Michael, e que a saída dele do grupo foi marcada por uma série de desentendimentos familiares. O principal motivo teria sido a divergência com o irmão sobre a condução dos negócios e a decisão do pai em seguir a tradição judaica, entregando o comando ao primogênito (4).

A mesma reportagem descreve Saul como um grande negociador, um homem de faro apurado para fechar acordos e transformar oportunidades em resultados concretos.

Bons negociadores, como se sabe, também fazem sucesso no futebol. Foi com essa mesma visão estratégica e com generosas doações, que Saul ajudou a levar o São Caetano, um modesto clube do ABC paulista, ao estrelato do futebol nacional e continental.

O CASE

A Associação Desportiva São Caetano nasceu em 1989, de forma tímida, como o time de uma cidade industrial. Durante boa parte da década de 1990, permaneceu distante dos holofotes, oscilando entre divisões de acesso e disputas regionais. Mas o cenário começou a mudar no fim da década, quando empresários locais, com apoio de Saul Klein e de outros nomes ligados ao poder econômico da região, decidiram investir mais pesado na equipe.

O investimento coincidiu com um período de ascensão meteórica. Em poucos anos, o Azulão deixou de ser um co-adjuvante e passou a desafiar gigantes do futebol brasileiro. É o mesmo time que citamos no capítulo 6, quando contamos a história do atacante Fabrício Carvalho.

No início dos anos 2000, o time azul celeste viveu o auge de sua história. Em 2000 e 2001, foi vice-campeão brasilei-

ro, perdendo as finais para Vasco e Atlético-PR, respectivamente. Em 2002, o time alcançou o feito histórico de chegar à final da Copa Libertadores da América, enfrentando o Olímpia, do Paraguai, em uma decisão dramática no Pacaembu. O título não veio, o sonho escapou nos pênaltis, mas o pequeno clube do ABC já havia entrado para o imaginário do futebol sul-americano. Em 2004, veio o único título de expressão: a conquista do Campeonato Paulista sob comando de Muricy Ramalho (5).

Mas, como toda ascensão meteórica, a queda também viria, marcada por escândalos, crises de gestão e o fim do apoio de figuras-chave como Saul Klein. O time foi desacelerando e perdendo o gás. Em 2006 caiu para a Série B, em 2012 para a C e em 2014 para a D. O empresário afirma ter doado por volta de R\$ 80 milhões ao clube (6). Atualmente, o clube encontra-se nas divisões inferiores de São Paulo.

Seu último investimento aconteceu em 2019, quando conquistou a Copa Paulista no segundo semestre, após o rebaixamento no Campeonato Paulista daquele mesmo ano. Foi então que ele decidiu procurar um novo time para investir sua herança bilionária.

ENQUANTO ISSO, EM ARARAQUARA

A Locomotiva vivia sua vida. Com o término da Copa Paulista, em outubro de 2019, o treinador Vinicius Munhoz e o diretor Roque Júnior cederam coletiva de imprensa na Fonte Luminosa. A ideia era fazer um balanço daquele ano. Entre os questionamentos feitos pela imprensa, estiveram as dificuldades financeiras enfrentadas pelo clube, a volta do goleiro Tadeu, emprestado para o Goiás, além da continuidade ou não de Munhoz no comando técnico (7).

Em nenhum momento foi perguntado sobre a possível chegada de um investidor para o clube. A notícia ainda não havia chegado. Alguns dias depois, mais precisamente no dia 5 de novembro, veio a bomba. O jornalista Rodrigo Viana divulgou em seu programa na Rádio Morada do Sol a informação de que um grande empresário do futebol brasileiro havia se interessado em comprar as ações majoritárias da Ferroviária SA (8).

A notícia rodou os veículos locais. Em entrevista ao programa Balanço Geral, da Rádio Cultura de Araraquara, o ex-presidente Welson Alves Ferreira, o Juninho, que na época comandava o Conselho Deliberativo, explicou que o acordo, à princípio, seria voltado para as categorias de base do time grená.

Segundo Juninho, tratava-se de um grupo descrito como “muito sério”, composto por grandes empresários do futebol internacional e articulado por Giuliano Bertolucci, o maior agente de futebol do país e um dos principais em nível mundial. A proposta apresentada era ambiciosa: investir pesado na Ferroviária, principalmente na formação de jovens atletas dos 10 aos 17 anos, assegurando ao clube direitos econômicos que historicamente se perdiam para equipes mais ricas ainda na base.

A entrevista acabou funcionando como uma apresentação prévia daquilo que ainda seria discutido internamente. Juninho explicou que o plano vinha sendo tratado havia meses e que os investidores chegariam com um modelo de negócios focado em captação, formação e negociação de atletas para o mercado europeu. O objetivo era sanear as finanças e garantir previsibilidade a um projeto historicamente vulnerável às oscilações de receitas.

Outro trecho da entrevista reforçou o caráter estraté-

gico da negociação: o grupo não teria controle majoritário nem intenção de assumir o comando do futebol. O estatuto da SA impedia qualquer acionista de ultrapassar 49% das ações, o que, segundo ele, garantia que a Ferroviária não correria risco de ser transferida para outra cidade.

Pela primeira vez, alguém ligado à administração da SA mencionava publicamente que, com a venda, o clube poderia, enfim, ter condições de manter contratos mais longos, evitar desmontes entre Paulistão e Série D e planejar uma temporada inteira sem depender exclusivamente de verbas pontuais, patrocínios locais ou interferência política da Prefeitura.

O tom do dirigente era de otimismo cauteloso. Ele repetiu que o acordo ainda precisaria ser aprovado pelo Conselho, que a imprensa seria oficialmente apresentada ao grupo e que nada mudaria na estrutura técnica: Vinícius Munhoz, Roque Júnior e toda a comissão seriam mantidos. O que se anunciava ali, ainda de forma incipiente, era o início de uma nova disputa pelos rumos da Ferroviária.

COMUNICADO OFICIAL: MS SPORTS

Uma semana depois, no dia 12 de novembro, foi divulgada a notícia de que Saul Klein estava por trás da compra, com a companhia de Bertolucci, que terceirizaria as categorias de base da AFE. Era o grupo MS Sports chegando em Araraquara (9). A sigla “MS” vem das iniciais do nome Marcelo Santoro, uma espécie de diretor que representaria Saul na liderança do projeto. Seria com ele com quem o presidente Carlos Salmazo manteria contato direto pelos próximos anos (10).

Um dia após a notícia ser veiculada na imprensa, a nota

abaixo tomaria as manchetes dos principais portais de esporte no país:

“A MS Sports, nesta oportunidade, torna público que chega em Araraquara para ser a mais nova investidora da Ferroviária S.A. após adquirir cotas de suas ações. A empresa aglutina investidores com extensa trajetória marcada por êxitos, tendo a seriedade e profissionalismo como conduta.

Após longa prospecção de mercado, o grupo investidor representado pela MS Sports optou pela Ferroviária e pela cidade de Araraquara. Essa opção se deve ao projeto institucional construído no último período pelo clube, que tem fortes marcas de planejamento, excelência na gestão e transparência administrativa. O clube-empresa de Araraquara é hoje prova da existência de modernidade no futebol brasileiro e a MS Sports chega para potencializar essa construção. A empresa investidora tem a exata dimensão da sua missão institucional na cidade de Araraquara e perante sua população.

Sabemos que a Ferroviária é o símbolo de um povo, da cultura de uma comunidade e carrega a história do desenvolvimento da Morada do Sol. Estamos chegando para amplificar toda essa simbologia. A Ferroviária pode ser maior e “o apito da locomotiva” pode – e deve – ecoar mais alto, além das fronteiras do solo paulista. Queremos a Ferrinha ocupando seu espaço no Brasil.

A MS Sports assume o compromisso com o povo de Araraquara e com os torcedores das cores grenás de, já no ano de 2020, investir no fortalecimento do elenco para as competições que se imporão na temporada; de aprimorar as estruturas do futebol, melhorando as condições de trabalho dos profissionais das equipes de competição; de investir de forma significativa nas categorias de base, tornando a

Ferroviária uma das maiores formadoras e reveladoras de atletas do Brasil; e de dar continuidade ao excepcional e vitorioso projeto do futebol feminino.

Tudo isso sempre aprimorando o diálogo e os vínculos com as instituições araraquenses. A empresa acredita no planejamento, na profissionalização do futebol, por isso aglutinará ao projeto da Ferroviária para somar forças aos profissionais que já se dedicam aos objetivos do clube, gestores que também carregam currículos vitoriosos, tudo isso para dizer aos araraquenses, para o estado de São Paulo e para o Brasil que a meta central, o foco, é, em 2025, a Ferroviária estar na elite do futebol nacional.

A MS Sports chega em Araraquara acreditando no potencial da cidade, respeitando a história de uma das mais tradicionais equipes de futebol do Brasil, somando forças para o seu engrandecimento e estando os seus investidores e profissionais se sentindo já filhos da terra onde nasce o sol, resgatando a expressão Tupi que dá origem ao nome da cidade” (11).

Representatividade, ambição e promessas. Talvez as três palavras sintetizem um resumo do que o texto gostaria de compartilhar. Parecia um sonho para a torcida afeana! Aquela estrutura interna e de processos organizados com dinheiro em caixa não teria como dar errado. Pelo menos era esse o pensamento. A expectativa pelas contratações e a montagem do elenco para o Campeonato Paulista estavam altas. Muita gente pensava alto, com projeção de chegada nas fases finais do estadual e acesso imediato para a Série D. Não poderia ser diferente devido ao alarde.

Ainda sim, a compra não estava aprovada pelo Conselho Deliberativo. A reunião que liberou a continuidade do trabalho aconteceu no dia 19 de novembro. Nela foram apre-

sentados os valores previstos para investimento alto já a partir de janeiro de 2020. Com tudo aprovado, foi só seguir adiante. (12).

A MS Sports adquiriu as ações de 49% da Know-How, de Luizinho Cai-Cai, por um valor que nunca foi divulgado. Futuramente, ele adquiriu ainda mais poder na sociedade, chegando a 92%, comprando pequenas partes de outros menores acionistas da SA. Após duas semanas somente de especulações, o filho de Saul chegou até a cidade para conhecer as instalações da nova propriedade do pai bilionário. Foi no dia 1º de dezembro. Ele esteve acompanhado de Edinho e Carlos Salmazo no gramado da Fonte Luminosa e passaria a residir em Araraquara para ajudar a tocar o projeto. (13)

BEM VINDO, SAUL KLEIN

11h35 da manhã. Um helicóptero vindo da capital paulista pousa no Aeroporto Bartholomeu de Gusmão em Araraquara. Com camisa preta de manga longa, calça bege e tênis preto, Saul desceu do helicóptero amparado por Marcelo Santoro. Em seguida, saíram da aeronave o seu filho Philip e Júlio Taran, braço direito de Bertolucci no projeto. Logo de cara os personagens foram surpreendidos por torcedores da Locomotiva que aguardavam ansiosamente no saguão do aeroporto e pelo menos uma dezena de jornalistas que esperavam ouvir algumas palavras do novo acionista. Foi uma recepção digna de rockstar (14).

Ainda no aeroporto, antes mesmo de colocar os pés fora do saguão, veio o primeiro baque, daqueles que mudam o rumo de uma história antes que ela oficialmente comece. Cercado pela imprensa, Saul Klein anunciou, de forma direta e sem rodeios, que Marcelo Vilar, então técnico do São

Caetano, seria o novo treinador da Ferroviária. A revelação caiu como uma bomba entre dirigentes, funcionários e até membros da comissão técnica presentes (15).

Não haveria demissão de Vinícius Munhoz, ao menos não nos termos tradicionais. Saul realocou o treinador para atuar como supervisor técnico, função que ninguém havia escutado até cinco minutos antes.

A cara de surpresa coletiva, Salmazo a Edinho, de jornalistas e curiosos, era quase cômica. Um silêncio breve tomou o ambiente, como se todos tentassem entender se aquilo era definitivo ou apenas mais um ato impulsivo de um investidor empolgado. Não era. Saul estava convicto. Seria a primeira de muitas bizarrices que aconteceriam com a Locomotiva desde então.

O clube que, nos últimos anos, se orgulhava de processos, construção coletiva e coerência metodológica agora dava um cavalo de pau em sua própria identidade. A última vez que a Locomotiva tivera um treinador do tipo “de vivência, dono de vestiário, agregador, conhecedor da ma-landragem”, como disse o investidor, havia sido em 2013. Desde então, o futebol do clube se estruturara sobre ideias claras, jovens promissores, treinadores alinhados a metodologias contemporâneas e nenhum deles, em momento algum, encaixava no perfil de Vilar.

A substituição rompia com todo um paradigma que fora criado, amadurecido e solidificado por Vinícius Munhoz. Era impossível não lembrar que a nota oficial de apresentação da MS Sports exaltava “planejamento, excelência na gestão e transparência administrativa”. E, diante disso, a decisão tomada ali, às pressas, em frente a torcedores, câmeras e placas de agradecimento, soava como a antítese absoluta do discurso.

Enquanto as primeiras perguntas começavam a pipocar, uma pequena solenidade improvisada se formou. O prefeito enviara placas de agradecimento pela chegada do novo investidor. Um grupo de torcedores entrou no saguão carregando uma faixa branca, letras grenás, esticada à frente como se fosse o estandarte de uma nova era:

“Bem-vindo a Araraquara, Saul Klein”.

A comitiva seguiu imediatamente para o CT do Pinheirinho e depois para a Fonte Luminosa. Naquele início de dezembro, ainda havia a sensação de que tudo era possível. Reforços de impacto, estrutura ampliada, categoria de base fortalecida, novos processos de gestão. O discurso era de que o aporte financeiro prometido seria capaz de recolocar o clube em posição de protagonismo no futebol paulista. A meta era chegar à Série B até 2025.

Ao chegar ao estádio, Saul caminhou pelo gramado como quem reconhece um território recém-adquirido. Até mesmo quem não acompanhava o time de perto sabia que a cidade vivia um acontecimento raro: um bilionário disposto a colocar dinheiro na Ferroviária. O herdeiro também foi levado para conhecer os vestiários e demais acessos da Fonte.

Um dia após a visita, Rodrigo Viana publicou no UOL uma longa e extensa reportagem com detalhes da nova gestão grená. Ele detalhava com precisão cada movimento dos Klein desde as primeiras conversas sobre a compra: o mapeamento de reforços, a reorganização estrutural, as ideias para o departamento de base, o orçamento estimado para contratações e, sobretudo, a nova engenharia de comando que já começava a ser montada (16).

A matéria apontava que a chegada de Marcelo Vilar anunciada por Saul no aeroporto, para surpresa geral, não

era improviso. Era parte de um plano. Um plano que incluía Vilar, Philip Klein na diretoria financeira, Júlio Taran como elo entre o futebol e o Bertolucci nas categorias de base, e Munhoz deslocado para uma função ainda nebulosa de supervisor técnico.

A expressão “choque de gestão”, tão comum no futebol, finalmente adquiria um sentido literal. A cada linha, a matéria expunha um clube em fase acelerada de mutação, com decisões sendo tomadas paralelamente, algumas sequer comunicadas internamente.

PERDA DA BASE

Roque Júnior disse adeus. No mesmo dia em que a matéria de Viana foi ao ar, o dirigente publicou uma despedida ao time grená. Ele pediu demissão principalmente pela retirada de Munhoz do comando técnico. (17) O Projeto Ferroviária tinha mudado de rumo. Marcelo Vilar representava uma antiga geração de treinadores, bem diferente do caminho trilhado pela Locomotiva nos últimos anos e dissecados no capítulo 9.

Munhoz não aceitou o cargo proposto por Saul e também deixou o clube rumo ao Red Bull Bragantino, onde tomaria conta da categoria sub-23. A saída foi anunciada em 22 de dezembro. (18) Com isso, a Ferrinha perdeu sua base. Eram dois funcionários importantes no organograma.

Ao menos, o time repatriou Pedro Martins para ocupar o cargo deixado por Roque. Antes que a nova gestão anunciasse suas primeiras contratações, a Ferroviária divulgou a lista de atletas que retornaram de empréstimo para realizar exames médicos e iniciar a pré-temporada com a camisa grená. Com exceção de Patrick, todos haviam participado

da histórica campanha de 2019. Lá estavam Diogo Mateus, lateral de 26 anos; Rayan, zagueiro de 29; Patrick, zagueiro de 25; Higor Meritão, volante de 25; Léo Artur, meia de 24; Fellipe Mateus, meia de 28; Tony, meia de 33; e Uilliam, atacante de 25. (20)

Mas alguns foram repassados. Diogo, peça fundamental no sistema de Munhoz, foi emprestado ao futebol japonês. Já Uilliam, seguiu destino semelhante: foi cedido ao Paysandu.

NOVAS CARAS

A torcida da Ferroviária sempre foi exigente. Com toda a expectativa criada diante das contratações do elenco que seria formado para 2020, os comentários nas redes sociais pipocavam questionando sobre a chegada dos novos reforços. O primeiro veio na véspera de natal. Foi o atacante Henan, um desejo antigo da diretoria afeana. O atleta tinha carreira consolidada em times de menor expressão e sempre deixava gols por onde passava. Foi considerada uma boa contratação.

Em seguida, vieram mais dois nomes, desta vez, sem destaque: o volante Karl e o atacante Caio Rangel. Outro nome que empolgou foi o zagueiro Carlão, que por meio da Locomotiva, retornou ao Brasil após 12 anos de futebol Europeu. Mas algo começou a desalinhar a rota. O time anunciou oito reforços do São Caetano para a disputa. Os afeanos não deixaram barato e cobraram nas redes sociais. Faziam ironia com o fato e chamaram o time grená até de uma “filial” do Azulão. Ficou evidente que algo não estava certo.

O ídolo Tadeu pegou tudo na Série A do Campeonato Brasileiro vestindo a camisa do Goiás. O Esmeraldino não

pensou duas vezes e exerceu o direito de compra do atleta, que até hoje segue no clube goiano e se tornou um dos maiores ídolos da história por lá. (21)

A AFE precisava de um novo camisa um e foi ao mercado. Na ordem natural, José Guilherme, que estava no clube desde 2018 assumiria a posição. No entanto, o time foi ao mercado e trouxe Paulo Henrique e Tom. Mas nenhum deles assumiria a posição. A Locomotiva foi atrás de um grande nome e por pouco não contratou Fernando Prass, ídolo da torcida do Palmeiras que acabou indo para o Ceará. Os times acertaram as bases salariais, mas a disputa da Série D do Campeonato Brasileiro no segundo semestre travou o negócio. (22)

A Ferrinha foi buscar seu arqueiro há 2,6 mil quilômetros de distância de Araraquara. Foi na capital da Paraíba, João Pessoa, que os dirigentes encontraram Saulo. O goleiro de barba longa havia acabado de renovar com o Botafogo-PB, onde já era considerado um ídolo, e teve multa rescisória aumentada de R\$ 600 mil para R\$ 1 milhão, valor fora dos padrões para o clube há menos de dois meses. O atleta foi contratado pelo preço estipulado e se apresentou no time grená. (23)

O clima no clube, antes tranquilo, passou a ser mais pesado também. A cúpula de Saul que andava pelos arredores da Fonte Luminosa deixava o ambiente mais carregado. As pessoas tinham medo de opinar sobre as mudanças e as reclamações caíam em ouvidos errados, causando demissões. (24) Nos treinamentos, Marcelo Vilar não conseguia ganhar a empatia dos atletas. O nível dos treinos ficava muito abaixo do esperado e logo veio mais um sinal gravíssimo de que a gestão não tinha caminho traçado.

“ALÔ?”

Sérgio Soares era um daqueles volantes que dominavam a marcação do meio-campo. Natural de Brasília-DF, ele deu seus primeiros passos no mundo da bola no Juventus da Mooca, em São Paulo, onde acumulou amigos com o passar dos anos. Depois voou: passou pelo Palmeiras e chegou até aos mercados do futebol árabe e japonês.

Em 2004, iniciou sua carreira como treinador de futebol, e rodou por muitos clubes até janeiro de 2020 e estava parado sem emprego há pouco mais de seis meses.

Todas as quintas-feiras era lei: Sergião, como é conhecido pelos mais íntimos, jogava futebol com amigos da Mooca. E foi após uma dessas peladas que ele recebeu um telefonema. Era um assessor de Saul Klein. O convite era para que o experiente treinador fosse para a Locomotiva para ter um cargo de coordenador técnico, o mesmo oferecido para Vinicius Munhoz. (25)

Mas no dia seguinte, tudo mudou. O discurso era outro. Os investidores queriam Sérgio Soares como treinador do time profissional. O ex-volante recuou, afinal Marcelo Vilar ainda comandava os treinos na Fonte Luminosa e seguia a rotina normal da pré-temporada para o estadual.

- Primeiro se acertem com o Marcelo, aí a conversa é outra.

Sérgio ficou em São Paulo. No dia seguinte, o comitê gestor, como era chamado, demitiu o treinador. Foi então que novamente o telefone tocou, e desta vez com passe livre para negociar. O novo comandante caiu na estrada SP-348, a Rodovia dos Bandeirantes, rumo ao interior de São Paulo.

Ao chegar em Araraquara, foi recebido por Pedro Martins.

À essa altura, no dia 16 de janeiro, a imprensa já havia divulgado a demissão de Vilar do comando técnico. O clube só confirmou um dia depois, mesma data em que Soares foi anunciado. Todo o trâmite aconteceu há uma semana do início do Campeonato Paulista, após pouco mais de um mês de treinamentos. Era, de fato, uma nova Ferroviária.

Entre 2016 e 2019, a Locomotiva teve três técnicos apenas, mesma quantidade de profissionais entre outubro de 2019 e janeiro de 2020. E acredite, tinha como piorar. Toda a identidade do Projeto Ferroviária, construída ao longo de dois anos, havia sido jogada por água abaixo em pouco menos de 60 dias.

BOLA ROLANDO

Por todo o contexto apresentado até ali, o elenco estreou no Paulistão em casa, contra o Mirassol, cercado de desconfiança. Naquela tarde, a Ferrinha contou com um gol do prata da casa Hygor para empatar o jogo por 1 a 1. O time demorou para embalar na competição. Na segunda rodada, perdeu para o Santo André, por 2 a 1, fora de casa, e na seguinte perdeu de virada para o São Paulo, na Fonte Luminosa, também por 2 a 1.

No duelo contra o Tricolor do Morumbi, um dos olhos de Klein no dia a dia em Araraquara pediu para que um funcionário do clube trocasse a escalação da Ferroviária quando entregasse à comissão técnica do São Paulo, com o intuito de tirar vantagem do desconhecimento do time da capital diante do interiorano. Mais um sinal de que os fatos que cercavam o cotidiano grená eram ainda mais nebulosos. (26)

A quarta partida na competição, além da importância para o time na tabela de classificação, ganhou um quê a mais. Saul Klein, pela primeira vez, estaria presente no estádio para assistir ao seu novo time jogar. E nem poderia ser diferente, afinal, o duelo era contra o Oeste, em Barueri (SP), cidade onde residia no luxuoso bairro Alphaville, em uma deslumbrante mansão (27).

O novo investidor marcou presença ao vestiário grená e brincou com o técnico recém-contratado.

- Ô professor, eu de vez em quando falo algumas coisas, mas eu não entendo muito de futebol. Meu negócio é vender geladeira.

Sérgio Soares riu e respondeu:

- Disso eu sei que você entende. Você é um dos feras no assunto (28).

O time afeano fez bonito diante de Saul Klein e goleou por 5 a 1 o Rubrão, fora de casa. Na sequência, perdeu para o Água Santa, por 1 a 0, em Diadema (SP). Estava difícil para manter a constância da estadual. O time deslanchou mesmo na Copa do Brasil. Logo no primeiro jogo, eliminou o Avaí após vitória por 2 a 0 na Fonte Luminosa, com autoridade. Os catarinenses disputavam a Série B do Campeonato Brasileiro e eram considerados favoritos contra a AFE. Na segunda fase, goleou o Águia Negra-MS por 6 a 2 com direito a gol de cobertura do meio-campo, marcado pelo meia recém-promovido das categorias de base, Claudinho. Foi a primeira e única vez que o clube chegou à terceira fase da competição nacional.

Os comandados de Sérgio Soares iriam encarar o

América-MG, outro time da Série B, que era franco favorito diante da Ferrinha. No primeiro jogo, empate por 0 a 0, com bom desempenho afeano. A decisão ficaria para o jogo da volta, na Arena Independência, em Belo Horizonte (MG).

Mesmo com a notória falta de organização do clube, prejudicada pelas decisões de Saul Klein, àquela altura Sérgio Soares havia conquistado a simpatia da torcida. O time acumulava seis partidas de invencibilidade, não estava próximo da classificação no Paulista, mas também não sofria na zona do limbo. A mudança radical que viria a seguir não teve origem em Araraquara, nem em mais uma interferência impulsiva de Saul Klein. Veio de muito mais longe e de forma avassaladora.

O MUNDO PAROU. O FUTEBOL TAMBÉM

No início de fevereiro de 2020, os noticiários brasileiros passaram a abrir diariamente com atualizações sobre um novo coronavírus identificado meses antes na China e que rapidamente avançava pela Europa. Em poucas semanas, a Covid-19 deixou de ser uma preocupação distante para se tornar uma emergência global. No dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente a pandemia.

O futebol brasileiro, acostumado a conviver com suas próprias crises internas, não estava preparado para lidar com algo dessa magnitude. Em questão de dias, campeonatos estaduais, treinos, viagens e rotinas inteiras foram interrompidos.

Foi então que surgiram as primeiras orientações de saúde, repetidas à exaustão em telejornais, rádios, carros de som e comunicados oficiais. As pessoas precisavam

lavar as mãos com água e sabão como nunca antes tinham feito, esfregando dedos, unhas e punhos por mais tempo do que parecia natural. Era necessário usar álcool gel quando não fosse possível lavar as mãos. Evitar tocar o próprio rosto. Manter distância de qualquer outra pessoa, mesmo nas filas, mesmo no transporte público, mesmo nas calçadas. Abraços, apertos de mão, beijos no rosto, gestos que definiam a forma brasileira de existir, foram simplesmente proibidos. Quem apresentasse qualquer sintoma respiratório deveria ficar isolado imediatamente, sem discussão.

No dia 16 de março, a Federação Paulista de Futebol anunciou a paralisação do Paulistão logo após a realização da 10ª rodada, criando um hiato sem precedentes. A AFE entrou em campo contra o Novorizontino no dia 14 de março, justamente pela rodada. Na arquibancada, torcedores já estavam de máscara, peça que se tornaria praticamente parte do corpo das pessoas nos próximos dois anos.

Com os campeonatos paralisados, assim como a vida, o elenco foi liberado para casa. Com uma semana de paralisação, no dia 24 de março, Sérgio Soares planejava com Pedro Martins a melhor forma de manter os atletas em atividade, dentro de casa, com treinamentos e instruções com profissionais feitos de forma online. Era o momento de se readequar. Algumas coisas foram tratadas e previamente acertadas para continuidade do planejamento (29).

POR MOTIVOS FINANCEIROS

Na sexta-feira, três dias após a tratativa, o celular de Sérgio Soares tocou novamente. Era por volta das 17h quando Pedro Martins fez nova ligação ao treinador, que nunca imaginaria qual seria o conteúdo da conversa. Por telefone,

ele foi demitido. Pedro, meio sem jeito, ficou encarregado de dar a notícia, mas estava claro que a decisão não havia sido dele. A motivação dada pelo dirigente foi o planejamento financeiro do clube. Sérgio contestou, e como argumento, disse que o clube havia recebido mais de R\$ 2 milhões em premiações por avançar nas duas primeiras fases da Copa do Brasil (30).

O responsável por fazer a ponte entre os dirigentes da AFE e Saul Klein era Marcelo Santoro. Era por meio dele que o presidente Carlos Salmazo fazia suas tratativas. Marcelo também era responsável por repassar as “sugestões” de Saul Klein à comissão técnica. Apesar de não assistir in loco, o investidor acompanhava todas as partidas. Alguns anos após a demissão, Sérgio soube que sua saída do comando foi motivada porque ele não atendeu a alguns dos pedidos do mandatário (31).

Era a brecha que Pedro Martins queria. Responsável por encabeçar o todo o Projeto Ferroviária ao lado de outros profissionais, o treinador viu, com a demissão de Sérgio, a possibilidade de buscar no mercado, um profissional alinhado com aqueles conceitos da “antiga Ferroviária”: treinadores jovens, com boas ideias, e futebol propositivo, com construção a partir da linha de defesa.

O clube, no auge da era Munhoz, tinha se destacado justamente por isso. Aquela era a janela perfeita para resgatar esse DNA. Foi nessa busca que o nome de Dado Cavalcanti apareceu. Não era um desconhecido, tampouco um medalhão. Era um técnico cuja carreira tinha a combinação improvável entre juventude e experiência. Aos 38 anos, tinha rodado mais do que muitos treinadores com o dobro da idade, sempre com a marca da ousadia e de um futebol construído com bola no chão.

A história de Dado começava antes mesmo de qualquer banco de reservas. Aos 17, deixará o interior pernambucano rumo à capital para tentar a vida como jogador nas categorias de base do Santa Cruz. Tinha técnica, visão de jogo, inteligência, mas faltava velocidade, e o corpo não acompanhava o que a cabeça enxergava. A tentativa no Náutico, entretanto, foi decisiva. Foi ali que conheceu Muricy Ramalho e, mais importante, ouviu um convite que mudaria tudo: estagiar na comissão técnica do time júnior.

Sua ascensão foi meteórica. No início da carreira, aceitou desafios improváveis, como comandar a Ulbra de Rondônia. Ali alcançou seu primeiro grande marco: tornou-se o treinador mais jovem do país a conquistar um título profissional, levantando o Campeonato Rondoniense com apenas 24 anos. No Santa Cruz, em 2009, levou o clube às oitavas de final da Copa do Brasil, eliminando o Botafogo no Engenhão, igualando a melhor campanha coral na história da competição.

Em 2013, levou o modesto Mogi Mirim às semifinais do Campeonato Paulista, praticando um futebol elogiado por comentaristas e estudado por outros treinadores. A equipe era intensa, ofensiva, inteligente, exatamente a síntese do modelo que Pedro Martins queria retomar para a Ferroviária.

Seu último capítulo antes da AFE havia sido no Bahia, onde liderou o projeto de aspirantes e era visto internamente como um formador extremamente qualificado. Com a pandemia, o projeto foi desmontado e ele ficou livre no mercado.

Dado foi confirmado como novo treinador do clube no dia 29 de abril, após mais de um mês da demissão de Soares. Em sua primeira fala pública como comandante, ele deixou

claro que enxergava um cenário complexo, mas também repleto de possibilidades. De maneira didática, explicou que o clube tinha diante de si três missões diferentes, que exigiam energia, planejamento e foco simultâneo (32).

Primeiro, havia o Campeonato Paulista. Embora a Ferroviária estivesse distante da zona de classificação, Dado acreditava que ainda existia uma chance matemática. Depois vinha a Copa do Brasil, que ele descreveu internamente como o grande trunfo financeiro e institucional da temporada. Dado sabia que cada avanço na competição representava cotas significativas de receita, além de exposição nacional em um ano esportivamente importante para o clube. Por fim, destacou aquele que considerava o campeonato-chave de 2020: o Brasileirão da Série D. Para Dado, o acesso era o objetivo mais importante do ano, porque significava mudar o patamar da Ferroviária, oferecendo um calendário mais competitivo, estável e financeiramente sustentável.

Com treinador novo e uma rara trégua no calendário, a Ferroviária aproveitou a pausa forçada pela pandemia para reorganizar o departamento de futebol e montar o elenco que disputaria a Série D, além de se preparar para a retomada do Campeonato Paulista.

O primeiro movimento foi ousado. A diretoria conseguiu trazer o zagueiro Anderson Salles, experiente, técnico, dono de boa batida de falta. A contratação era uma sinalização clara de que, apesar das turbulências internas, havia a intenção de entregar a Dado Cavalcanti uma equipe cara e competitiva. Em seguida, veio o que muitos torcedores consideraram um milagre: a renovação de Tony. O meia, valorizado no mercado e cobiçado por clubes da Série B, dificilmente permaneceria em Araraquara sem o aporte fi-

nanceiro de um investidor.

A movimentação no mercado não parou por aí. No total, outros sete reforços foram confirmados, entre eles dois nomes que mudariam o patamar da equipe: o atacante Bruno Mezenga, experiente, frio dentro da área, e o volante Dudu Vieira, destaque do Santo André na surpreendente campanha que colocará o time do ABC na liderança do Paulistão antes da paralisação.

DE VOLTA

Antes de qualquer treino, no entanto, veio o protocolo. Após meses de incertezas, o clube realizou testagens completas de COVID-19 em atletas, comissão técnica e funcionários, seguindo as exigências sanitárias impostas pelo Governo de São Paulo e pela Prefeitura de Araraquara. Só depois da liberação oficial, com laudos apresentados e estrutura reorganizada, o elenco voltou às atividades em 1º de julho.

A Fonte Luminosa reabriu suas portas silenciosa, vazia e marcada por distanciamento, mas, pela primeira vez desde a chegada de Saul Klein, parecia haver um fio de ordem no meio do caos. A Ferroviária respirava e se preparava para viver um dos períodos mais intensos de sua história recente.

A retomada do Campeonato Paulista aconteceu sob uma névoa de incerteza. No dia 22 de julho de 2020, quando o futebol paulista finalmente voltaria a ser disputado, a sensação geral era de que o campeonato estava sendo religado antes da hora.

A volta não poderia ser mais simbólica: Corinthians x Palmeiras, um clássico de repercussão nacional, televisado para milhões de pessoas e tratado pela FPF como o

“grande evento” capaz de marcar o retorno triunfal do estadual. Mas, nos bastidores, o clima estava longe de ser festivo. Havia apreensão, dúvidas e uma tensão que atravessava os clubes, as comissões técnicas e até a própria Federação.

Isso porque, apesar do denso protocolo elaborado pela FPF, com testes previamente exigidos, viagens restritas, monitoramento diário e recomendações de convivência, ninguém conseguia garantir 100% de segurança. Os testes PCR, embora eficazes, não eram infalíveis. Atletas podiam estar no período de incubação da doença, assintomáticos, ou poderiam se contaminar entre a testagem e o jogo. A própria Federação admitia, ainda que indiretamente, que trabalhava dentro de um limite de confiança, e não de certeza absoluta.

Pior ainda. Julho foi o mês, até então, com mais mortes por Covid-19 no Brasil. Foram quase 33 mil. (33) Era esse o contraponto que marcava aquele momento: o futebol retornava, mas a cada minuto morria mais gente no país.

A Ferroviária voltou a campo depois de mais de cem dias. A partida contra o Ituano, disputada no vazio melancólico do Canindé, marcou o retorno do Campeonato Paulista para o time, mas a tentativa de retomada de um clube que atravessava, simultaneamente, uma pandemia global e um terremoto interno provocado pelas decisões de Saul Klein.

O empate por 0 a 0 mantinha o time ainda na briga contra o descenso. última rodada, no Morumbi, a Locomotiva conseguiu uma vitória por 2 a 0 sobre a Inter de Limeira, resultado que garantiu a permanência no Paulista, sem muitos sustos. Mas as sensações que o time deixava no torcedor eram ambíguas. O clube vivia, pela primeira vez em décadas, um momento de investimentos capazes de montar um elenco para brigar na parte de cima da tabela, ao menos no papel. Só que dentro de campo, nada disso se traduzia

em algo grandioso. A Ferroviária competia, mas não empolgava. Os jogos transmitiam esforço, mas não identidade. A cada partida, a impressão era a mesma: o projeto tinha força no discurso e no orçamento, mas ainda não encontrava forma.

SÉRIE B NA SÉRIE D

A Locomotiva não parava de se reforçar para o segundo semestre. Vieram mais dois reforços do Santo André: o atacante Branquinho e o volante Nando Carandina, ambos com boa performance no Paulistão. Depois chegou Tiago Marques, velho conhecido que havia passado pelo futebol coreano, Ponte Preta e Água Santa antes de retornar à AFE.

À Locomotiva faltava ainda o jogo da volta contra o América-MG, pela Copa do Brasil, partida que deixava tudo em aberto. O time poderia avançar às oitavas de final de uma das maiores competições do país. Mas na partida contra o Coelho, a Ferrinha deu azar. Controlou o time durante todo o jogo, mas foi castigado com um gol no final. Eliminação doída.

Mas o foco deveria ser a Série D, que já batia à porta. Ainda deu tempo para a AFE anunciar o lateral Pastor, que estava no Coritiba. Finalmente, após quase dois meses de preparação, o time iria, enfim, estreiar na competição mais importante do ano.

A construção daquele elenco era um ponto fora da curva no futebol brasileiro em meio à pandemia. Enquanto boa parte dos clubes do país enfrentava atrasos salariais, cortes de elenco e redução de despesas para sobreviver à instabilidade econômica, a Ferroviária fez exatamente o contrário: manteve os vencimentos de funcionários e atletas rigorosa-

mente em dia e ainda reforçou o grupo com contratações em praticamente todas as posições. (34) Era o plantel mais caro da Série D, capaz até de competir com equipes da Série B. (35) O investimento era 50% maior do que nas temporadas anteriores. (36) A estreia com goleada por 4 a 1 sobre o Nacional do Paraná apenas reforçou essa impressão.

Porém, dois empates na Fonte Luminosa, contra Portuguesa-RJ e Cascavel, foram suficientes para Saul Klein aprontar de novo. Ele demitiu Dado Cavalcanti logo após a partida, mesmo invicto na competição.

Para compreender a dimensão da ruptura, é preciso voltar um pouco e entender como o treinador participava da construção daquele elenco. Dado detalhou que no Campeonato Paulista não havia feito indicações diretas. Os reforços que chegaram logo após o estadual contaram com algum nível de participação sua, como o volante Nando Carandina. Outros nomes, como Tiago Marques, foram escolhas de Pedro Martins, enquanto alguns, como o lateral Pastor, vinham do comitê gestor. Dado descrevia o processo como harmonioso: em alguns casos pediu jogadores, em outros apenas validou as escolhas já feitas, e em outros participou do processo sem ter sido o autor da indicação. (37)

Foi por isso que a demissão o surpreendeu de maneira profunda. Ele relatava que a decisão não teve relação direta com resultados nem com o rendimento da equipe, mas com o que classificava como uma divergência de condução. Segundo o treinador, Saul Klein passou a defender uma mudança brusca no modo como a equipe deveria jogar. Ainda que todo o planejamento inicial tivesse apontado para a construção de um time de posse e protagonismo, uma parcela da gestão passou a desejar outra rota, assim como nas outras demissões daquele ano.

Restava ao clube juntar os cacos e tentar uma nova empreitada no comando técnico. Leonardo Mendes, técnico do time sub-20, considerado promissor, assumiu o time de forma interina. Ele teve sua formação de treinador dentro do clube e tinha o DNA de jogo daquele Projeto Ferroviária. Mas mesmo após golpear o Toledo por 6 a 2, ele não foi efetivado.

A ÚLTIMA CARTADA

Para assumir o comando técnico, a diretoria afeana confirmou Paulo Roberto, treinador que havia conseguido êxito em divisões de acesso nacional sob o comando do São Bento. Era um nome pedido pela torcida, mas que também fugia dos padrões do clube. Padrões esses que naquele momento já haviam sido enterrados.

O dia a dia seguia pesado. Não que o elenco fosse rachado. O problema era fora de campo. Os olhos de Saul Klein andavam pelo clube e muitos jogadores tinham até medo de expressar a revolta por conta da desorganização em que se encontrava a gestão. Tony, líder do elenco e observador, entrava nos vestiários muito bravo, mesmo em jogos em que o time vencia. Ele já previa o que poderia acontecer. Era contra à maneira com que as coisas estavam sendo construídas dentro e fora de campo (38).

Paulo Roberto tem proposta de jogo reativa. Padrão de jogo que não se encaixa em um elenco que tinha como necessidade propor jogo com a bola no pé, sendo a principal folha salarial da competição. Tony e outros atletas conversavam com ele e propunham ao treinador a possibilidade de sair jogando. Mas a resposta era a mesma.

- Quando der, vamos. Mas primeiro vamos brigar pela segunda bola (39).

A Ferroviária seguia em duas frentes naquele segundo semestre, e a movimentação no mercado deixava claro que o clube operava em outra escala. Paralelamente à disputa da Série D, decidiu entrar também na Copa Paulista, com time comandado por Marcio Griggio, treinador de 49 anos que vinha do Sub-20 do São Caetano e que, assim que chegou a Araraquara, iniciou imediatamente os trabalhos.

A ganstança não tinha fim. Foram doze reforços apenas para essa frente alternativa, entre eles nomes que chamaram atenção pelo peso e pelo histórico recente. Velicka e Maurinho, atletas que até pouco tempo eram titulares de Campeonato Paulista, agora apareciam inscritos para atuar em um torneio de segundo escalão. Era evidente, pela movimentação do mercado e pelo perfil dos contratados, que a Ferroviária possuía fôlego para investir em duas competições simultâneas sem hesitar. Vale lembrar que a pandemia seguia a todo vapor, com vítimas diárias e paralisação de setores econômicos.

Era um time com pressa. Se antes a direção prezava a vitrine, com atletas jovens, tudo agora girava em torno do resultado. Por isso os jogadores contratados para ambas as competições tinham características imediatas. (40)

A Série D caminhava, até então, dentro da lógica. Com Paulo Roberto no comando, a Locomotiva acumulou goleadas, venceu com autoridade dentro e fora de casa e carimbou a classificação com rodadas de antecedência. O discurso insistente ao longo de toda a temporada. O primeiro mata-mata, porém, derrubaria essa narrativa.

O adversário era o Marcílio Dias, de Itajaí. No jogo de

ida, em Santa Catarina, nenhum dos dois conseguira furar a defesa adversária, um 0 a 0 que deixava aberta a decisão na Fonte Luminosa. Naquele momento, o favoritismo era da Ferroviária: jogava em casa, tinha tempo de trabalho maior, elenco mais numeroso e, segundo a lógica do investimento, “a obrigação de passar”. Mas decisão não respeita lógica.

O Marcílio chegou a Araraquara dizimado por um surto de Covid-19. (41) 17 pessoas entre jogadores e membros da comissão técnica haviam testado positivo. O clube tentou adiar a partida, Apelou à CBF, argumentou que entraria em campo sem oito titulares e sem seu treinador. Nada feito. Teve de jogar assim mesmo. E, ainda assim, não se comportou como um time encurralado pelas circunstâncias.

Quando a bola rolou, ninguém viu recuo, retranca ou medo. O time catarinense começou o jogo atacando, pressionando a saída de bola e mostrando que a noite não seria tranquila para a Ferroviária. A AFE demorou a se encontrar. Mas, aos 26 minutos, o cenário finalmente parecia entrar nos trilhos esperados: Anderson Salles antecipou a marcação após um escanteio e abriu o placar de cabeça. Depois do gol, porém, algo se quebrou. O time, que tinha elenco para se impor, recuou sem razão e permitiu que o Marcílio crescesse.

Veio o segundo tempo, e com ele a tempestade. A Ferroviária tinha o jogo na mão e todas as condições para administrá-lo com calma, mas a pressão catarinense aumentou. A equipe de Paulo Roberto começou a fazer faltas, perdeu o controle emocional, errou passes bobos na saída de bola e, aos 16 minutos, ficou com um a menos: Lucas Mendes, batido no lance, derrubou Medina e foi expulso.

A partir dali, a noite virou um pesadelo. Cinco minutos depois da expulsão, Alessandro cortou para dentro e chutou

rasteiro, sem chances para Saulo. O Marcílio empatava, e a Ferroviária desmoronava. O time, nervoso, parecia sentir cada segundo do relógio. Os erros continuavam se acumulando, e Saulo ainda salvou a Ferrinha em mais duas oportunidades claras.

Mas não resistiu para sempre. Aos 32 minutos, em uma falta cobrada sem força pela direita, a bola atravessou a área e encontrou Luiz Renan, que se esticou e desviou para o gol. Saulo tocou nela, mas não o suficiente para evitar a virada.

Nos minutos finais, o time se lançou ao ataque de forma desordenada, cruzando bolas na área, tentando algo no desespero. Materialização de um fracasso que ninguém naquele projeto ousava admitir como possibilidade. Pior: ficava sem vaga até mesmo para disputar a Série D do ano seguinte. Na Copa Paulista, o time foi eliminado pelo Marília. Mais uma decepção.

Ainda em dezembro, o clube anunciou que Paulo Roberto, não continuaria no cargo. O mundo desmoronou para a Ferroviária. No entanto, nem mesmo os maiores diretores pensariam em um roteiro tão devastador para a Locomotiva quanto o que estaria por vir.

- (1) <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/f0312200321.htm>
- (2) https://www.youtube.com/watch?v=IW3Ox0lgTsk&pp=ygUCXV1ciBwYVWdiciBxdWFudG8_
- (3) https://www.melhorcomprar.com.br/como-a-casas-bahia-se-tornou-uma-gigante-do-varejo-brasileiro/a?srsltid=AfmBOorJG9msM5mSvVw7xJqzEbc-Ulq4zEUhHqEE-d9UZSY5tFi2qD_Ep
- (4) <https://exame.com/negocios/racha-comando-casas-bahia-489711/>
- (5) https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6330389/ele-levou-o-sao-caetano-ao-vice-da-libertadores-adora-se-dono-da-ferroviaria-em-sao-paulo
- (6) <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-caetano/noticia/bilionario-diz-ter-doado-r-80-milhoes-ao-sao-caetano-e-rebate-criticas-so-tive-decepoes.ghtml>
- (7) <https://www.facebook.com/afeficial/videos/412672049394955>
- (8) <https://www.facebook.com/oscampeosdabolaoficial/videos/1855562307912764>
- (9) <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/11/12/herdeiro-das-casas-bahia-esta-perto-de-comprar-clube-do-paulista.htm>
- (10) Entrevista com Carlos Salmazo
- (11) <https://ferroviariasaf.com/2019/11/14/comunicado-oficial-ms-sports/>
- (12) <https://ferroviariasaf.com/2019/11/20/por-unanimidade-conselho-aprova-ingresso-da-ms-sports/>
- (13) <https://ferroviariasaf.com/2019/11/29/philip-klein-visita-a-ferroviaria-e-elogia-a-estrutura-do-clube/>
- (14) <https://www.youtube.com/watch?v=CwdTP6OkfY8pp=ygUjYmVlIHZpbmRvIHhhdWwga2xlaW4gdHJgZmVycm92aWYyaWE%3D>
- (15) <https://globoplay.globo.com/v/8152134/>
- (16) <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/12/10/herdeiro-das-casas-bahia-tem-rececao-de-estrela-para-assumir-a-ferroviaria.htm>
- (17) <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/times/ferroviaria/noticia/roque-junior-se-demite-do-cargo-de-diretor-de-futebol-da-ferroviaria.ghtml>
- (18) <https://portalmorada.com.br/vinicius-munhoz-se-despede-da-ferroviaria/>
- (19) (36)
- Entrevista com Carlos Salmazo
- (20)
- <https://ferroviariasaf.com/2019/12/16/atletas-retornam-de-emprestimo-e-realizam-avaliacoes-medicas/>
- (21)
- <https://ge.globo.com/go/futebol/times/goias/noticia/goias-vai-exercer-opcao-de-compra-de-tadeu-e-assinar-contrato-de-quatro-anos-com-o-goleiro.ghtml>
- (22, 23)
- <https://rciaraquara.com.br/ferroviaria/ferroviaria-faz-proposta-por-goleiro-que-disputara-a-serie-c-do-brasilero/>
- (24) (38) (39)
- Entrevista com Tony Carvalho, ex
- (25, 29, 30, 31)
- Entrevista Sérgio Soares
- (26)
- Entrevista sob sigilo
- (27)
- Entrevista com Pedro Lopes
- (32)
- <https://rciaraquara.com.br/ferroviaria/em-coletiva-virtual-ferroviaria-apresenta-treinador-dado-cavalcanti/amp/>
- (33)
- <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/01/32912-vidas-perdidas-julho-foi-o-mes-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>
- (34)
- <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodrigo-capelo/post/2021/06/08/especial-elite-do-futebol-brasileiro-piora-nas-financas-em-2020-e-dividas-dos-principais-clubes-chegam-a-quase-r-11-bilhoes.ghtml>
- (35) (40)
- Entrevista Pedro Martins
- (37)
- <https://araraquaraagora.com/noticia/2514/a-decisao-me-pegou-de-surpresa-diz-dado-cavalcanti-sobre-demissao-da-ferroviaria>

Capítulo 11.

Descarrilhou

Era mais um dia de trabalho para o repórter Pedro Lopes, que fazia parte do núcleo de esportes do UOL. Foi quando ele recebeu, por meio de um intermediário ligado ao futebol paulista, o recado de que Saul Klein queria conversar. O assunto seria a gestão do São Caetano, principalmente desavenças com o antigo presidente. Foi então que o jornalista marcou de encontrá-lo em sua luxuosa mansão em um condomínio em Alphaville, na cidade de Barueri. As cores da casa tinham tons que misturavam branco e paletas terrosas (1).

Logo na entrada, a abordagem causou estranheza. Ele não pôde entrar diretamente: um carro surgiu de dentro do condomínio e ordenou que o seguisse até a casa de Saul. Quando chegou, encontrou por volta de dez a doze carros estacionados diante da mansão e uma movimentação incomum de seguranças e funcionários: todos homens. De longe, avistou uma piscina, com vários quartos em torno da área. Parecia um local estrategicamente pensado para festas (2).

Ele adentrou à residência e foi colocado à espera numa mesa até que, enfim, Saul descesse uma escada interna. De longe avistou o anfitrião. Conforme caminhava, cada funcionário o cumprimentava da mesma maneira: “Bom dia, patrão”.

Durante a conversa, Saul, pessoalmente, foi cordial e simpático. Conversou sobre futebol e mostrou interesse em manter contato. Ele pediu para que um de seus funcionários anotasse o telefone do repórter. Prontamente atendido: “pois não, patrão”. A relação de poder era explícita, quase teatral. O repórter, que já estivera nas casas de jogadores milionários, de empresários de renome, até na do pai de Neymar, nunca tinha visto nada parecido. Sinal de alerta aceso (3).

Quando voltou à redação, decidiu investigar. Não porque intuía uma história criminal, mas porque não sabia nada, absolutamente nada, sobre a vida daquele homem que controlava clubes, investia dinheiro e circulava pelo futebol sem ser questionado. As primeiras buscas revelaram o improvável: processos judiciais de jovens, meninas de 17 a 19 anos, movidos contra Saul. Eram ações que relatavam contratos milionários firmados para “não falar nada sobre o que aconteceu dentro da casa”. Outras descreviam vínculos de trabalho absurdos, em que a função registrada era “modelo e cuidadora” ao mesmo tempo. E, conforme o repórter se aprofundava, encontrava mais peças soltas: ações que narravam rotinas da mansão, o convívio com dezenas de jovens, as pressões, as promessas de emprego, acordos de silêncio.

O passo seguinte foi apresentar tudo aos editores. O relato, àquela altura, já tinha peso suficiente para afastar qualquer dúvida: tratava-se de uma história muito maior que uma pauta de futebol. Ele resumiu o quadro: o herdeiro das Casas Bahia vivia rodeado de jovens de 16 a 20 anos; havia acusações de estupro, cárcere, violência psicológica; rituais estranhos envolvendo encenações teatrais dentro da casa; contratos para comprar silêncio. A redação, mesmo tomada pelo dia a dia, viu grandeza na história e orientou que a apuração avançasse com cautela e profundidade.

Foi assim que, no início de 2020, o repórter embarcou para Porto Alegre. Lá, ouviu as meninas e suas famílias. E o que encontrou não foi apenas material jornalístico. Foi sofrimento. Elas carregavam marcas profundas, falavam entre pausas longas, descreviam tratamentos psiquiátricos, traumas que se repetiam de forma assustadoramente semelhante entre si. Ali, face a face, ficou evidente que não se tra-

tava de caprichos de um milionário, mas de algo estrutural e devastador.

A pandemia, atrasou tudo. O contato com as vítimas ficou mais difícil, deslocamentos se tornaram inviáveis, e a história levou meses até ganhar forma final. Ganhou vida no dia do natal: 25 de dezembro. A colunista Mônica Bergamo, da Folha de S.Paulo, já havia revelado o caso em primeira mão, três dias antes, dando o furo inicial que colocou Saul Klein no centro da atenção pública.

O dossiê reunia as alegações de que o empresário estava com o passaporte retido pela Justiça e proibido de falar com as 14 mulheres que afirmavam ter sido vítimas dele. A defesa de Klein sustentava que ele era apenas um “sugar daddy”, alguém mais velho que sustenta financeiramente mulheres mais jovens em troca de afeto e relações, e alegava que tudo não passaria de um esquema de extorsão criado após ele deixar de contratar a empresa que intermediava mulheres para suas festas. (4)

A argumentação dos advogados dizia que as relações haviam sido consensuais, dentro das regras comuns desse tipo de relacionamento, e que a presença contínua das mulheres em eventos que se repetiram por meses ou anos seria prova disso. Afirmavam ainda que os conflitos só teriam surgido quando algumas delas buscaram vantagens financeiras.

Já os relatos das mulheres iam na direção oposta. Elas diziam receber entre R\$ 3 mil e R\$ 4 mil por semana, mas afirmavam ser submetidas a controle de peso, pressão para realizarem procedimentos estéticos e para manter relações sexuais com Klein sem preservativo. A rotina, segundo elas, tinha exigências incomuns: aulas de balé, piano, debates culturais e até apresentações teatrais baseadas em filmes da coleção do empresário. Pelo menos duas relataram problemas

de saúde e transtornos psicológicos após frequentarem as propriedades.

No mesmo dia em que a reportagem de Pedro foi ao ar, Saul, por meio de nota veiculada pela assessoria de imprensa da Ferroviária, anunciou que estava se afastando do comitê gestor da empresa (5).

“Eu, SAUL KLEIN, informo que estou me desligando, temporariamente, do Comitê Gestor de Futebol da Ferroviária. O motivo dessa decisão é uma investigação em andamento na Polícia e para a qual devo priorizar a minha atenção, em defesa da integridade da minha história e da minha família.

A partir do momento em que a verdade for restabelecida e reconhecida minha inocência, voltarei a trabalhar, com todo afinho, pelos interesses da Ferroviária” (6).

SILÊNCIO

O nome da Ferroviária ganhou destaque nos maiores noticiários. Em 27 de dezembro de 2020, o Fantástico levou ao ar, em sua última edição do ano, um dossiê completo do caso. Claro que em determinado momento da reportagem destacou que o empresário era dono do clube interiorano. (7)

Internamente, a ordem era trabalhar. A Locomotiva seguiu sua vida como se nada estivesse acontecendo. Certa vez, um funcionário pediu orientações à diretoria sobre como agir diante da crise de imagem que o clube se envolveu por conta da ligação acionária de Saul. A resposta foi seguir adiante. (8)

Carlos Salmazo exercia o papel de blindar o dia a dia,

tanto administrativo, quanto futebolístico do clube. Já na virada do ano, o time se reapresentou com remanescentes da temporada passada. A grande maioria dos atletas ficou e a AFE pôde, ao menos, contar com uma base para a disputa do Campeonato Paulista. Após o estouro do caso, a diretoria minimizava a interferência do extra-campo no clube. Mas o time demorou para se movimentar no mercado da bola. Passou janeiro inteiro sem um treinador contratado e sem anunciar reforços. No dia 16 daquele mês, Pedro Martins cedeu entrevista ao portal AcidadeON, e explicou que a diretoria tinha outros membros que poderiam tomar decisões por Saul. (9)

“O fato de uma pessoa estar passando por um problema particular, um processo que demanda uma resposta, não vai afetar o dia a dia do clube. Até porque o comitê gestor e toda diretoria são compostos por várias pessoas, que têm participação ativa no dia a dia do clube”.

De fato, Saul não estava presente nos corredores da Fonte Luminosa. Sua única visita a Araraquara foi naquela em que foi recebido como estrela no Aeroporto Bartholomeu Gusmão. No entanto, era onipresente nas ligações e recados. (10) No primeiro dia de fevereiro, após muita especulação na imprensa, Pintado foi anunciado como treinador da AFE. Foi uma decisão surpreendente, pelo fato de o técnico ter conquistado no ano anterior o acesso para a Série A do Campeonato Brasileiro no comando do Juventude.

Junto com ele, a Ferrinha anunciou o primeiro reforço, também considerado de peso. Vinicius Zanocelo, jovem meia de 20 anos que foi destaque da Ponte Preta na Série B de 2019, foi contratado em definitivo pelo clube após investimento de R\$ 2 milhões. No negócio, o clube deixou para trás a concorrência de Palmeiras, Corinthians, Athletico-PR

e Flamengo, e do mundo árabe.

Em sua primeira coletiva de imprensa como funcionário da Ferroviária, Pintado fez questão de elogiar Saul Klein. As palavras foram dadas de forma espontânea, sem ser incitada por qualquer pergunta da imprensa presente.

“Jamais deixaria de citar o nome de uma pessoa que sempre me ajudou na minha carreira profissional, que é o senhor Saul Klein. É um homem que eu só conheço o lado bom, que eu tenho muitas histórias boas para contar sobre ele. Já ajudou muita gente e já me ajudou em momentos difíceis na minha carreira”.

A fala levantou suspeita de que Saul, supostamente afastado, poderia ainda interferir no dia a dia da Locomotiva. Era notório que o investimento continuava alto. As cifras pagas pela Ferroviária referente ao passe de Zanocelo envolveram uma das maiores negociações da história do clube, que naquela ocasião tinha 70 anos.

O clube seguiu com reforços: os zagueiros Didi, Rayne e Xandão, o lateral-esquerdo Igor Fernandes, o volante Yuri e os atacantes Felipe Marques, Éverton Brito e Rogério chegaram para compor elenco com os que ficaram da Série D. O principal destaque foi o retorno de Renato Cajá, aquele que brilhou durante as disputas da Série A2 nos anos 2000, havia retornado já na fase final de sua carreira.

Pela primeira vez desde o retorno para a Série A2, em 2016, a Ferroviária venceu na estreia do Campeonato Paulista. Bateu a Inter de Limeira, por 1 a 0, com gol de Bruno Mezenga, de pênalti. Fora de campo, a coisa estava feia em Araraquara.

A cidade atravessava o pior momento da pandemia desde o início da crise sanitária. Em fevereiro de 2021, o sistema de saúde entrou em colapso, com UTIs e enfermarias

totalmente lotadas, filas de espera e profissionais exaustos. A prefeitura adotou medidas duríssimas de restrição, que incluíam o fechamento total das atividades não essenciais e o bloqueio temporário de entradas da cidade. A Locomotiva, mesmo envolvida em um dos maiores investimentos de sua história, caminhava em paralelo a uma população que lutava diariamente contra um vírus que voltava ainda mais agressivo. (12)

O contraste era inevitável. Enquanto recursos significativos eram aplicados para fortalecer o elenco, Araraquara emergia nos noticiários como um dos epicentros paulistas da variante P.1. A cada dia, o número de casos subia e familiares de atletas, funcionários e dirigentes conviviam com o medo constante. O clube, preso ao protocolo rígido do Campeonato Paulista, vinha mantendo testes frequentes, isolamento e limitações de circulação, mas era impossível ignorar o caos do lado de fora.

"MISSÃO CUMPRIDA"

A Ferroviária embalou logo nas primeiras rodadas do Campeonato Paulista. Nos cinco primeiros jogos, foram três vitórias, um empate e uma derrota, com direito a goleada por 5 a 0 contra o rival Botafogo-SP e triunfo de virada contra o poderoso Corinthians, por 2 a 1, com um golazo de falta do zagueiro Xandão, quase do meio-campo. O único tropeço naquele início havia sido para o Palmeiras, resultado compreensível diante do adversário mais poderoso do estado.

Mas a euforia durou pouco. Após a oitava rodada, o projeto sofreu mais um abalo. A Ferroviária anunciou que Pintado havia pedido demissão do cargo. O treinador

deixou o clube de forma repentina, menos de duas semanas depois de declarar publicamente que o foco estava na Locomotiva e que “a missão já estava cumprida”, uma frase que passaria a ser interpretada com estranhamento. Ele encerrou sua passagem com oito jogos, acumulando três vitórias, dois empates e três derrotas, um desempenho que colocava a Ferroviária na vice-liderança do Grupo B, atrás apenas do São Paulo.

Nos bastidores, a saída ganhou contornos de novela. Há algumas semanas, já se comentava que Pintado conversava com o Goiás, que buscava um nome experiente para disputar a Série B. O treinador garantia comprometimento com o projeto afeano, mas simultaneamente indicava jogadores ao clube do Centro-Oeste. A sensação entre funcionários e dirigentes era de que a decisão já estava tomada antes mesmo do comunicado oficial. Com isso, Pintado se tornava o sexto técnico a sair desde a chegada de Saul em dezembro de 2019. No dia seguinte, o novo comandante foi anunciado. E não era qualquer pessoa.

Nascido em Iracemápolis, interior de São Paulo, ele ficou conhecido pelos grandes talentos revelados pelo Santos no início dos anos 2000. Foi protagonista na reconstrução pós-Meninos da Vila, um meia de técnica refinada, chute forte, leitura de jogo diferenciada e precisão quase científica nas bolas paradas. Também integrou a seleção brasileira por quase uma década, presença constante em convocações, Copas Américas e Copa do Mundo.

Era o tipo de atleta que, mesmo sem a extravagância típica dos grandes astros, carregava um prestígio silencioso. Era Elano, ex-jogador que tentava dar seus primeiros passos como técnico de futebol. Começou no próprio Santos, ainda como interino, e teve passagens por clubes de diferentes ní-

veis do futebol brasileiro; Inter de Limeira, Figueirense, até chegar à Ferroviária.

Pintado havia deixado o time ajustado. Após a vitória por 1 a 0 contra o Ituano, em seu terceiro jogo à frente do elenco, a Ferroviária confirmou sua classificação para as quartas de final do Paulistão. Era o melhor momento desportivo da nova gestão. No mata o adversário seria o São Paulo, em jogo único, no Morumbi. Mais um registro importante para a história recente.

Na partida realizada na capital, Saul foi recebido pela diretoria do clube em um dos camarotes do estádio do Tricolor. Mesmo afastado, ele não tirava os olhos do que acontecia em seu time. Ele viu de perto a AFE ser eliminada após derrota por 4 a 2 diante dos mandantes.

NA TRAVE, MAIS UMA VEZ

Com um elenco completamente remodelado após o Campeonato Paulista, em que a boa campanha valorizou a maioria dos jogadores e inviabilizou suas permanências, a Ferroviária entrou na Série D. Elano Blumer permaneceu no comando e conduziu um processo de reconstrução total. A nova equipe engrenou de imediato.

Logo nas primeiras semanas, a Ferroviária passou a empilhar resultados. As vitórias se sucediam com naturalidade, a performance era consistente e a confiança crescia rodada após rodada. A Locomotiva atingiu uma marca histórica: 16 jogos de invencibilidade, número que igualava a maior sequência do clube, obtida entre 2006 e 2007, mas, desta vez, com peso ainda maior, porque ocorreu dentro de uma única competição, a Série D. Foram 12 vitórias e quatro empates,

com 83,3% de aproveitamento.

O ponto mais impressionante veio com o goleiro: em meio à campanha, Saulo ficou 1.041 minutos sem sofrer gols, tornando-se o 23º goleiro na história do futebol mundial com maior tempo de invencibilidade. O feito o colocou à frente de nomes como Rogério Ceni, Cláudio Bravo e Victor Valdés, um marco que ultrapassava a própria dimensão da Série D.

Dentro do vestiário, o elenco mostrava união ímpar. Jogadores experientes interagiam com os mais jovens, criavam rituais, alimentavam uma atmosfera de pertencimento. Havia um senso de propósito claro: o acesso. Nem todos, porém, conviviam bem com o estilo de Elano. (13) Ao mesmo tempo, a interferência de Saul Klein no dia a dia do futebol continuava, mesmo com Marcelo Santoro tentando impedir os ânimos do investidor, que já eram mais baixos em relação a 2020. Mesmo oficialmente afastado, mantinha contato constante com Elano. Depois das partidas fora de casa, viagens por Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e interior do país, o dono do projeto telefonava ainda no ônibus da delegação para dar sua análise do jogo, sugerir alterações, avaliar desempenhos individuais. A equipe seguia avançando fase a fase, mas a sombra do mandatário pairava sobre decisões técnicas e, sobretudo, sobre a escalação. (14)

Alguns nomes foram diretamente impactados. O volante PH, titular e regular, simplesmente deixou de ser utilizado após cair em desagrado com o investidor. Nunca mais voltou ao elenco principal. O mesmo ocorreu com Guilherme Castro, atacante elogiado internamente, destaque em treinos, mas sistematicamente excluído até mesmo das listas de relacionados. Jogadores e comissão técnica sabiam que

havia critérios invisíveis interferindo no projeto esportivo. O atleta chegou a questionar Elano:

“Não entendi nada. Poderia ter ajudado muito mais”.

O treinador respondeu de forma breve:

“Desculpa”. (15)

Apesar de tudo, a Ferroviária fazia sua melhor campanha na Série D. Chegou forte, decisiva, com futebol maduro e números de time que estava pronto para subir. A partida que valia o acesso foi contra o Atlético Cearense. Após empate por 1 a 1 na ida, os times fizeram o jogo da volta em Araraquara. A AFE pressionou, mas não conseguiu tirar o zero do placar. Decisão nos pênaltis e vitória cearense por 4 a 3. Mais uma vez ficou pelo caminho. Roteiro semelhante ao narrado nos primeiros capítulos desse livro, quando contamos a saga do time para chegar a Série A1. O mesmo martírio acontecia na Série D nacional.

E para alguns atletas, a derrota marcou mais do que a perda de uma vaga: significou a confirmação de que o projeto, tão promissor na teoria, estava com os dias contados. Saul Klein não tinha mais condições de seguir à frente da Ferroviária.

“NÓS VAMOS DESTRUIR A FERROVIÁRIA”

Por mais que a diretoria disfarçasse, tudo o que envolveu o nome do clube e o acionista afetou o trabalho interno. Muitos patrocinadores por compliance, deixaram de apor-

tar dinheiro. Saul injetava bastante, mas o clube ainda precisava das verbas oriundas de seus apoiadores.

Para 2022, Carlos Salmazo pediu ao presidente da FPF, Reinaldo Carneiro Bastos, adiantamento de verbas dos direitos de televisão para que a AFE pudesse formar o elenco que disputaria a Série A1 do Campeonato Paulista. O montante liberado pela entidade ultrapassou R\$ 2 milhões. O time, no entanto, contou com R\$ 11 milhões injetados pela empresa de Saul e outros R\$ 2 milhões de Giuliano Bertolucci, valor possivelmente dedicado às categorias de base. Mesmo com toda essa movimentação, a empresa encerrou o ano com R\$ 15,9 milhões de prejuízo. (16)

No Campeonato Paulista, o time escapou da queda na última rodada, e na Série D, não passou da primeira fase. Foram três técnicos diferentes no ano: Elano, Thiago Carpini e o retorno de Vinicius Munhoz. A conversa dentro do clube era de que poderiam resgatar a identidade do Projeto Ferroviária. Por isso Munhoz retornou. Mas eram outros tempos.

Observando de fora tudo o que estava dando errado naquele ano, Edinho convocou uma reunião com os dirigentes em seu gabinete para tratar dos problemas que rondavam o clube. Logo de cara avisou:

“Não vai dar. Nós vamos destruir a Ferroviária”. (17)

Foi então que ele pegou seu carro e dirigiu pela Washington Luís, sentido capital, para falar com Saul Klein, na mesma mansão visitada por Pedro Lopes e por tantas garotas que o acusaram.

Edinho pediu para Saul vender o clube. O empresário negou de cara. Ele não queria largar o osso. O prefeito ape-

lou:

“Se você não vender, a Ferroviária vai acabar”.

Com muita insistência, o acusado cedeu, mas não fez qualquer esforço. Ele apenas avisou:

“Acha quem quer comprar”.

Edinho estava com a cabeça a milhão. Ele estava encarregado de coordenar a campanha presidencial de Lula. Conciliava o trabalho com a administração da Prefeitura de Araraquara e a missão de encontrar um acionista à altura para tocar a Ferroviária. (18)

Em fevereiro de 2022 o jornalista Jorge Nicola noticiou que a Estrella Galícia, marca de cerveja espanhola, estaria interessada em comprar o clube. A cervejaria iria investir por volta de R\$ 2 bilhões em uma fábrica na cidade de Araraquara e por isso teria se interessado na compra. No entanto, a marca apenas estampou o uniforme do time como patrocinadora naquele ano. (19)

Edinho continuava sua saga. Ele chegou a oferecer a Ferroviária para Guilherme Bellintani, presidente do Bahia que havia intermediado a venda do clube para o Grupo City. Ele se interessou pela Locomotiva, mas com a condição de que o futebol feminino não fizesse parte do negócio. Aquilo foi uma facada no prefeito, que tem um carinho especial pelas Guerreiras Grenás. (20)

Foi então que surgiu a ideia de separar o departamento de futebol feminino por meio da antiga Associação Ferroviária de Esportes. Com o acordo em 2011, abordado o capítulo 6 desta obra, a entidade ficou livre de dívi-

das e poderia seguir adiante. Era uma alternativa para que os grandes empresários tivessem interesse na compra do clube, sem deixar de lado o futebol feminino, que poderia existir separado da entidade masculina, tocada por sua própria diretoria.

Também abriu-se espaço para que a Locomotiva mudasse seu regime acionário: a intenção era deixar de ser uma Sociedade Anônima (SA) e passar a ser uma sociedade anônima de futebol (SAF).

1,2,3 PEDRO LOPES ENTREVISTA

4 <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/12/herdeiro-das-casas-bahia-e-acusado-de-estupro-e-aliciamento-por-14-mulheres.shtml>

5, 6

<https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/times/ferroviaria/noticia/envolvido-em-denuncias-de-estupro-investidor-da-ferroviaria-comunica-afastamento-do-clube.ghtml>

7 <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/27/mulheres-acusam-empresario-paulista-de-aliciamento-e-estupro-mp-investiga-o-caso.ghtml>

8, 10 e 15 SOB SIGILIO

9 <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/times/ferroviaria/noticia/2021/01/18/ex-diretor-da-ferroviaria-nega-que-problema-de-saul-klein-com-justica-afete-clube.ghtml>

11

<https://www.acidadeon.com/araraquara/esportes/ferroviaria/pintado-e-apresentado-e-elogia-saul-klein-acusado-de-estupro/>

12 <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/25/pior-momento-pandemia-colapso-sistema-saude-estados.htm>

16 Balanço

17,18 e 20 Edinho

19 <https://portalmorada.com.br/jornalista-afirma-que-ferroviaria-sera-vendida-para-a-estrella-galicia/>

Capítulo 12.

Sociedade anônima de futebol

Este início de capítulo marca uma das poucas vezes que os autores desta obra se colocam em primeira pessoa ao longo de tantas páginas. Em certo ponto da nossa pesquisa, vimos que deveríamos dar um passo à frente em relação à nossa investigação jornalística para entender de fato o que aconteceu com a Ferroviária após virar SAF e o que mudava em relação à forma anterior como o clube era gerido. Assim que chegamos nessa parte, tentamos contato com Rodrigo Monteiro de Castro, o idealizador da lei da SAF no Brasil.

E, por incrível que pareça, ele topou a entrevista e pediu que fôssemos ao seu escritório. Mas havia um pequeno detalhe: o escritório ficava na Av. Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo, a mais de 300 km de Ribeirão Preto, onde grande parte da obra foi escrita. Veio o desespero, já que não é fácil ir para São Paulo de última hora. Tentamos ver os preços das passagens de ônibus, mas seria quase impossível levar os equipamentos de gravação, visto que também estávamos gravando em vídeo. Até que tivemos a ideia de ir de carro. O veículo da vez era um Uno duas portas de 1993, que um dia já foi azul. Porém, dessa forma, seria mais caro ainda devido aos gastos com combustível e pedágio.

Para captar recursos, buscamos apoio cultural com empresas locais de cidades vizinhas. Com muito esforço, conseguimos ajuda de três empresas: Protemac, Tecnit SA e AM Equipamentos Industriais. Saímos de Ribeirão Preto por volta das cinco horas da manhã, no 1º de outubro de 2024, rumo à Selva de Pedra. Sem nenhum perrengue, chegamos a São Paulo por volta das 9h20, regados a energéticos e salgadinhos baratos. A princípio, deu um pouco de medo enfrentar a Marginal Pinheiros nesse horário da manhã. A imensidão da cidade deixa qualquer um deslumbrado, ainda mais passando por pontos conhecidos, como o Allianz Parque e a sede da Federação Paulista, sem contar

as inúmeras placas indicando o caminho para o Autódromo de Interlagos.

Chegando à Faria Lima e ao prédio do escritório, deparamos com vários engravatados, iguais aos que costumamos ver em séries e filmes. Levaram a gente até uma sala imensa e falaram para montarmos os equipamentos e arrumarmos o cenário da forma que quiséssemos, pois em alguns minutos o Rodrigo entraria para nos atender. Quando ele entrou na sala, ele foi muito receptivo e nos explicou, em detalhes, desde a ideia até a criação da lei.

COMO FUNCIONA A SAF EM RELAÇÃO AOS OUTROS MODELOS?

A SAF (Sociedade Anônima do Futebol), criada em 2021 pela Lei 14.193, representa a iniciativa mais moderna de reorganização do futebol brasileiro. O modelo transforma o clube em empresa, estabelece regras de governança, facilita a entrada de investidores e separa o departamento de futebol do passivo acumulado pelas associações. A proposta busca profissionalizar a gestão e blindar o desempenho esportivo das crises administrativas que marcaram boa parte da história dos clubes. (1)

O clube social, por sua vez, é o modelo tradicional que moldou o futebol no país. Nesse formato, o poder está nas mãos dos sócios, que elegem dirigentes e participam das decisões internas. Sem fins lucrativos, a instituição funciona como uma associação e assume, em seu próprio nome, todas as dívidas e obrigações. É um sistema que preserva identidade e participação comunitária, mas que também sofre com limitações financeiras e com a influência constante da política interna, justamente o tipo de interferência

que a SAF procura minimizar.

Entre esses dois formatos está o clube empresa (SA), adotado por algumas equipes antes da criação da SAF. A transformação do futebol em uma empresa comum, regida pela Lei das Sociedades Anônimas, trouxe maior profissionalização e permitiu a entrada de acionistas. No entanto, não solucionou os problemas estruturais dos clubes, já que esse modelo não possui regras próprias para lidar com dívidas esportivas nem mecanismos específicos de reorganização. A SAF surge justamente para preencher essa lacuna, oferecendo um ambiente mais seguro para investidores e um caminho mais transparente e previsível para a gestão do futebol.

A SAF foi criada para gerir o futebol de um clube. Ela pode receber investimentos, emitir ações, captar dinheiro no mercado e funcionar com obrigações típicas de qualquer sociedade anônima, transparência, auditoria, metas e responsabilidade fiscal. (2)

À medida que detalhava o processo, ficava evidente que, para ele, a SAF não era uma fórmula milagrosa, mas uma resposta necessária a uma realidade incontornável. Explicou que o futebol brasileiro já vinha há anos preso a um modelo de gestão incapaz de sustentar clubes endividados, e que a lei surgia como uma alternativa para reorganizar o setor, trazendo profissionalização, governança e responsabilidade fiscal. Não se tratava de entregar o clube a um investidor, mas de criar um ambiente em que fosse possível atrair capital, estruturar operações e evitar que dívidas se tornassem um abismo intransponível.

Rodrigo falava com naturalidade e clareza. A certa altura, destacou que muitas pessoas acreditavam que a SAF era um projeto exclusivo para recuperar gigantes atolados em

dívidas, como Cruzeiro, Botafogo ou Vasco. Ele apontava justamente o contrário: clubes médios ou pequenos também tinham espaço nesse ambiente, especialmente aqueles que historicamente funcionaram como pólos de formação de jogadores. Não haveria um único modelo de sucesso. Cada SAF seria desenhada conforme a realidade e o objetivo de cada clube.

Ao mencionar essa diversidade, Rodrigo citou que uma equipe do interior, por exemplo, não precisava, nem deveria, se comparar a um gigante nacional. A lógica era outra. Para muitos desses clubes, o foco poderia continuar sendo a formação de atletas e o desenvolvimento local, com maior capacidade de planejamento e proteção jurídica. Explicou que o formato empresarial permitiria ao futebol do interior escapar de ciclos políticos curtos e, enfim, pensar em permanência, algo raríssimo no país.

Nos minutos finais, Rodrigo reforçou que, apesar da euforia inicial gerada pela lei, o caminho real seria trabalhoso, com erros e acertos, avanços e retrocessos. Haveria clubes que se consolidariam, outros que fracassariam, e isso era parte natural do processo. Mas, para ele, a grande mudança estava no simples fato de que, agora, existia um instrumento jurídico capaz de oferecer alternativas. Algo que o futebol brasileiro não possuía até então.

SOLUÇÃO CASEIRA

No dia 25 de maio de 2022, o conselho da Ferroviária deliberou pela aprovação da transformação do clube em SAF e conferiu poderes à diretoria para realizar todos os procedimentos formais, da elaboração do estatuto social aos registros oficiais. A ata foi lavrada e assinada pelos presen-

tes, consolidando juridicamente uma decisão considerada histórica e capaz de moldar o futuro da instituição de forma estruturada e profissional. Todas as páginas do documento trazem as assinaturas dos participantes. Felipe de Nóbrega Calisto Silveira presidiu a mesa, enquanto Julio Cesar Carneiro atuou como secretário. Faziam parte do conselho de administração Emerson Carlos, Mateus Antonio Estrella, Marcelo Rodrigues, Marcelo Santoro e Murilo José Cantarelli Cunha. Enzo Rodrigues ocupava a função de Diretor Vice-Presidente e Carlos Alberto Salmazo desempenhava o cargo de Diretor Presidente, completando o quadro de liderança responsável por essa transformação. (3)

Após buscas por um novo proprietário, a Locomotiva encontrou interesse em alguém que já fazia parte do projeto: Giuliano Bertolucci. O grande empresário, que terceirizava a base da Ferroviária, decidiu arrematar as ações da nova Ferroviária SAF, instaurada oficialmente no novo modelo em junho de 2022. Mas o processo de compra ainda se arrastaria por muito tempo.

Saul Klein demorou para assinar a venda e fazer a transição. Tudo isso atrasou o planejamento do clube para 2023. O acordo foi confirmado e anunciado somente em dezembro de 2022, há menos de dois meses para o início da competição. Os novos investidores pouco puderam intervir na formação do elenco, que já estava adiantada. (4)

Apesar de efetuar a compra, Giuliano Bertolucci não ficaria à frente do negócio. Mas sim seu filho, Filippo Vilella Duarte Bertolucci, o Pippo, que já ficava de olho na base do clube araraquarense, com o intuito de administrar os negócios do pai.

No mesmo mês em que foi anunciada a compra, as demonstrações do clube apontaram um prejuízo acumulado

de R\$27 milhões. O novo grupo acionário seguiu com a compra mesmo assim. Tudo foi colocado em contrato e eles decidiram arcar com as despesas. (5)

A montagem do elenco para o Campeonato Paulista de 2023 foi realizada ainda sem o amparo dos Bertolucci, que apesar de auxiliarem em algumas negociações, não participaram ativamente da montagem. Entre as peças mais importantes daquela campanha estava John Kennedy, jovem atacante revelado pelo Fluminense, que viria a se tornar campeão da Libertadores meses depois, sendo protagonista na final contra o Boca Juniors. Em Araraquara, JK marcou seis gols e foi o principal nome da equipe ao longo do estadual. Mesmo assim, o talento do jovem não seria suficiente para evitar o desfecho mais doloroso para os afeanos: o rebaixamento para a Série A2 após oito anos consecutivos na elite paulista.

A queda, abrupta e simbólica, veio justamente no ano de virada institucional, o ano no qual a Ferroviária finalmente avançava para completar sua transformação em Sociedade Anônima do Futebol. O impacto esportivo era profundo. Rebaixada, a Ferroviária entraria no segundo semestre obrigada a conquistar o acesso na Série D, ou correria o risco de reviver o cenário de 2015: um calendário esvaziado, sem divisão nacional e novamente fora do círculo competitivo que sustentará o crescimento esportivo da última década. Era um atraso de dez anos.

Com a queda no Paulista, as primeiras medidas foram rápidas: a diretoria executiva foi reformulada e uma limpeza profunda começou no departamento de futebol. Saíram nomes tradicionais do clube, inclusive gestores que vinham de gestões anteriores. Para ocupar a função mais sensível da reconstrução, o futebol, a direção escolheu Júnior Chávare,

dirigente experiente e reconhecido na formação de atletas. A escolha mudaria o destino do clube.

Durante o Campeonato Paulista, Munhoz deixou o cargo e deu lugar a Elano, que retornou após passagem em 2021 e 2022. A Ferroviária iniciou a Série D pressionada. O trauma do estadual ainda era recente e, fora dele, o risco de apagar anos de trabalho era enorme. A montagem do elenco, liderada por Chávare, teve foco em coerência, perfil competitivo e ambiente. A SAF buscava se descolar dos problemas recentes, e o novo diretor conseguiu criar, em poucas semanas, um vestiário funcional, unido e disciplinado.

DEMOROU PRA EMBALAR

A Série D começou com mais um capítulo turbulento. A Ferroviária ainda vivia sob os reflexos do período anterior. Elano Blumer era, naquele momento, o nome mais conhecido e também o maior alvo. Depois de sucessivos insucessos, eliminações precoces e uma cidade inteira exausta de promessas não cumpridas, o desgaste foi ficando evidente. Elano já não conseguia se conectar com o ambiente. Não era apenas o time que patinava: o clima ao redor dele azedou. A paciência da torcida estava no fim, e apesar de ele ter a confiança da diretoria, o sentimento era de que o ciclo tinha se esgotado muito antes do previsto.

Assim, a saída veio em comum acordo. Oficialmente, um consenso entre as partes. Na prática, um alívio mútuo. Elano deixava Araraquara e a Ferroviária, por sua vez, fechava mais um capítulo de um projeto que, a essa altura, acumulava mais frustrações do que resultados concretos.

Com a troca no comando a diretoria efetivou Alexandre Lopes, técnico da equipe sub-20. A equipe ainda demoraria

a engrenar. A primeira fase da Série D foi repleta de empates insossos, atuações travadas e uma dificuldade enorme de transformar partidas dominadas em vitórias. O time quase se complicou de forma irreversível. Chegou a flertar com a eliminação precoce ainda na etapa de grupos.

A virada só começaria a aparecer na metade da campanha, quando Lopes finalmente conseguiu dar ao time algum padrão. A goleada por 5 a 1 sobre o Cascavel, fora de casa, virou um ponto de inflexão. Mas até ali, o cenário estava longe de ser confortável. A Ferroviária seguiu sofrendo, tropeçando, sobrevivendo mais do que propriamente jogando bem. Classificou-se, sim. Mas sem sobras. Sem brilho.

A Ferroviária chegou ao mata-mata com a alma esfolada, mas viva. Era um time que havia sofrido mais do que jogado, que tinha superado troca de técnico, interferência de dirigente, desgaste interno e uma primeira fase que beirou o fracasso. Mas, quando a fase de eliminação direta começou, algo mudou. O grupo se fechou. O elenco, criticado durante meses, tomou para si um pacto silencioso: ninguém derrubava mais a gente.

NOVAMENTE OS MATA-MATAS

Foi assim que veio o confronto contra o Hercílio Luz, um adversário duro, que fazia campanha sólida e carregava a confiança de ser o time com a maior invencibilidade em casa de todo o futebol brasileiro. O último tropeço no Estádio Aníbal Torres Costa havia sido em novembro de 2021. Desde então, 29 jogos sem perder em Tubarão. Um território onde ninguém entrava e saía sorrindo.

Era, portanto, o cenário perfeito: o clube catarinense vivendo um momento histórico; a Ferroviária, uma tem-

porada que parecia condenada. Para muitos, um confronto desigual. Para Araraquara, uma oportunidade de renascer.

Na ida, os times empataram por 1 a 1. O jogo de volta parecia condenado, já nos minutos finais, a AFE via o filme se repetir com mais uma eliminação. Ela havia sofrido a virada, após Antônio Gabriel ter aberto o placar. Foi então que, aos 51 do segundo tempo, aconteceu o momento que só o futebol é capaz de construir.

Marcos Nunes cobrou o escanteio. O zagueiro Maílson desviou e a bola sobrou nos pés do volante Pablo Gabriel para empurrar para o fundo das redes. Histórico! Foi o gol que salvou o futuro da Ferroviária. O estádio inteiro pareceu demorar dois segundos para entender o que havia acontecido. Os jogadores da AFE vibravam como se tivessem ganho uma Copa do Mundo. A torcida do Hercílio fazia um silêncio ensurdecedor. Nem mesmo as cobranças de pênaltis, que tanto castigaram a Ferrinha, conseguiram atrapalhar. Saulo pegou uma cobrança e garantiu a classificação.

O duelo seguinte, contra o Anápolis, foi o exato oposto do drama anterior e talvez por isso mesmo tão importante. O time goiano vinha forte, mas a Locomotiva parecia, enfim, ter encontrado sua rota. Maturidade, confiança e organização entraram em campo.

Em Araraquara, a Ferroviária controlou o jogo, criou mais chances e venceu sem sobressaltos. Foi 1 a 0 com autoridade. Na volta, em Goiás, a performance foi inteligente: marcação compacta, posse paciente, maturidade defensiva. Nova vitória por 1 a 0, com os gols em ambos os jogos sendo marcados por Paulinho Santos.

A BATALHA DE SOUSA

O primeiro capítulo dessa história começou na Fonte Luminosa, em um jogo que, desde o aquecimento, tinha cheiro de decisão. O jogo foi amarrado, tenso e de poucas chances. O relógio avançava, a ansiedade pairava, e a sensação era de que qualquer detalhe poderia decidir para o bem ou para o mal. Até que, já na segunda etapa, aconteceu o lance que mudaria o rumo do confronto. Após cruzamento da direita, Pilar mergulhou de carrinho na bola e balançou o barbante. Foi o suficiente para garantir a vitória. O time grená dava um passo importante para ascender nacionalmente.

Logo após o apito final, o Sousa divulgou uma nota oficial denunciando episódios de xenofobia por parte de alguns torcedores afeanos, que teriam insultado jogadores e membros da delegação paraibana com termos depreciativos. A AFE se preparava para um ambiente inflamado, falas exaltadas, discussões e troca de provocações no jogo da volta.

Nos dias que antecederam o segundo duelo, em Sousa, a atmosfera foi esquentando. A cidade tratava o jogo como um dos maiores de sua história. No dia do confronto decisivo, a Ferroviária entrou em um Estádio Marizão quente, com gramado pesado e com a torcida adversária tomada por um frenesi que só jogos de acesso conseguem produzir. A pressão era sonora e constante, um coro que tentava engolir qualquer tentativa de tranquilidade afeana.

Mas logo no começo, a Locomotiva deu o primeiro golpe. Em um ataque quase despretensioso, veio o arremesso lateral. A bola foi esticada, o cruzamento saiu baixo, e Xavier, mais um herói improvável, apareceu de primeira, batendo firme no canto alto. O gol colocava o time ainda mais próximo da Série C.

O Sousa, porém, não cedeu. Empurrou-se ao ataque e

pressionou, especialmente pelo alto, até que, no final do primeiro tempo, Luís Henrique empatou em cobrança de falta. O gol incendiou o Marizão. O segundo tempo foi de sufoco, sem estética: chuva de cruzamentos, pressão territorial, bola alçada na área, a Ferroviária se defendendo com unhas, carinhos e nervos. Mas resistiu. O empate por 1 a 1, somado à vitória na Fonte Luminosa, sacramentava o acesso. No ano decisivo, a Ferrinha não morreu na praia.

O FUTURO É AGORA

2024 foi, desde o primeiro dia, um ano que parecia carregar em si um prenúncio de virada, mas também de provação. A Ferroviária iniciou sua caminhada pressionada para retornar logo no primeiro ano de Série A2, à elite de São Paulo. Alexandre Lopes, o treinador que havia conduzido a AFE ao acesso no ano anterior, foi mantido e comandou toda a temporada. Mas o futebol, que não costuma respeitar o passado, cobrou o presente de forma implacável. Uma vitória em quatro jogos foi o suficiente para que, ainda em janeiro, a porta se fechasse.

A chegada de Vinícius Bergantin trouxe um lampejo de estabilidade, mas não o suficiente para acalmar os dias. Mesmo perdendo apenas uma vez em toda primeira fase, a Locomotiva nunca encontrou a velocidade necessária. A eliminação diante do Juventus, nos pênaltis, feriu a alma da torcida. Mais do que o resultado, doeu ver o time distante da expectativa e ouvir o estádio criticar, xingar, cobrar. A relação não estava boa.

Mas ali, justamente ali, começava o que ninguém saberia prever: o renascimento. O clube se reformulou. Jogadores deixaram o elenco; novos chegaram. Entre eles,

Carlão, premiado pela campanha histórica no Noroeste na Série A2 daquele ano. A Série C começou com dois empates, depois mais empates, mas por trás dos jogos truncados havia algo que o torcedor ainda não percebia com clareza: a Ferroviária tinha a melhor defesa do campeonato. Nove gols sofridos em dezenove jogos. Uma fortaleza. Um alicerce.

E enquanto o campo buscava sua forma, fora dele o clube também mudava. O diretor Sidiclei Menezes, que havia acumulado passagens na diretoria, deixou o cargo após divergências internas, e Jorge Macedo assumiu a condução do futebol. A equipe se consolidou. Cresceu. Tomou forma. Alcançou uma sequência invicta de 21 jogos. E quando tudo parecia, enfim, alinhado, o destino testou a Ferroviária mais uma vez.

Vinícius Bergantin, o treinador que organizara a caminhada, anunciou sua saída repentina para assumir o cargo de auxiliar no Flamengo. O vestiário sentiu. A cidade estremeceu. A dúvida voltou.

Mas no futebol, como na vida, às vezes a dúvida é uma porta. E quem entrou por ela foi Júnior Rocha. Mesmo sem nunca ter conquistado a empatia do grupo, os jogadores mantiveram-se focados no que poderia ser feito. A AFE foi para o quadrangular final com apenas uma derrota.

O Grupo C, com Ypiranga, Londrina e Athletic, prometia dureza. E entregou exatamente isso. O primeiro jogo, em Erechim, foi um empate morno, por 0 a 0. Mas na Fonte Luminosa estava guardando algo maior: duas viradas épicas, ambas por 3 a 2, contra Londrina e Athletic. Duas noites que reacenderam um orgulho adormecido. Duas noites que fizeram o país olhar novamente para Araraquara.

Os mais novos, surpreendidos.

Os mais velhos, emocionados.

Os mais céticos, desmontados.

O acesso à Série B, o primeiro em trinta anos, ficou há três pontos de distância. Mas se você chegou até aqui, já deve ter entendido que as coisas nunca são fáceis para a Ferroviária. No primeiro jogo da volta do turno, contra o Athletic, perdeu por 3 a 0. Na sequência, com três falhas de Saulo, ela foi derrotada por 3 a 2 contra o Londrina.

O time grená foi para a fase final, ainda dependendo só de si para subir, mas com o emocional abalado. No entanto, o elenco foi embalado pelo slogan “Ferroviária é para quem acredita”, criado por Jonatan Dutra às vésperas do duelo decisivo contra o Ypiranga, a torcida afeana foi à Fonte repleta de esperança.

O resultado foi 4 a 2 para a Ferrinha e acesso assegurado para a Série B. Nesta partida, Carlão marcou três gols e se fixou como um dos grandes nomes do comando de ataque afeano.

E se o livro termina aqui, a história, como sempre acontece com a Ferroviária, só está começando de novo.

Porque a Locomotiva Grená pode até atrasar, se perder, ser prejudicado, mas nunca deixa de voltar aos trilhos.

1 e 2. MONTEIRO DE CASTRO, Rodrigo R. Mercado do futebol e a Lei da SAF: pressupostos e fundamentos. São Paulo: Editora Contra Corrente, 2022.

3. ASSOCIAÇÃO FERROVIÁRIA DE ESPORTES. Ata da Assembleia Geral realizada em 25 de maio de 2022. Araraquara, 25 de maio de 2022.

4.. SILVA, Edinho. Entrevista concedida aos autores desta obra. Araraquara, out. 2

5. FERROVIÁRIA S.A.F. Balanço patrimonial consolidado encerrado em 31 de dezembro de 2023. Araraquara, 2023.